UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
ÁREA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

ANTONIO LORENZO DORMAL CALLEJA

**O português falado no Suriname (PFS): um estudo inicial
sobre a fala espontânea de brasileiros em Paramaribo**

Versão corrigida

São Paulo
2019

ANTONIO LORENZO DORMAL CALLEJA

O português falado no Suriname (PFS): um estudo inicial sobre a fala espontânea de brasileiros em Paramaribo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre na área de Filologia e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Versão corrigida

De acordo

A handwritten signature in dark ink, reading "Márcia S. D. de Oliveira". The signature is written in a cursive, flowing style. The first letter 'M' is large and stylized, with a long vertical stroke. The rest of the name follows in a similar cursive script.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

D712p	<p>Dormal Calleja, Antonio Lorenzo</p> <p>O português falado no Suriname (PFS): um estudo inicial sobre a fala espontânea de brasileiros em Paramaribo / Antonio Lorenzo Dormal Calleja ; orientadora Márcia Santos Duarte de Oliveira. - São Paulo, 2019.</p> <p>171 f.</p> <p>Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.</p> <p>1. Português falado no Suriname(PFS). 2. Linguística de Contato. 3. Fala espontânea. 4. Situação de "manutenção de língua". 5. Empréstimo lexical e estrutural. I. Oliveira, Márcia Santos Duarte de, orient. II. Título.</p>
-------	--

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Antonio Lorenzo Dormal Calleja****Data da defesa: 23/05/2019****Nome do Prof. (a) orientador (a): Márcia Santos Duarte de Oliveira**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 22/07/2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

Nome: DORMAL CALLEJA, Antonio Lorenzo.

Título: O português falado no Suriname (PFS): um estudo inicial sobre a fala espontânea de brasileiros em Paramaribo.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filologia, Letras e Ciências Humanas da *Universidade de São Paulo* para obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua Portuguesa

Aprovado em: 24 de maio de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Márcia Santos Duarte de Oliveira
Universidade de São Paulo (USP) - Presidente/Orientadora

Prof. Dr. Ednalvo Apóstolo Campos
Universidade Estadual do Pará (UEPA)

Prof. Dr. Emílio Gozze Pagotto
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Prof. Dr. Marcelo Módolo
Universidade de São Paulo (USP)

Este trabalho foi fundamentado em experiências de minha vida e todos os que constam nessa dedicatória fazem ou fizeram parte dela de maneira muito especial. Quero, portanto, dedicar este meu esforço a todas essas pessoas.

A minha família, começando pelos que já não estão, os meus “*güelos*” Francisca, Carmen, Antonio “El Clarito” e Lorenzo, que são a raiz da minha ancestralidade. Aos meus pais, Maricarmen Calleja e Jerónimo Dormal, força inquebrantável de apoio, inspiração e energia para conseguir a realização pessoal daquilo que parecia ser impossível. A minha filha, Jamayka Azevedo Dormal, amor incondicional, presente e futuro de minha vida, com todo o meu carinho e orgulho! Ao meu irmão Pablo Dormal, sua companheira Waithira Kanweru e o fruto do seu amor, meu sobrinho Aquiles Dormal. A minha companheira Deise Oliveira de Amorim, superação constante, amor e sorriso brilhante.

Ao amigo e compadre Afonso Celso Reis, “Afonzinho”, e toda sua família que me ajudaram a trilhar meu assentamento no Rio de Janeiro. À família Calafiori pelo carinho inicial em minha chegada ao Brasil.

À “*kasa ocupada*” e encantada de NN27, em Amsterdã, sempre minha casa e a todos os duendes que nela habitaram (Dennis “the menace”, Erick, Johanna “gimme hope”, Karen, Ruud, Bas, Nouzen e Provo) por compartilharem as experiências de que um mundo melhor é possível, *gaat door!* A Martijn Dissen pelo apoio quando não tinha nada e por sua amizade infinita. A Carlo, amigo inseparável, poliglota por natureza.

A Sankofa Maakido, no Brasil, meu outro irmão de sempre, para o bem e para o melhor.

À família de Ras Kury, em Port Antonio, e a Eukley Philips, de Moore Town, por me falar de Nanny the Maroon – em Jamaica, a todos *nuff respect!*

Aos povos originários do mundo e a todos e todas os maroons que lutaram contra todo tipo de opressão e de tirania. A Marielle Franco, sempre viva; aos Zapatistas, a Bob Marley, The Clash e La Polla Records “Não Somos Nada!”.

ONE LOVE!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a pessoa que aceitou o desafio e compartilhou o caminhar deste trabalho: minha orientadora Márcia Santos Duarte de Oliveira, uma mulher que conseguiu enxergar em mim uma enorme vontade, mesmo com muitas limitações, de fazer, explorar, estudar, atestar, escrever e finalmente reatar, em forma de dissertação, este trabalho que recolhe fragmentos vivos de minha história. Tudo isso só foi possível pelo seu extremo comprometimento com uma educação pública de qualidade e seu enorme profissionalismo. Só ela sabe o quanto tem a ver, tudo isso aqui, com superação própria, esforço e, de novo, vontade de crescer como pessoa e como acadêmico. Agradeço por me abrir as portas da Linguística de Contato com tanto carinho e competência. Independente dos caminhos que a vida nos depare, sempre estarei muito agradecido!

A Maria de Lurdes Zanolli, uma pessoa e colega que me ajudou desde o primeiro dia em minha caminhada neste mestrado na USP. Foi um apoio e também inspiração de luta e capacidade.

Aos professores que compuseram a banca de qualificação e tanto conhecimento aportaram com seus comentários: Marcelo Módolo e Ednalvo Campos.

Ao professor Emilio Pagotto que fez importantes colocações ao meu trabalho no evento do COPED- USP.

Aos professores que tive durante as disciplinas cursadas no mestrado: Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araujo, Profa. Dra. Briseida Dôgo Resende, Profa. Dra. Maria Celia Lima Hernandez, Profa. Dra. Fraulein Vidigal de Paula, Prof. Dr. Marcelo Módolo e Profa. Dra. Márcia Oliveira.

Aos Professores Heliana Mello e Tomaso Raso, organizadores do C-Oral-Brasil – LEEL/UFMG –, pelo aprendizado inicial no tocante à Linguística de *Corpus* e quanto à metodologia para a captação e organização da fala espontânea.

Aos alunos da disciplina de Introdução aos Estudos de Língua Portuguesa (IELP II, 2018) que participaram da tarefa de transcrição de parte do *corpus* do português falado no Suriname como tarefa ligada à disciplina e assim se configurando como apoiadores dessa pesquisa: Ana Cristina Fernandes de Sousa, Anna Flavia

Spinardi, Beatriz Aparecida Finco de Souza, Beatriz Morelatto, Bruna Aparecida da Silva, Caio M. Labate, Camila da Silva Vieira, Camilla Aparecida Araújo Almeida, Carolina de Jesus Almeida, Celina Silva Lizidatti, Clara Monte, Claudio Vinicius Bastos Dias, Debora Souto, Felipe Matias Fernandes Soares, Flavia Biazini C. de Assis, Gabriel Lucas Batista, Gabrielle de Lima Gomes, Giovana Tavares Tonela, Giullia Braga de Sousa, Helena Albert Bachur, Júlia Loffreda Costa Júlia V. Rogano, Juliana Cristina Menezes Ângelo, Laís Braz Siqueira, Leonardo Vieira Mendonça, Leticia de Paula Pereira, Luiz Henrique Aguiar de Souza, Luiz Henrique Feliciano dos Santos, Mariana Neves Silveira, Marina Anastácio Chan, Marina G. Z. Machado, Naomi Santos Martinez, Pedro H. Missio, Sabrina Pereira da Silva, Sofia Reis Moura, Thais M. de Souza Gonzaga, Verônica M. N. Handa, Victoria Kao, Vitoria C. Leandro da Silva.

Ao escritor e “lenda” em prol das defesas dos brasileiros imigrantes no Suriname pelo seu apoio a minha pesquisa: Don José Paulo Ribeiro; ao Pastor Abimael Silva por seu conhecimento da cultura e línguas do Suriname e por sua ajuda quanto a dificuldades ligadas à transcrição dos áudios.

Toda a pesquisa não seria possível sem a colaboração desinteressada de todos os Auxiliares Linguísticos no Suriname. Foi impressionante e comovente perceber cada um de seus relatos ligados à tenacidade e à construção de novas vidas em espaço estrangeiro. Vocês são parte da história da diáspora brasileira. Sou extremamente grato! *Dankidanki!*

À professora e estudante Sinnara Pereira, pessoa muito batalhadora, que durante muito tempo me ajudou a entender melhor o português; sempre agradecido.

A meus colegas da Licenciatura que me mostraram que todos temos sonhos e todos podemos alcançá-los. Aos professores da FMU, que, durante minha graduação, me mostraram o caminho para enfrentar minhas limitações. Grato a todos eles.

Ao Prof. Dr. Juan Pablo, “*caballero burgalés*”, por suas orientações para traçar o percurso acadêmico. Ao Professor Adrián Fanjul por sua motivação para entrar na USP. A Neide Gonzalez e Gretel Eres Fernández pelo apoio, capacidade e aprendizado que compartilharam durante tantos anos.

Aos seguintes professores de espanhol com os quais aprendi muito e dos quais guardo muito carinho e amizade: Professora Concha Moreno (companheira de

viagens), Professor Carlos Barroso (companheiro de viagens e colega de trabalho), Professor Don Isidoro Pisonero (a quem lhe devo a sorte de tê-lo ouvido dizer “aún puedes hacer mucho”), Professor Don Jesús Sanchez Lobato e ao grande Professor Don Luís Alonso que foi quem me apresentou todos os anteriores.

Aos meus colegas de trabalho em São Paulo e em todo o Brasil com os quais compartilho mais horas do dia que de sonho e que insistem em que eu fale melhor o português.

Aos primeiros mestres da Capoeira, Mestre Samara – com você começou tudo no Brasil- em Amsterdã, Mestre Marron, no Rio de Janeiro e Mestre Alegría em Alcobaça, Bahia. Aos meus mestres, muito obrigado pela capoeira eu posso jogar! Ao amigo, capoeirista e grande ser humano, Afonso Nova Vida; ao Magrão e sua família de Recife, o início é inesquecível.

Ao asturiano Jorge Prado e sua família por acreditar em mim, pelo apoio e pela sua amizade.

Aos amigos “del barrio” do Natahoyo e Cimata, em Xixón- Asturias, minha referência, o cantinho do coração, a “tierrina” pela sua longa amizade.

A todos meu sincero agradecimento!

[...] no nos dan miedo las ruinas, porque llevamos un mundo nuevo en nuestros corazones (Durruti, 1936)

Eu sempre estive interessado no jargão usado pelos “rastas”, falan de batalhas que (tu) não consegues encontrar nos mapas ... (Kortatu, “En la línea del frente”, 1987)

[...] ginga e fala gíria, gíria não, dialeto! (Mc´Racionais, Negro Drama, 2002)

RESUMO

Este trabalho centra-se em um banco de dados de fala espontânea organizado a partir de trabalho de campo realizado com brasileiros residentes em Paramaribo, capital do Suriname. Objetiva-se, portanto, apresentar um estudo inicial sobre a variedade de português chamada de PFS: português falado no Suriname. O Suriname é um país plurilíngue com presença de línguas nativas (indígenas), línguas crioulas (originadas no país), línguas europeias (em que se destacam o holandês, língua oficial do país, o inglês e o português) e línguas asiáticas. Desde o início da pesquisa, buscou-se corroborar a proposta, embasada nas transcrições dos áudios das entrevistas realizadas no Suriname, de que o PFS representaria, mesmo em face a grande contato linguístico com as línguas do Suriname, parte do grupo de subvariedades de português falado no Brasil. Assim são descritos e analisados um conjunto de fenômenos linguísticos da variedade sob estudo com base em trabalhos centrados em variedades vernaculares brasileiras de português. Os fenômenos linguísticos do PFS apresentados no trabalho, embora longe de serem conclusivos, permitem que se apresente a proposta de analisar o PFS dentro de uma taxonomia dos estudos do contato linguístico centrada em Winford (2013). Logo, advoga-se que essa variedade de português encontra-se em situação moderada de “manutenção de língua” e em início de convergência linguística. Logo, características comuns do português vernacular brasileiro são mantidas no PFS, mas, devido à forte situação de contato do PFS com línguas do Suriname, são atestadas “situações de empréstimo” lexical e estrutural nessa língua e ainda pequenas adaptações estruturais das línguas: holandês, sranantongo e saramaccan.

Palavras-chave: Português falado no Suriname (PFS); Linguística de Contato; fala espontânea; situação de “manutenção de língua”; empréstimo lexical e estrutural.

ABSTRACT

This work focuses on a spontaneous speech database organized from field work conducted with Brazilians living in Paramaribo, capital of Suriname. The aim is to present an initial study on the variety of Portuguese called PFS: Portuguese spoken in Suriname. Suriname is a plurilingual country with native (indigenous) languages, Creole languages (originating in the country), European languages (in which the Dutch, the official language of the country, English and Portuguese stand out) and Asian languages. From the beginning of the research, we sought to corroborate the proposal, based on transcripts of interviews conducted in Suriname, that the PFS would represent, even in the face of great linguistic contact with the languages of Suriname, part of the group of subvarieties of Portuguese spoken in Brazil. Thus, a set of linguistic phenomena of the variety under study are described and analyzed based on works focusing on vernacular varieties of Portuguese spoken in Brazil. The PFS linguistic phenomena presented in the paper, although far from conclusive, allow us to present the proposal to analyze the PFS within a taxonomy of the language contact studies centered in Winford (2013). Therefore, it is argued that this variety of Portuguese is in a moderate situation of "language maintenance" and in the beginning of linguistic convergence. Therefore, common characteristics of Brazilian vernacular Portuguese are maintained in the PFS, but due to the strong contact situation of the PFS with Suriname languages, lexical and structural "loan situations" in this language are verified, as well as small structural adaptations of the Dutch, Sranantongo and Saramaccan.

Keywords: Portuguese spoken in Suriname (PFS); spontaneous speech; Contact Linguistics; "language maintenance"; lexical and structural loans.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Suriname, fronteiras oficiais e fronteiras em litígio.....	26
Figura 2 - Mapa da antiga ilha das Guianas, ocupada pelos países de Espanha, França, Holanda e Portugal.....	27
Figura 3 - Placa comemorativa da chegada dos primeiros trabalhadores chineses ao Suriname	37
Figura 4 - Faixa de despedida na aldeia Galibi na língua kalina.....	45
Figura 5 - Populações nativas e ‘maroons’ no Suriname.....	51
Figura 6 - Campanha de prevenção das florestas em sranantongo.....;	52
Figura 7 - Mapa de Paramaribo com destaque para o bairro de Tourtonnenlaan.....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Habitantes do Suriname colonial no período inglês e início da dominação holandesa	33
Tabela 2 - População por grupos étnicos no Suriname (2012)	38
Tabela 3 - Procedência dos africanos escravizados pelos holandeses entre 1640-1795 no Suriname e na Ilha de Barbados	49
Tabela 4 - Visão geral das línguas “domésticas” mencionadas pelos alunos do ensino regular entrevistados	59
Tabela 5 - Línguas que os estudantes do Ensino Fundamental querem aprender na escola, no Suriname	62
Tabela 6 - Acerca do número de entrevistados Tempo de Habitação no Suriname.	69
Tabela 7 - Tipos de entrevistas	72
Tabela 8 - Os países com maior número de línguas faladas e o ranking do Suriname	85
Tabela 9 - Comparação do uso da negação no escopo do verbo no PB / ocorrência com o PFS	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Grupos linguísticos e línguas dos povos originários do Suriname.....	45
Quadro 2 - Informações sobre os auxiliares linguísticos (AL).....	73
Quadro 3 - Chave de identificação de Auxiliares Linguísticos no <i>corpus</i> específico da pesquisa.....	76
Quadro 4 - Apresentação dos dados neste trabalho.....	78
Quadro 5 - Metadados de uma gravação/transcrição do PFS.....	79
Quadro 6 - Transcrição semi-ortográfica a fim de se capturar fenômeno gramatical específico do PFS.....	82
Quadro 7 - Alunos-colaboradores na transcrição parcial do PFS.....	83
Quadro 8 - Principais resultados do contato linguístico.....	89
Quadro 9 - Fenômenos fonológicos observados no PFS.....	100
Quadro 10 - Fenômenos fonológicos referentes ao som rótico /r/ no PFS.....	109
Quadro 11 - Fenômenos morfológico-lexicais do PFS.....	111
Quadro 12 - Fenômenos sintáticos do PFS.....	117
Quadro 13 - Quantificadores e advérbios de negação no PFS.....	126
Quadro 14 - Casos de negação verbal no PB.....	128
Quadro 15 - Exemplos de negação verbal extraídos do <i>corpus</i> do PFS.....	129
Quadro 16 - Fenômenos Sintático-fonológico do PFS.....	131
Quadro 17 - Escala de empréstimos em situação de contato linguístico.....	135
Quadro 18 - Empréstimos lexicais atestados no PFS.....	136

LISTA DE ABREVIATURAS

ABS	Algemeen Bureau voor de Statistiek in Suriname - Instituto Geral de Estatística do Suriname
AC	Complemento Acusativo
AL	Auxiliar Linguístico
CBS	Centraal Bureau voor Statistiek, Den Haag (Holanda) – Instituto Central de Estatística de Den Haag, Países Baixos
CNTRL	Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales - Centro Nacional de Recursos Textuais e Lexicais
DT	Complemento Dativo
E.C.	Era contemporânea
HOL.	Holandês (língua holandesa)
IF	Instrução Formal
JC	Jungle Commando - Comando da selva
LC	Linguística de Contato
LH	Língua de Herança
MOV	Ministerie van Onderwijs en Volksontwikkeling – Ministério de Educação e Desenvolvimento do Suriname
NN	Holandês da Holanda
NPS	Nationale Partij Suriname - Partido Nacional do Suriname
NS	Holandês do Suriname
NTU	Nedelandse Taal Unie - Organização da Língua Holandesa
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PFS	Português falado no Suriname
PVB	Português vernacular brasileiro
R	Residência
SLA	Suriname Liberation Army - Exército de Liberação do Suriname
SRT	Sranantongo (língua sranan)
WIC	(Dutch) West India Company - Companhia Holandesa das Índias Ocidentais

Sumário

INTRODUÇÃO	18
1 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DO SURINAME.....	25
1.1. O Suriname pré-colonial.....	28
1.2. O Suriname Colonial.....	30
1.3. O Suriname independente.....	39
2 ASPECTOS ETNOLINGÜÍSTICOS DO SURINAME.....	42
2.1 As famílias linguísticas Arawak e Karib.....	44
2.2. O holandês e a língua holandesa falada no Suriname.....	46
2.3. As Línguas crioulas do Suriname.....	48
2.4. As línguas asiáticas: Hakka, Surinaamse-javaans e Sarnami.....	53
2.5. A língua portuguesa no Suriname.....	55
2.6. As Línguas do Suriname faladas nas escolas públicas do Suriname.....	58
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS-TEÓRICOS.....	66
3.1. Metodologia da pesquisa.....	66
3.1.1. <i>A coleta de dados para a organização do corpus do PFS.....</i>	<i>69</i>
3.1.2. <i>Os auxiliares linguísticos.....</i>	<i>74</i>
3.1.3. <i>A organização do corpus e sua transcrição.....</i>	<i>76</i>
3.2 Aspectos teóricos sobre a Linguística de Contato.....	85
4. FENÔMENOS DO PFS INVESTIGADO À LUZ DA LINGÜÍSTICA DE CONTATO.....	96
4.1. Para uma descrição de fenômenos linguísticos do PFS.....	97
4.1.1 <i>Dos fenômenos fonológicos observados no PFS.....</i>	<i>100</i>
4.1.2 <i>Dos fenômenos morfológico-lexicais observados no PFS.....</i>	<i>112</i>
4.1.3 <i>Dos fenômenos sintáticos observados no PFS.....</i>	<i>117</i>

4.1.3.1 <i>Aspectos da negação sentencial no PFS</i>	125
4.1.4 <i>Dos fenômenos sintático-fonológicos observados no PFS</i>	131
4.2. Para uma inserção do português falado no Suriname à luz de uma taxonomia do contato linguístico.....	133
5. CONCLUSÃO	141
REFERÊNCIAS	146
APÊNDICE A Fotos do Suriname relacionadas com a pesquisa de campo.....	156
ANEXO A Tabela “Situações de contato linguístico” – Windford (2003).....	184

INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação de mestrado, “O português falado no Suriname (PFS): um estudo inicial sobre a fala espontânea de brasileiros em Paramaribo”, originou-se a partir de uma sequência de experiências pessoais. O autor é oriundo de Bruxelas, Bélgica, de pais espanhóis; cresceu em Astúrias, Espanha, e com vinte anos foi morar em Amsterdã, na Holanda, onde se naturalizou cidadão holandês. Antes de se mudar para o Brasil, 10 anos após morar em Amsterdã, o autor teve uma experiência muito significativa morando e trabalhando na ilha da Jamaica, no Caribe. As experiências de morar em diferentes lugares e ter contato com diferentes culturas trouxeram a possibilidade de fazer um trabalho de campo que está relacionado com as principais línguas que o autor aprendeu nessas experiências: holandês, inglês, o patoi jamaicano e o português.

O Suriname é um país com um passado colonial ligado à Holanda, cujo idioma oficial é o holandês, com uma língua franca que é o sranantongo. O sranantongo é a língua usada como língua veicular na comunicação cotidiana do povo do Suriname; em muitas ocasiões, essa língua é usada tanto no rádio quanto na televisão ou em programas oficiais do governo, quando se pretende que o conteúdo da informação chegue à maioria da população.

Percebe-se logo que o Suriname possui diversos aspectos em comum com a Jamaica, país mencionado acima e onde viveu o pesquisador: sua formação colonial, a população originária de diferentes lugares, o comércio e a economia escravocrata, assim como o passado sócio-histórico da língua crioula jamaicana, *Spirit Language of Maroons*,¹ que tem muitas semelhanças com as principais línguas crioulas que se formaram no Suriname, especialmente o sranantongo e ndjuka.²

¹ A palavra “*marron*”, em inglês, faz referência aos africanos que, ao serem escravizados nas plantações de cana de açúcar no continente americano ou no Caribe, conseguiram se libertar e organizarem-se em comunidades livres. Assemelham-se ao que no Brasil se chama de Quilombo, sendo que os *maroons* são todos de origem africana ou descendentes destes. Ver entre outros, Voorhoeve & Lichtveld (1975); Arends, Muysken & Smith (1994) e Holm (1998).

² Nesta dissertação aborda-se a questão da língua crioula nos capítulos 2, 3 e 4 do trabalho. Os aspectos sócio-históricos e de formação relacionados a línguas crioulas são detalhados no capítulo 1.

O pesquisador desse trabalho esteve na Jamaica em 1994. Procedente de Amsterdã, o desembarque se deu no Aeroporto Internacional de Montego Bay. Foi um acontecimento deveras especial em muitos aspectos, pois tratava-se da primeira visita ao Caribe, além de ser a primeira viagem para fora do continente europeu do então viajante que, na Jamaica, viria a conhecer línguas que não eram europeias e que lhe chamariam a atenção. Inicialmente, o que se ouviu na Jamaica era a língua falada localmente: o inglês jamaicano; depois, foram ouvidas outras línguas não oficiais como as faladas no Suriname, foi o contato com a primeira língua crioula conhecida pelo autor: o patoi.

Instalado na Jamaica, o viajante à época pôde contar com a ajuda de um amigo jamaicano, conhecido em Amsterdam e membro da comunidade rastafári – Ras Kury, que residia em uma pequena cidade situada na costa nordeste da Jamaica: Port Antonio (capital do estado de Portland). Esse amigo convidou o então viajante a morar com sua família. Foi nesta convivência com a família rastafári que se constatou que a língua falada por eles era bastante distinta da língua oficial do país, o inglês. A língua, chamada “*Jamaican patwa*”, ou *patoi*, é também conhecida localmente como jamaicano, nome usado pelos falantes para diferenciá-la do inglês oficial ou “inglês jamaicano” – ver, entre outros, Adams (1993); Cassidy & Le Page (2003); Farquharson (2013).

Sendo uma língua crioula de base inglesa,³ o nome *patoi* tem sua origem no francês e pode ser definido como:

“Sistema linguístico restrito que opera em um certo lugar ou pequeno espaço geográfico, sem *status* cultural e social estável, que difere do dialeto ao qual pertence por inúmeras características fonológicas, morfossintáticas e lexicais” (CNRTL, 2012.Traduzido).⁴

³ Chama-se o patoi de língua de base inglesa por ser o inglês a língua que tem grande influência em seu léxico. Outras línguas que contribuíram para a formação do patoi jamaicano são as línguas africanas akan, koongo e bbe (Farquharson, 2013).

⁴ “Système linguistique restreint fonctionnant en un point déterminé ou dans un espace géographique réduit, sans statut culturel et social stable, qui se distingue du dialecte dont il relève par de nombreux traits phonologiques, morphosyntaxiques et lexicaux” (CNRTL, 2012).

Atualmente o *patoí* é uma língua falada pela maioria dos jamaicanos na Jamaica e pelos milhares de jamaicanos e seus descendentes que se encontram nas comunidades da diáspora jamaicana (Farquhason, 2013). É uma língua usada em quase todos os contextos pelos jamaicanos (exceto nas esferas governamentais e oficiais). Por isso, desde o início, o autor desta pesquisa percebeu a necessidade de conhecer, entender e aprender o *patoí* para que a comunicação se realizasse de maneira mais natural entre ele e a população local. As primeiras produções do então viajante em *patoí* causaram simpatia por parte daqueles que o ouviam. Desse modo, os jamaicanos de Port Antonio começaram a chamar o novo falante de *patoí* de “Spanish J” (“espanhol jamaicano”), isso devido ao seu claro “sotaque” espanhol mesmo estando este fora do círculo linguístico espanhol devido a sua cidadania holandesa. Dentre todas as palavras do *patoí* jamaicano, uma em particular chamou a atenção do viajante: *pickney*. Esta palavra é de origem portuguesa originada da palavra “pequenino” (ADAMS, 1991, p. 59). *Picney* não era uma palavra desconhecida para o observador das línguas e costumes locais, pois essa palavra aparece nas músicas de Bob Marley. No entanto, ouvi-la diretamente, em um caso especial, foi significativo: o fato se deu quando uma mãe chamou seu filho que estava brincando e próximo ao visitante atento. Isso fez com que ele se interessasse ainda mais pelo *patoí*. Essa língua viria a ser, portanto, o primeiro contato do pesquisador deste trabalho com uma língua chamada de “crioula”. Situações linguístico-culturais como as ocorridas na Jamaica, bem antes de se iniciar um estudo acadêmico formal de âmbito linguístico, suscitaram uma série de questionamentos linguísticos, como por exemplo: (i) como a palavra *pickney* “pequenino”, derivada do português, inseriu-se na fala dos jamaicanos que falavam uma língua de base lexical inglesa?; (ii) quais fatos históricos a respeito da Jamaica contribuíram para fenômenos como esse? Claro que, àquela altura, o pesquisador deste trabalho ainda não estava inserido em estudos sobre a Linguística de Contato; no entanto, indagações como estas ajudaram, sem dúvida, a se traçar os rumos até esta pesquisa.

Questionamentos como os apontados acima fizeram com que o então viajante iniciasse algumas pesquisas informais sobre a história e a cultura da Jamaica e tais pesquisas mostraram que os espanhóis haviam colonizado a ilha da Jamaica e

introduziram no lugar a economia escravocrata. Muitos dos africanos escravizados pelos espanhóis conseguiram fugir das plantações; entre esses escravos estava “Nanny the Maroon”, uma descendente do povo Ashanti, nação nativa de Gana – África ocidental. Por pertencer a uma família real africana, Nanny passou a ser muito respeitada entre os *marrons* jamaicanos e a ser considerada uma heroína jamaicana que liderou a luta contra a escravização na Jamaica. Uma referência similar a “Nanny The Maroon” no Brasil seria Zumbi dos Palmares, líder do Quilombo de Palmares em Sergipe. Segundo a cultura popular jamaicana, Nanny teria combatido os colonizadores espanhóis com bolas de fogo que saíam de seus olhos a fim de ajudar seus conterrâneos a fugirem da opressão dos espanhóis. Os então *marrons* esconderam-se nas *Blue Mountains* e nas montanhas John Crow – cf. Campbell (1990) e Gottlieb (2000), entre outros. Nas montanhas de John Crow, atualmente, encontra-se a cidade cujo nome é Moore Town ou New Nanny Town. Essa é uma cidade *maroon*, símbolo da luta contra a escravidão na Jamaica. Esses *maroons* são, portanto, os descendentes dos africanos escravizados pelos espanhóis que com a ajuda de “Nanny the Maroon” conseguiram fugir das plantações. Ainda, de acordo com diferentes fontes históricas, os ingleses expulsaram os espanhóis em 1665 e passaram a ser os novos colonizadores da Jamaica – ver, entre outros, Ferguson, Black, Buisseret e Bryan (2019) –, configurando a base lexical inglesa do *patois* jamaicano e instaurando o inglês como a língua oficial do país.

De volta à Amsterdã, nos anos seguintes a essa viagem à Jamaica (de intenso contato com uma cultura tão diferente da sua), o “olhar” do atual pesquisador para com essas línguas “diferentes” e para com os povos que as falavam passou a ser cada vez mais aguçado. Trabalhando no Centro Social *Binnenpret*, um espaço cultural ocupado e situado na saída sul do principal parque da cidade de Amsterdã, *Vondelpark*, novos contatos linguístico-culturais ocorreram. No Centro Social *Binnenpret*, o pesquisador deste trabalho auxiliava na organização de eventos e participava da “cozinha popular”, espaço onde teve a oportunidade de conhecer pessoas de diversos países africanos – Mali, Burkina Faso, Gana, Nigéria, Guiné Bissau, Marrocos e Senegal – e ainda do Suriname, de Curaçao, de Aruba e do Brasil, entre outros. Todas as pessoas desses países citados, de alguma maneira tornaram

ainda maior o interesse do hoje pesquisador por diferentes línguas e pelo contato linguístico. Nesse contexto multicultural na Holanda, o pesquisador deste trabalho viria a conhecer o círculo de residentes brasileiros e, com eles, a capoeira, arte de luta brasileira que também carregava traços de diversas culturas e povos e cujas músicas narravam a vida, a luta e os dramas que os africanos escravizados sofreram no Brasil, especialmente por meio das cantigas e ladainhas da capoeira Angola. Foi o desejo de praticar e conhecer melhor a capoeira que levou o atual pesquisador ao Brasil pela primeira vez, no ano de 1997. Dois anos depois, já estaria morando formalmente no Rio de Janeiro.

Com o tempo, o interesse pelas línguas começou a ganhar mais força e, em 2013, o autor deste trabalho iniciou os estudos formais da língua portuguesa por meio de uma dupla titulação português-inglês na Universidade FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas) em São Paulo. Ao terminar a graduação, acendeu-se o desejo de fazer pós-graduação em uma área que lhe permitisse trabalhar com a Linguística e com isso com as línguas que, de alguma forma, estivessem relacionadas com os países que impulsionaram tantas mudanças pessoais: Holanda, Jamaica e Brasil. Foi nesse momento de sua história que o atual pesquisador teve seu interesse voltado para um possível tópico de pesquisa: o português falado por brasileiros no Suriname. O Suriname tem como língua oficial o holandês, como língua vernacular o sranantongo (língua crioula com características parecidas ao *patois* jamaicano) e uma comunidade importante de residentes brasileiros.

Três foram os fatores relevantes para a decisão pelo estudo do português falado no Suriname: (i) a importância que o português do Brasil tem em esferas internacionais, fato esse que pode ser verificado pelo seu número de falantes: aproximadamente 208 milhões; (ii) a migração de brasileiros no Suriname, cuja língua oficial é o holandês; (iii) o possível contato da língua brasileira com as línguas faladas no Suriname, entre elas as línguas crioulas locais. Assim a decisão de pesquisar sobre o português brasileiro falado no Suriname foi para o pesquisador um modo de contribuir com os estudos da diáspora brasileira e do português brasileiro e de suas variedades e, aliado a esses fatos, a vivência pessoal interétnica adquirida. Além

disso, trata-se de um estudo inédito, ainda que inicial, que tenta descrever e conhecer como essa língua brasileira se desenvolve em uma comunidade multicultural como a do Suriname. Sabendo que muitos brasileiros continuam a se deslocar para o Suriname por causa do ouro, chama-se a atenção para as mudanças que esse fato pode trazer na manifestação da fala dessas pessoas, assim como as contribuições que o português brasileiro traz à comunidade surinamesa. Assim, com o intuito de realizar a pesquisa no Suriname, surgiu a necessidade de se realizar uma coleta de dados do português falado no Suriname a fim de possibilitar a elaboração do *corpus* para a pesquisa que se apresenta neste trabalho – o trabalho de campo será detalhado em capítulo específico.

Esta pesquisa apoia-se em aspectos teóricos da Linguística de Contato desenvolvidos desde meados do século XIX, mas que tiveram seu auge nos últimos 40 anos. Windford (2003), em que este trabalho em seus aspectos teóricos é embasado em grande parte, apresenta uma resenha criteriosa sobre o campo de pesquisa da Linguística de Contato, ressaltando os principais tópicos por meio de exemplificação de distintas áreas sócio-linguísticas do globo. Nesta pesquisa, insere-se o português falado no Suriname (PFS) em um dos “quadros” do contato linguístico sumarizado pelo autor (op cit). Assim, esta dissertação organiza-se em cinco capítulos, que são apresentados, resumidamente, a seguir:

No primeiro capítulo, apresentam-se aspectos sócio-históricos do Suriname, desde os períodos pré-colonial, o colonial até o contemporâneo, apresentando questões importantes na formação do Suriname atual, multiétnico e cultural.

No capítulo dois, descrevem-se as influências linguísticas de diferentes povos que habitam o Suriname bem como a composição étnico linguística do país, incluindo um espaço que examina a situação do português falado atualmente pelos brasileiros e sua influência no país.

No capítulo três, apontam-se os aspectos metodológicos para a organização da pesquisa, a elaboração do *corpus* e sua transcrição. São apresentados também os

aspectos teóricos ligados à Linguística de Contato em que centram-se a análise do PFS por meio de alguns de seus fenômenos linguísticos atestados na pesquisa.

No capítulo quatro, apresenta-se uma descrição de fenômenos atestados por meio da investigação do banco de dados do português falado no Suriname (PFS) – levantado para esta investigação – com o intuito de se levantar a hipótese, à luz da Linguística de Contato, de que o PFS encontra-se em uma situação de manutenção de língua em que, devido à forte situação de contato do PFS com línguas do Suriname, são atestadas “situações de empréstimo” lexical e estrutural no PFS e ainda pequenas adaptações estruturais das línguas: holandês, sranantongo e saramaccan.

Finalmente, no capítulo cinco, apresenta-se a conclusão do trabalho.

1. ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DO SURINAME

A fim de se entender melhor o contexto em que esta pesquisa se insere, faz-se necessário uma breve descrição sócio-histórica do Suriname.

Assim, neste capítulo, descrevem-se alguns aspectos relacionados à história da formação do Suriname, bem como de seu povo com suas diversas línguas e culturas. Pretende-se entender ainda como a ação humana interferiu durante o período das Grandes Navegações e da colonização na formação do Suriname bem como nas diferentes línguas faladas no país.

A atual República do Suriname (Republiek Suriname) ou Suriname é um país independente desde 1975. Encontra-se situado na costa norte de América do Sul, na região conhecida também por Platô das Guianas, que engloba Guiana o Suriname e a Guiana Francesa e que, junto à Venezuela, forma a parte norte ou a “coroa” da América do Sul. Suas coordenadas geográficas são 4º 00' N, 56º 00' W.

O Suriname, cujo nome deriva de um dos povos originários, descendentes dos Arawak, os Surinen⁵ (PEOPLES OF AMERICAS, 1999: 449), faz fronteira com três países: ao leste, com a Guiana Francesa (França); ao oeste, com a Guyana (ou Guiana Inglesa), sendo que, com esses dois países, há disputa pelas fronteiras ao sudeste e sudoeste do Suriname – ver figura 1. Ao sul, o Suriname faz fronteira com o Brasil, mais especificamente com os estados do Amapá e do Pará. Ao norte do Suriname encontra-se o Mar do Caribe (Oceano Atlântico).

⁵ Esse povo habitava a região do litoral há cerca de 1500 anos antes da Era Contemporânea (EC).

Figura 1 – Mapa do Suriname, fronteiras oficiais e fronteiras em litígio ao sul do país

Fonte: Magellan (1997)

Mesmo situado no continente da América do Sul, o Suriname é considerado um país pertencente ao Caribe. Além disso, junto aos países citados anteriormente e com parte do norte do Brasil (Amapá, Amazônia, Pará e Roraima), forma a “Amazônia Caribenha” ou a “ilha de La Guiana”⁶ (OLIVEIRA, 2014: 4-5). Esse termo foi dado

⁶ Nos estudos de geografia, esse termo vem sendo usado para denominar a La Guiane, território que chegou a ser dividido entre 5 países: Espanha, França, Inglaterra, Holanda e Portugal. La Guiane, hoje, é o território que compreende parte de Venezuela, a Guayana, Suriname, Guiana Francesa e Brasil (Oliveira, 2007).

pelos holandeses quando perceberam que o território estava cercado por vários rios: Orinoco pelo lado da Venezuela; o Essequébio que divide a Guiana; o Rio Negro pelo interior; o Amazonas pelo lado do Brasil. Esses rios envolviam o território, configurando uma ilha, limitada ao norte com o Mar do Caribe (OLIVEIRA, 2014:9).

Na figura 2 a seguir, pode-se visualizar um mapa com a configuração da “ilha de La Guiana” descrita acima.

Figura 2 – Mapa da antiga ilha das Guianas, ocupada pelos países de Espanha, França, Holanda e Portugal

Fonte: BELLIN (1763)

Segundo o censo populacional do Algemeen Bureau voor de Statistiek in Suriname (ABS) – Instituto Geral de Estatística do Suriname –, em 2012 a população de Suriname era composta por 558.368 habitantes, dos quais 80% habitam a região

do litoral e quase metade da totalidade da população surinamesa moram na capital: Paramaribo.

A densidade demográfica do Suriname, com 163.820 km², é de 3,2 habitantes por Km². A maior parte do território do Suriname é formada pela densa selva amazônica. O país é atravessado por vários rios de sul ao norte: o rio Courantyne delimita a fronteira do Suriname com a Guyana ou Guiana Inglesa; o rio Marouni é a fronteira natural com a Guiana ou Guiana Francesa e o rio Suriname atravessa o país pelo centro e pela capital, Paramaribo. Além desses, existem muitos outros rios navegáveis, de menor tamanho, por todo o interior do país – ver figura 1, no início do capítulo.

A população que mora no interior do país é composta por: (i) povos originários, majoritariamente descendentes da família Karib⁷ (Wayana, Trio, Wayarikule, Wama e Akurio); (ii) “Maroons”⁸ ou “Bosnegers”, remanescentes das populações de africanos que escaparam da escravização nas plantações coloniais (“bosneger” é um termo do holandês que significa “negro da floresta”); (iii) imigrantes que trabalham no garimpo, provenientes de vários países entre os quais estão a Guyana, a Venezuela e o Brasil.

Um dado importante sobre a população do Suriname é atestado pelo Centraal Bureau voor Statistiek – Instituto Central de Estatística em Den Haag, Países Baixos (CBS, 2008), estima que, após a independência do Suriname, no ano de 1975, aproximadamente 350.000 surinameses mudaram-se para os Países Baixos, na sua maioria homens e mulheres jovens.

1.1. O Suriname pré-colonial

O Suriname, antes da chegada dos colonos europeus, já era um país habitado pelos *povos originários*⁹. Alguns estudos demonstram que os primeiros povos que habitaram

⁷ No texto, opta-se pela escrita Karib, que em português também é escrito como Carib ou Caribe – ver, entre outros, Oliveira (2007) que usa o termo Karib.

⁸ É importante ressaltar que no Suriname os *maroons* e os *bosnegers* são unicamente os descendentes daqueles africanos que sendo escravos conseguiram se libertar e fugir das plantações formando as comunidades livres *maroons*. Grupos similares no Brasil são os Quilombos. Na colônia hispânica seriam as comunidades “cimarrones”. Ver, entre outros, Vorhoeve (1975); Arends, Muysken & Smith (1994); Holm (1998).

⁹ O termo “povos originários” vem sendo utilizado cada vez com maior frequência, primeiro no mundo hispano-americano e, agora, também no Brasil, como demonstram alguns trabalhos: IELA (Instituto de

o Suriname eram nômades (Peoples of the Americas, 1999: 449). Esses povos viviam nos territórios litorâneos da “La Guiane”, 4000 anos antes da Era Contemporânea (EC) e alimentavam-se da pesca e dos alimentos da floresta. Os vestígios destes povos são restos de conchas amontoadas achadas na Guayana (PEOPLES OF THE AMERICAS, 1999: 449).

Alguns desses povos originários abandonaram os costumes nômades como foi o caso dos surinen. Este povo descendia dos tainos,¹⁰ pertencentes à família arawak – ver, entre outros, Peoples of the Americas (1999: 448); Brinton (1871: 1-2).

Os arawak ocuparam inicialmente a maior parte do território do Suriname. Porém, com a chegada dos karib, aproximadamente 900 anos antes da colonização europeia, os arawak foram expulsos de grande parte do território que ocupavam. Assim, quando os europeus chegaram ao Suriname, os surinen já haviam sido assimilados ou mortos pelos karib. Nessas beligerâncias, os karib geralmente matavam os homens e ficavam com as mulheres arawak. Por isso, muitos povos karib passaram a falar arawak ou uma “mistura” das duas línguas, haja vista que as mães arawak falavam sua língua com seus filhos, que já eram considerados karib. Com isso, mantinham a língua arawak como língua de herança.¹¹

Atualmente existem 20.344 nativos no Suriname (ABS, 2012: 46). Dos povos originários, a maioria é karib ou arawak. Os primeiros falam kalina e os segundos, lokono. Esses dois povos encontram-se no litoral na região nordeste e no interior e suas línguas também são faladas por nativos das duas Guianas e da Venezuela (HOFF, 1955: 325).

Estudos Latino-Americanos) da UFSC (<http://www.iela.ufsc.br/>); o Instituto Sociambiental (ISA) no seu blog “*Povos indígenas no Brasil Mirim*” (<https://mirim.org/quem-sao>); o artigo “Escolarização e Intelectuais Indígenas: da formação à emancipação” (LISBOA, 2017).

¹⁰ Os taínos pertencem à família dos arawak. Este povo habitava as ilhas do Caribe: Cuba, Porto Rico, Haiti, República Dominicana, Trinidad e Tobago, Jamaica e as Guianas. Neste território são conhecidos como “lokono”. No Suriname, segundo o ABS (2012), representam a metade da população nativa, aproximadamente 4.500 integrantes.

¹¹ No capítulo 3 aborda-se acerca das “línguas de herança”.

1.2. Suriname Colonial

Com o início das grandes navegações, o Suriname foi avistado pelo almirante espanhol Ojeda no ano de 1499. Entretanto, em 1498, Cristóvão Colombo já havia avistado as terras sem, contudo, se interessar por elas.

O território atual do Suriname sofreu diversas tentativas de assentamentos europeus, mas, devido à resistência dos nativos, esses não se concretizavam. Os primeiros colonizadores que tentaram se assentar nas terras do atual Suriname foram os franceses nos anos de 1626 e 1639. Em 1630, um grupo de colonos judaicos italianos e holandeses conseguiram edificar um pequeno forte em Torarica, o que seria o primeiro assentamento europeu no território do Suriname (IPENBURG 2015: 268). Torarica ficava a aproximadamente 50 quilômetros da atual cidade de Paramaribo.

Em 1645 houve uma outra tentativa de assentamento no território surinamês por parte do capitão inglês Marshall, mas esta tentativa foi repelida pelos nativos que habitavam as margens do rio Suriname (RENS, 1953: 13). Entretanto, foi apenas em 1651 que a primeira colônia inglesa se estabilizou no território. Nesse período os colonizadores instalaram um porto marítimo e deram início ao cultivo de cana-de-açúcar e de tabaco. O responsável por esse feito foi o governador de Barbados, Sir Willoughby, que enviou 100 homens ingleses para criar a colônia e mais 50 no ano seguinte (VOORHOEVE, 1973: 2).

De acordo com Holm (1988: 434), todos os colonos contratados no Suriname tinham como missão cuidar das plantações de açúcar e de tabaco para o reino inglês. Desse modo, o número de ingleses cresceu rapidamente, e, após 15 anos, já se podia contar mais de 1500 colonos de origem escocesa e irlandesa no país. Entretanto, com o incremento das plantações nas colônias, foi necessário aumentar a mão de obra para sustentar a economia colonial a qual não se sustentava com a mão de obra chegada do Reino Unido. Assim, nessa época, começou a ser implantada no Caribe a economia escravocrata e os primeiros africanos escravizados chegavam na região. O primeiro lugar para o qual os africanos foram levados foi para Barbados, uma ilha do Caribe colonizada pelos ingleses. Dessa ilha trouxeram os ingleses os primeiros africanos escravizados que chegaram ao Suriname. Importante ressaltar que esses

africanos já haviam mantido contato, possivelmente, com a língua inglesa¹² (VOORHOEVE, 1973; HOLM, 1988; ARENDS, 1989). Nesse momento da história colonial do Suriname, a língua dominante era o inglês. Porém, entre os anos de 1664 e 1665, duas línguas europeias chegariam provenientes do Brasil: o português e o holandês. Tal fato se deu devido à recuperação do território brasileiro por parte dos portugueses, que expulsaram os holandeses dos territórios que ocupavam em Pernambuco, Sergipe, Paraíba e norte da Bahia. Com os holandeses, também foram expulsos três grupos: os sefarditas (judeus de origem portuguesa e espanhola);¹³ os africanos escravizados pelos holandeses (aproximadamente 200)¹⁴; os brasileiros que conviviam com esses grupos. Todo esse contingente humano partiu rumo à La Cayanne¹⁵ assentando-se, em seguida, na região de Jodensavanne (Savanna judaica) no Suriname, perto do antigo assentamento de Torarica.

A presença sefardita e dos holandeses - recém-chegados ao Suriname- com experiência em grandes plantações, como as de cana-de-açúcar, ajudou a impulsionar ainda mais a economia da colônia surinamesa, o que, conseqüentemente,

¹² A língua inglesa era a língua do opressor, ou seja, a língua dominante, e os africanos que aportavam em Barbados, provavelmente estavam em contato com ela. Entretanto, cogita-se que esses africanos escravizados podem, ainda, ter tido um contato anterior com o *pidgin* inglês da costa oeste africana ou mesmo com o *pidgin* afro-português falado pelos marinheiros que traficavam pela costa africana e por vários territórios do litoral africano. Essas duas hipóteses são amplamente discutidas no âmbito da Linguística de Contato haja vista que são usadas como argumentos tanto para os que defendem a teoria da relexificação das línguas crioulas no Suriname (VOORHOEVEN & LICHTVELD, 1975) ou a teoria da nativização e teoria do Bioprograma (BICKERTON, 1988), quanto para os que tentam identificar os componentes que ajudaram na formação das línguas crioulas a partir das teorias gradualistas como Arends & Bruyn (1994) ou Smith (1994).

¹³ Os sefarditas portugueses foram expulsos da Península Ibérica em 1497 após o casamento de Dom Manuel I de Portugal com a princesa Isabel I de Espanha. A maioria dos sefarditas portugueses estabeleceu-se nos Países Baixos, principalmente em Amsterdã e na Alemanha. Com os anos, muitos deles tentaram a sorte acreditando nas promessas de terra que a *West Company of Indias*, da Holanda, oferecia aos que embarcassem para o 'Novo Mundo'. Assim, muitos deles foram para a Holanda brasileira e ajudaram os holandeses a gerir o novo território cuja capital é a atual Olinda. Com a recuperação de Pernambuco pelos portugueses em 1654, esses sefarditas voltaram a se deslocar e dessa vez para a Cayanne tendo como destino final a colônia inglesa que estava assentada nas margens do rio Suriname onde atualmente encontra-se a cidade de Paramaribo, capital do Suriname.

¹⁴ Para este trabalho se utilizam as cifras que Voorhoeve & Lichtveld (1975) e Holm (1998) comentam em seus trabalhos. Contudo, o número exato de escravos que foram levados pelos holandeses está sendo analisado por diferentes acadêmicos tanto de Letras como de História e de Geografia. Assim, há divergência entre os dados nesses estudos.

¹⁵ Cayanne foi o destino inicial, por estar em posse dos holandeses, mas, depois da retomada da colônia pelos franceses, em 1664, o grupo foi para o assentamento de Paramaribo com autorização dos ingleses (HOLM, 1988, p. 434).

aumentou a demanda por mão de obra escrava. Assim, de acordo com Voorhoeve (1975: 3), no ano de 1666, moravam na colônia inglesa do Suriname cerca de 2000 ingleses, 200 sefarditas portugueses, 2400 africanos escravizados (old slaves),¹⁶ 400 nativos, somando um total de 4200 pessoas. O contingente recém-chegado de sefarditas passou a ser uma parte muito ativa na economia local. Até essa data, os holandeses não tinham a posse sobre o Suriname; estavam no Suriname sob autorização do governo inglês com o qual mantinham relações políticas conflitantes.

Contudo, em 1667 os holandeses invadiram o Suriname, e, após várias negociações de paz com os ingleses, estes entregaram o território aos holandeses. Essa cessão do território que hoje compreende o Suriname foi firmada a partir do “Tratado de Breda”, redigido em 31 de julho de 1667 na cidade de Breda, acerca de 120 quilômetros de Amsterdã, e que finalizou uma contenda militar entre Inglaterra e Holanda que durava dois anos. De acordo com este tratado, os holandeses ficariam com as plantações do Suriname, enquanto os ingleses ficariam com a cidade de *New Amsterdam*, situada em *New Netherland*, e rebatizada pelos ingleses como cidade de *New York* (PARRY, 1981: 231). Entretanto, a desocupação inglesa levou anos, mais especificamente, 18 anos. Inicialmente, os ingleses abandonaram as plantações, partindo rumo às colônias próximas a Barbados. Em 1684, a nova população era formada por: 30 ingleses (que ficariam definitivamente); 700 portugueses e holandeses; 4.000 escravos (chamados de “novos escravos”, trazidos em conformidade com as leis holandesas); 50 nativos (VOORHOEVE & LICHTVELD, 1975: 3; HOLM, 1988: 434-435). O processo de desocupação teve, no total, a seguinte movimentação de contingente humano apontada na Tabela 1:

¹⁶ Voorhoeve & Lichtveld (1975) e Holm (1988) usam essa terminologia para diferenciar os africanos escravos que foram levados pelos ingleses daqueles africanos que foram escravizados no período holandês. Essa informação será determinante para entender as influências linguísticas que estes africanos tinham nas línguas e as consequências na formação das línguas crioulas que se deram no Suriname pelos *marrons* (escravos que fogem das plantações e criam suas sociedades livres, quase sempre no interior do país) ou *bosnegers* (negros do bosque) – ver, entre outros, Voorhoeve & Lichtveld (1975), Holm (1988), Arends (1989), Adamson & Smith (1994) e Bakker, Smith & Veenstra (1994).

Tabela 1 – Habitantes do Suriname colonial no período inglês e início da dominação holandesa

Ano	Europeus Ingleses	Não ingleses	Africanos “velhos”	Africanos “novos”	Nativos	Total	Ratio Eur./Não- Eur.
1652	200		200		90	490	.41
1661	1.000		2.000		230	3.320	.31
1665	1.500		3.000		400	4.900	.31
1666	2.000	200	2.400		400	4.200	.33
1668	820	250	1.850		300	3.170	.34
1671	500	300	1.300	1.200	410	3.170	.22
1675	200	350	200	1.600	350	2.700	.20
1679	60	400	100	900	100	1.560	.29
1680	38	400	10	1.000	50	1.498	.29
1684	30	700		4.000	50	4.780	.15
1702	20	700		7.500	50	8.270	.08

Fonte: Voorhoeve & Lichtveld (1975: 3). Traduzido.

É importante considerar que os “europeus ingleses” eram, em sua maioria, servos contratados (*indentured servants*) que estavam no Suriname para trabalhar nas plantações. Assim a Coroa Inglesa prometia terras aos servos contratados e a possibilidade de construir uma nova vida no “novo mundo” com expectativas de ficarem ricos. A proporção dos trabalhadores nas plantações, nessa época, era de aproximadamente 3 ingleses para 10 africanos escravos, fato que permitia uma interação maior entre os servos, camponeses ingleses, e os escravos do que entre estes últimos e os donos das plantações, na sua maioria holandeses. Tal interação entre os africanos escravizados e os camponeses ingleses, que acontecia principalmente na língua dominante, ou seja, o inglês, dava-se em diversas situações comunicativas e não apenas em contextos de dar e receber ordens como em outras sociedades coloniais, o que permitia uma maior exposição ao inglês vernacular por

parte dos africanos escravizados – ver, entre outros, Voorhoeve (1975: 3); Holm (1988: 434-435). Porém, com a mudança da população colonial e com a saída dos ingleses, Holm (1988: 434) aponta para o fato de que os holandeses passaram a se comunicar com os africanos escravizados em uma segunda língua. Esta língua seria uma espécie de inglês crioulo,¹⁷ que era uma das maneiras que os colonizadores tinham para manter um sistema de “castas” existente no país, onde a língua holandesa seria de uso e privilégio apenas dos holandeses. Assim, os colonizadores tratavam de impedir que os africanos escravizados aprendessem a língua de seus algozes.

Na sociedade colonial que ia se compondo no Suriname já se desenhava uma certa hierarquização em que os nobres senhores eram todos de origem europeia e, na sua maioria, holandeses. Os povos originários eram reduzidos se comparados ao contingente populacional formado por africanos e descendentes. Entre os afro surinameses e seus descendentes estavam os africanos que permaneciam sobre a condição de escravos, trabalhando nas plantações, nos centros urbanos e nas casas dos senhores e aqueles africanos que mediante revoltas conseguiam se livrar do jugo da escravização e fugiam para o interior do país formando as comunidades *maroons* ou *bosnegers*, do holandês “negros do bosque” – ver, entre outros, Voorhoeve (1975), Arends, Muysken & Smith (1994) e Holm (1998). Em 1690 uma fuga em massa aconteceu na fazenda de Dom Manuel Machado, sefardita português que tinha chegado ao Suriname proveniente de Pernambuco. Nessa fuga, um contingente importante de africanos escravos se rebelaram contra seu tirano, mataram o dono da plantação e fugiram para a selva (IPENBURG, 2015). Essa fuga é considerada por vários autores como a precursora do povo *matjawi*, uma das primeiras comunidades *maroons* saramaccans do Suriname – ver, entre outros, Smith (2002: 131- 151); Good (2009); Ipenburg (2015: 234-235).

Outras comunidades *maroons* surgiram depois como as *ndjuka*, que seguiriam enfrentando o sistema escravocrata até sua abolição em 1863. É importante destacar que, no ano da abolição, restavam no país cerca de 22.000 escravos, dos quais, 30%

¹⁷ O termo crioulo é discutido no capítulo 2 deste trabalho.

havia nascido no Suriname. Terminava assim o tráfico de mais de 550.000 escravos enviados ao Suriname.¹⁸

Somente em 1876, treze anos após da abolição da escravidão (1863), a nova óptica colonial tornava-a uma missão civilizadora e assim o governo holandês estipulou que todo tipo de instrução formal no país deveria ser feita em holandês (Holm, 1988: 435), algo similar ao que o Marquês de Pombal fez no Brasil em 1757. A diferença da colonização espanhola e portuguesa, em que as ordens religiosas tiveram uma tendência a colaborar com o estado na evangelização dos súditos, indígenas e escravos, sob o domínio holandês a liberdade religiosa foi permitida a judeus, católicos e protestantes, por conseguinte não existia uma tendência à instrução religiosa por parte do estado e nem o interesse de expandir sua língua entre os povos colonizados e nem a mão de obra escrava. Todos eles (judeus, católicos e protestantes) tinham contato com a *Dutch West India Company* ou WIC, uma empresa holandesa de mercadores que comandava o negócio holandês da cana de açúcar, tabaco, ouro e outras atividades. Para esta empresa e seus colaboradores, não era “vantajoso” que os escravos e indígenas aprendessem o holandês.

Com o fim da escravidão, a importação de mão de obra barata para atender a demanda nas plantações tornou-se uma obsessão para o governo colonial holandês. Diferentemente do Brasil – país já independente, que, em seu período pós-escravidão, o governo promoveu o “embranquecimento” da população com os tratados de imigração europeia –, no Suriname ocorreu o oposto: inicialmente, convenceu-se os chineses a virem para o Suriname. Entretanto, posteriormente, houve o endurecimento das leis para que este tipo de imigração não acontecesse. Essas leis visavam a combater as péssimas condições às quais os imigrantes eram submetidos – ver, entre outros, Voorhoeve & Lichtveld (1975); Kisna (1983); Holm, (1988).

O primeiro grupo com contrato temporário que chegou ao Suriname em 1853 foi composto por 18 chineses e por 120 portugueses de Madeira. Em 1872, esse número já atingia a quantidade de 500 pessoas (KISNA, 1983: 68). Esses trabalhadores tinham firmado contratos de trabalho de cinco anos e direito a decidir,

18 Segundo dados do National Archief (Netherlands), o número de escravos que se contabiliza são os que chegaram vivos.

ao final, se retornavam ao país de origem ou se ficavam no Suriname. Os que resolvessem ficar teriam direito a um lote de terra (KISNA, 1983: 69). Os três principais grupos que vieram para o Suriname eram compostos de chineses, javaneses e hindustanos:

- Chineses: foi o primeiro grupo a chegar, em 1853, e o último grupo de chineses com este tipo de contrato chegou em 1869, pois a Inglaterra fechou o porto de Honk Kong. Após a reabertura do porto, o governo chinês impediu esse tipo de emigração (LIE, 1983: 55). Ainda assim, esta população vêm aumentando com as migrações contemporâneas – ver figura 1.
- Javaneses: procedentes da antiga colônia holandesa na atual Indonésia. Em 1891 chegaram os primeiros 92 javaneses e, em 1939, o último contingente formado por quase 1.000 trabalhadores. No total, 32.976 javaneses foram contratados para trabalhar. De acordo com Lie (1983: 56-57), um terço deles voltou para seu país de origem. Contudo, a presença de sua cultura é visível nos prédios religiosos em Paramaribo.
- Hindustanos: com a proibição da China de contratar mais trabalhadores, o governo colonial holandês no Suriname fechou um acordo com o governo colonial inglês da Índia, a fim de facilitar a importação de mão de obra para o Suriname. Os primeiros hindustanos, procedentes da Índia, chegaram em 1873, e, até 1916, aproximadamente 34.000 trabalhadores emigraram para o Suriname (HOLM, 1988: 435). A migração hindustana é proveniente, principalmente, do norte da Índia, um pequeno grupo do Nepal e uns 100 emigrantes do sul da Índia, de Madras (KISNA, 1983: 66-91). A população hindustana tem grande influência tanto na vida política e econômica quanto na cultural do país. Atualmente, são o maior contingente populacional de emigrantes do Suriname.

Na figura 3 abaixo, observa-se uma placa em homenagem aos primeiros emigrantes chineses que vieram para o Suriname:

Figura 3 – Placa comemorativa da chegada dos primeiros trabalhadores chineses ao Suriname

Fonte: própria

Nos dias atuais, mais da metade da população do Suriname, de um total de 558.368 (2016), descende dos emigrantes asiáticos. Em regiões onde estão em menor quantidade do que as populações crioulas (afrodescendentes),¹⁹ a integração com os outros povos tem sido gradativa. Estes grupos de emigrantes quase sempre

¹⁹ No Suriname, os crioulos são considerados afrodescendentes, assim como os *maroons*, mas os crioulos são descendentes daqueles africanos que ainda eram escravos, diferentemente dos *maroons* (ABS, 2012; Lie, 1983).

inserir-se na vida social do Suriname, mas preservam suas línguas de origem bem como sua cultura, fator que agrega maior diversidade à sociedade surinamesa.

Com a mobilidade dos trabalhadores asiáticos, novas línguas vêm se estabelecendo no cotidiano do país, desde a era pós-escravidão até finais do século XX, como por exemplo: sarnami, surinamense-javanês e hakka-chinês.

Segundo os dados do último censo oficial, realizado pelo ABS (Instituto Geral de Estatística do Suriname), em 2012, a população de surinameses descendentes de asiáticos já superava a população *maroon* e crioula que, até finais do século XX representava a maior parte dos cidadãos do Suriname.

Como se pode observar na Tabela 2, atualmente, o contingente de trabalhadores que vieram com o fim da escravidão formam grupos étnicos muito importantes no mosaico dos diferentes grupos étnico-sociais do Suriname:

Tabela 2 – População por grupos étnicos no Suriname (2012)

Grupo étnico	Quantidade	%
Maroon	117.567	21,7
Crioulo	84.993	15,7
Hindustano	148.443	27,4
Javanês	73.975	13,7
Mistos	72.340	13,4
Outros	40.985	7,6
Desconhecido	3.395	0,6
TOTAL	541.638	100,0

Fonte: ABS (2012). Traduzido.

A Tabela 2 é importante pois aponta para o aumento da população emigrante proveniente da Ásia. No entanto, essa tabela não especifica a quantidade de habitantes descendentes dos povos originários e nem de outras nacionalidades que compõem a diversificada população do Suriname. Tampouco contabiliza a quantidade de pessoas “ilegais” que moram nas cidades ou no interior do país, entre os quais um

grande número está representado pelos garimpeiros oriundos do Brasil. Assim, quando se refere a “outros”, incluem-se residentes europeus, as migrações provenientes dos países latinos que falam espanhol, emigrantes de países caribenhos como Haiti, do Brasil, emigrantes oriundos dos países árabes tais como Síria ou Líbano e também os povos originários. Os colonos holandeses e seus descendentes continuariam mantendo os postos de poder político e econômico no país.

No final do século XX, especificamente a partir da década de 1980, novos movimentos populacionais confluem para o Suriname, mas desta vez, vindos de países vizinhos, como é o caso dos venezuelanos, dos dominicanos, dos haitianos e dos brasileiros. Nesse período são exceções os emigrantes vindos da China ou do Líbano (LÉGLISE & MIGGE, 2015: 13).

Dessa forma, o mosaico de culturas, de povos e de línguas surinamesas continuou crescendo após da escravidão.

1.3. O Suriname independente

Após quase 300 anos sob dominação holandesa, o Suriname tornou-se independente em 1975. A independência vinha sendo negociada com a Holanda desde que o partido NPS (*Nationale Partij Suriname*), com a maioria de seus membros crioulos, ganhou as eleições em 1973.

Os termos da independência incluíam um ressarcimento econômico por parte da Holanda durante o período de 10 anos e também a possibilidade de que os surinameses que quisessem mantivessem a nacionalidade holandesa. Por isso, não fica muito claro se havia mesmo um real desejo por parte da população em se tornar independente, haja vista que, logo após a independência do país, muitos surinameses optaram por se mudarem para a Holanda. O medo de que o Suriname se tornasse um país instável e tomado pela corrupção fez com que muitos optassem pela nacionalidade holandesa e saíssem do país.

A insegurança tornou-se real, pois a economia, que já sofria uma certa instabilidade, começou a piorar ainda mais. A taxa de desemprego aumentou, os salários diminuíram, e, para complicar a vida dos surinameses, no ano de 1980, o país sofreu um golpe militar, articulado pelo General Desí Bouterse.

O golpe, que inicialmente possuía um cunho socialista, foi, aos poucos, se distanciando daqueles ideais. O golpista afastou-se de seus principais aliados, os sindicatos de trabalhadores do campo e da bauxita, principal recurso mineral do Suriname junto com o ouro.

Esse distanciamento deu origem a uma guerra com os *maroons*, membros do *Suriname Liberation Army* (SLA), também conhecido como 'Jungle Commando' ou Comando da Selva (JC), fato que fez com que muitos *maroons* fugissem para a Guiana (Guiana Francesa). Além dessa guerra, o governo de Bouterse começou a cortar direitos de expressão, atingindo especialmente os jornalistas, além de não conseguir melhorar a economia do país. Tais medidas aumentaram o clima de insegurança no Suriname, ocasionando eventos trágicos em 1982, quando opositores e jornalistas foram presos e assassinados.

Esses conflitos isolaram o Suriname perante a comunidade internacional, especialmente da Holanda, que deixou de enviar parte da ajuda que realizava. A situação do país fez com que Bouterse fosse obrigado a negociar com as antigas forças políticas. Desse modo, de 1987 até 1991 um novo Congresso foi escolhido em eleições gerais. O ganhador das eleições foi o Novo Frente (NF), união de partidos que incluía o partido surinamês dos trabalhadores.

O início da década dos anos 90 foi marcada pela procura por uma reconciliação com Holanda, por uma redução dos gastos, por uma tentativa de melhorar a economia e também por uma contenda fronteiriça com a Guyana (antiga Guiana Inglesa) devido a bacia de petróleo existente no litoral.

Todos esses fatores, aliados com a queda do preço da bauxita seguido pelo empobrecimento da população, fez com que um novo governo, apoiado pelo antigo ditador Bouterse, vencesse as eleições de 1997. Esse novo governo também teve problemas sérios ao lidar com a economia, levando o país praticamente a uma situação de falência.

Em 2001 novas eleições foram realizadas. A intenção de um novo golpe foi abortada e o novo presidente, Venetiaan, iniciou um período de reestruturação do país, reduzindo o poder político do exército, investindo em educação, saúde e projetos sociais, sempre contando com o apoio econômico da Holanda e também do Fundo

Monetário Internacional (FMI). Essas atitudes fizeram com que Venetiaan fosse reeleito em 2005. Nesse início de século, o país sofreu com alguns problemas como o tráfico de metais preciosos, como ouro, e também com drogas. Além disso, o Suriname perdeu o litígio com a Guyana e foi impedido de explorar o petróleo.

No ano de 2012, realizou-se um corte judicial para anistiar todos os delitos ocorridos durante a ditadura de Bouterse, o que o possibilitou a voltar a participar da vida política do Suriname.

O resultado foi a vitória de Bouterse, que conseguiu, mesmo com a fama de ex-ditador e possível ex-trafficante, que os organismos internacionais apoiassem um novo plano de reestruturação do país. Desta vez, os planos de Bouterse tiveram um modesto sucesso. Ele conseguiu estabilizar a economia, aumentar sua popularidade e ser reeleito. Bouterse se mantém no poder até os dias atuais. Durante seu mandato atual, o presidente conseguiu aumentar o salário-mínimo além de criar um sistema de saúde público para a população. Ganhou a confiança dos organismos internacionais, conseguiu diversificar a economia, especialmente após a queda da bauxita no mercado.

Atualmente, o Suriname possui um setor de serviços que está crescendo: a mineração de ouro. Este setor traz conflitos de interesses entre os que exploram a extração do ouro e as aldeias nativas e *maroons*. Além disso o país vem investindo fortemente no turismo ecológico, especialmente com turistas provenientes do norte de América e Europa, sobretudo holandeses. A melhora na economia tornou o Suriname muito atraente para novas migrações, provenientes dos países vizinhos do continente e do Caribe e para o turismo ecológico.²⁰

A fim de que se conheça um pouco mais a respeito da realidade do Suriname, no próximo capítulo, aborda-se acerca dos aspectos etnolinguísticos do país.

20 Para mais informações sobre o Suriname pós-independência - ver, entre outros, Briggs (2015), Carlin et al (2015), Leglise & Migge (2015), Menke & Chin (2019).

2. ASPECTOS ETNOLINGUÍSTICOS DO SURINAME

Neste capítulo, apresentam-se aspectos etnolinguísticos do Suriname que aportam dados sobre a formação das diferentes línguas que coexistem no Suriname, assim como a presença e importância do português neste país.

Desde 1667 a língua oficial do Suriname é o holandês ou *neerlandês* (TAALUNIE, 2012, p. 18). Trata-se da língua materna de uma parcela significativa da população que habita, principalmente, no litoral e na capital Paramaribo. A língua é usada em esferas governamentais, educacionais e políticas bem como em documentos oficiais; ou seja, o holandês é a língua de prestígio tanto na fala quanto na escrita.²¹ Entretanto, o Suriname é um país multilíngue em que diversas línguas coexistem. Entre essas diversas línguas, a mais usada é a língua crioula sranantongo (SRT), que significa língua do Suriname (Srana=Suriname; tongo=língua) (LEGLISE & MIGGE, 2015: 13). Esta é a língua franca do país, a língua de convergência entre os diferentes povos que coexistem no Suriname, tanto os povos originários, os *marrons*, como os povos que emigraram para o Suriname após a abolição da escravidão em 1863 e os que chegaram já no século XX e XXI.

Importante ressaltar que o uso das duas línguas anteriormente citadas é alternado, embora observa-se em muitos ambientes, conforme já mencionado, principalmente no meio urbano, que o holandês seja a língua mais utilizada. Nesse sentido, parece ser possível apontar para um caso de diglossia, especialmente entre as classes populares. É importante ressaltar que quando se fala de diglossia, neste trabalho, se assume a definição de Ferguson (1959: 325) em que o termo diglossia aponta para “(...) o uso de duas variantes de uma língua pelos falantes da mesma comunidade em diferentes situações de fala”. Mesmo se tratando de duas línguas diferentes, o holandês e o sranantongo, Ferguson (op. cit) também estabelece a possibilidade de existir diglossia em comunidades plurilíngues, como é o caso do Suriname. Para Ferguson, a língua que ocupa o lugar de prestígio é a que se aprende

²¹ O aprofundamento sobre “língua de prestígio” está fora do escopo desta dissertação, embora este seja um tema bastante relevante para pesquisas futuras. Neste trabalho aceita-se a ideia expressa pelos auxiliares linguísticos e pela maioria da população sobre a importância de se falar a língua oficial, o holandês.

no ensino regular e é usada nas instituições oficiais, a população pode não fazer uso de essa língua diariamente, por ser de prestígio ou de “alto valor” é considerada como língua ou variedade “H”, do inglês a “*High*” (alto, em referência a valor), já a língua que não é oficial, mas é usada comumente pelos falantes é considerada de menor valor, por isso, Ferguson chama essa língua de língua ou variedade “L”, do inglês “*low*” (baixo) – para maiores informações sobre diglossia, ver, entre outros Ferguson (1959) e Fishman (1967).

Em Paramaribo, os auxiliares linguísticos que participaram nas gravações para a coleta do *corpus* do português falado no Suriname (PFS) afirmam que o holandês é realmente a língua “importante” e se referem ao sranantongo como um dialeto. O termo *taki-taki* é utilizado pelos brasileiros residentes no Suriname pejorativamente para designar o sranantongo. Interessante apontar que a maioria dessas pessoas dominam apenas o sranantongo e apresentam inúmeras dificuldades para se expressarem em holandês. Entretanto, o mesmo não ocorre com os filhos desses brasileiros que recebem uma educação regular nas escolas surinamesas. Esse fato os faz dominar facilmente o holandês, o sranantongo e outras línguas, além do português. Estes descendentes de brasileiros usam o sranantongo como língua veicular fora do entorno brasileiro.

Além do sranantongo, existem no Suriname outras sete línguas crioulas: saramaccan (com importantes traços lexicais do português), aukan (ndyuka/ djuka), paramaccaan, aluku, matawai, kwinti e matuarie. Todas essas línguas são faladas por descendentes dos *maroons*, pelos *bosnegers* e por muitos afrodescendentes surinameses, porém, são faladas em menor número que os falantes do sranantongo (TAALUNIE, 2012: 41).

Ressaltamos ainda que, além do holandês (língua oficial), o sranantongo (língua franca) e as línguas crioulas acima mencionadas, no Suriname, falam-se também algumas das línguas dos povos originários, presentes no período pré-colonial, já mencionadas no capítulo 1, subseção 1.1, e que serão retomadas neste capítulo.

No Suriname, como já mencionado, praticamente metade da população mora na capital, Paramaribo, e também nas pequenas cidades do norte do país. Grande parte do país é

atravessada por rios e coberta pela floresta amazônica; há pequenas cidades e aldeias situadas nas margens dos rios. São nessas pequenas cidades que geralmente se dá o garimpo e nas quais se falam majoritariamente as línguas crioulas sranantongo, ndjuka, saramaccan e aluku. Nessas áreas é onde se dão os maiores contatos linguísticos, especialmente entre os brasileiros falantes de português e as línguas das comunidades locais.

2.1. As famílias linguísticas arawak e karib

No Suriname, as línguas kalina (karib) e lokono (arawak) dos povos originários ainda permanecem vivas e são faladas em regiões litorâneas e em alguns pontos isolados do interior do país e do centro, do sudoeste e do sudeste. Além dessas, existem também as línguas trio, sikiana e wayana, da família karib, faladas no lado brasileiro da fronteira sul do Suriname – ver, entre outros, Hoff (1955: 2); NTU (2012: 41).

Segundo os estudos de Hoff (1955: 325-328), de Van Binnendijk e de Faber (1992: 8-13) e ainda as pesquisas realizadas entre 2007 e 2010 pelo Ministério de Educação e Desenvolvimento (MOV) do Suriname e publicadas em 2012, entre os estudantes de até 15 anos, as línguas originárias mais usadas são a lokono e a kalina.

Por sua vez, línguas dos povos originários como trio, sikiana e wayana estão deixando de ser usadas como L1. Outras línguas nativas, como warao, akurio e katuena estão morrendo. Na figura 5 neste capítulo, apresenta-se o espaço de distribuição das diferentes línguas dos povos originários faladas no Suriname junto com as línguas crioulas.

Grande parte dos povos originários acabaram por abandonar suas tradições ao converter-se às diferentes religiões trazidas pelos colonos. Também, com o aprendizado do holandês nas escolas, o uso de sua língua originária fica restrito cada vez mais ao âmbito familiar. Porém, esses povos conseguem manter um tipo de “sincretismo” com algumas tradições originárias, e ainda lutam para manter suas línguas, podendo contar com o apoio do governo para esse fim, como é o caso da

aldeia Galibi²² onde a escola, a clínica médica ou a casa de apoio à mulher galibi usam a língua kalina nas informações oficiais, junto com outras línguas como o holandês e o sranantongo – ver foto abaixo e as fotos do anexo 2. A foto abaixo mostra uma faixa existente no povoado karib de Galibi, onde se lê uma mensagem de despedida na língua kalina: “*Amy jako tera a*” (“Fique com Deus” - tradução própria).

Figura 4 – Faixa de despedida para os visitantes do povoado Galibi

Fonte: própria

A seguir, apresenta-se, no quadro 1, as línguas nativas ainda existentes no Suriname.

Quadro 1 – Grupos linguísticos e línguas dos povos originários do Suriname

GRUPO LINGUÍSTICO	LÍNGUA
LINGUAS ARAWAK	arawak
	mawayana

²² Galibi é um povoado karib, situado na margem do rio Maroijne (fronteira natural com a Guiana) perto de sua desembocadura. Esse povoado conta com bastante infraestrutura como escola, onde se leciona em holandês, mas também em kalina ou galibi, a língua originária. Majoritariamente formada por pescadores, contam com apoio do governo e de entidades sem fins lucrativos. No apêndice pode-se visualizar as fotos da aldeia. Todas as fotos do apêndice são de autoria própria, feitas durante visita ao povoado em janeiro de 2017.

LÍNGUAS KARIB	kalina
	trio
	wayana
	akurio
	sikiana
	katuena/tunayana
LÍNGUA WARAO ²³	warao/warau

Fonte: NEDERLANDS TAALUNIE (2012)

Algumas dessas comunidades linguísticas estão em contato com outras línguas, como por exemplo com as línguas crioulas sranantongo, saramaccan e ndyuka; com línguas europeias: holandês, espanhol, inglês e francês. Esses contatos se dão devido às diferentes interações entre os cidadãos e a mobilidade dentro do país (CARLIN, LÉGLISE, MIGGE & TJON SIE FAT, 2012: 12).

2.2. O holandês e a língua holandesa falada no Suriname

Desde que o Suriname foi colonizado pelos holandeses, a língua dominante foi o holandês. Contudo, mesmo assim, ela não era falada por todos, haja vista não ser a língua vernácula de muitos, como no caso dos povos originários e dos *maroons*. Foi somente a partir do momento em que se oficializou a instrução escolar no ano de 1876, que o governo tornou obrigatório o ensino do holandês nas escolas, como já apresentado no capítulo 1. O uso do holandês por parte de uma população que não

²³A língua warao é considerada uma língua isolada, falada aproximadamente por 28.000 pessoas, distribuídas entre Venezuela, Guayana, Suriname e Trinidad e Tobago (CARLIN, LÉGLISE, MIGGE & TJON SIE FAT, 2012: 11-13).

tinha essa língua como língua materna fez com que duas variedades do holandês fossem falados simultaneamente no país: o holandês do colonizador usado como língua oficial e ensinado nas escolas, chamado de *Nederlandse-Nederlands*, ou “holandês dos Países Baixos ou Holanda” (NN); o holandês usado pela população, que até 1876 não tinha sido instruída na língua oficial, e que tinha como língua materna outras línguas faladas no Suriname, o chamado *Surinaams-Nederlands* ou “holandês surinamês” (daqui em diante NS)²⁴, que era falado como língua vernácula porém sem caráter oficial. Importante ressaltar que o HS não deve ser confundido com o sranantongo, mesmo que tenha inserido, inicialmente, léxico proveniente do sranantongo e de outras línguas crioulas, assim como das línguas dos povos originários, sobretudo o léxico que fazia referência às plantas, aos animais e aos acessórios da região dos nativos ou dos africanos que falavam o NS. Atualmente, o NS também está recebendo empréstimos do inglês devido à popularidade entre as gerações mais jovens e ao seu estudo na escola – ver, entre outros, Charry, Harry, Koefoed & Muysken (1983: 118- 121).

Desse modo, os falantes do holandês no Suriname atestam, também, diglossia quanto ao uso do holandês vernacular, o holandês surinamês ou NS, e o holandês oficial ou de Holanda ou NN, sendo este último considerado a língua de prestígio no Suriname ou, como foi descrito no início deste capítulo, língua ou variedade “H”, de acordo com Charry, Harry, Koefoed & Muysken (1983: 118- 121). Tanto o NN como o NS são entendidos pelo conjunto da população surinamesa, assim como a população dos Países Baixos. No Suriname, salvo algumas confusões, os falantes geralmente desenvolvem-se muito bem nas duas variedades. Como comentado no capítulo 1, muitos surinameses vivem na Holanda, devido, entre outros fatores à emigração realizada após da independência do Suriname em 1975, mas também devido à possibilidade que os jovens estudantes surinameses tem de realizar os estudos superiores nas universidades holandesas. Pode-se dizer que a relação entre as línguas surinamês e o holandês, com as devidas diferenças, é semelhante à relação entre o português falado no Brasil e o português europeu. Na Holanda, entre a

²⁴ Neste trabalho opta-se pelo uso da abreviação NS para não coincidir com a abreviação SN de sintagma nominal.

população jovem é cada vez mais comum escutar o NS, especialmente na música e na televisão, assim como nas escolas.

2.3. As Línguas crioulas do Suriname

Com a expansão da economia baseada na cana de açúcar, café e tabaco a mão de obra europeia não era suficiente. Foi quando, primeiro os ingleses e depois os holandeses, se introduziu o trabalho escravo na colônia do Suriname. A maioria dos escravos eram oriundos da África. Saber a origem dos africanos escravizados pelos portugueses, ingleses ou holandeses é extremamente difícil, pois sempre eram identificados pelo porto onde embarcavam e o barco negreiro que os “transportava”²⁵ e não pela sua procedência geográfica.

Contudo, a identificação dos africanos escravizados a partir do porto onde foram embarcados, dos barcos que os transportavam, da pesquisa sobre as línguas oriundas africanas dos africanos escravizados, da identificação de traços do substrato dessas línguas e dos dados demográficos podem oferecer pistas que permitam identificar a procedência geográfica desses africanos escravizados – ver, entre outros, Voorhoeven (1973); Arends (1989). Nesse sentido, Arends (1989, p.21-24) cita as pesquisas de Postma (1975) e Price (1976), baseadas em evidências históricas e no rastreamento de documentos pertencentes aos holandeses, nas quais se destacam as 22 áreas geográficas de onde seriam sequestrados os africanos e também o período em que foram levados ao Suriname e para outras ilhas do Caribe que estavam sob domínio inglês na época, haja vista que os holandeses também venderam africanos escravizados aos ingleses que colonizaram as ilhas de Barbados (Arends, 1989). Na Tabela 3, apresentamos essas informações.

²⁵ Ver no apêndice 2 as fotos sobre a identificação dos africanos trazidos nos navios “negreiros” holandeses.

Tabela 3 - Procedência dos africanos escravizados pelos holandeses entre 1640-1795 no Suriname e na Ilha de Barbados

	1640s-1700	1701- 1725	1726- 1735	1736- 1795
Costa de Barlavento: Guiné Bissau, Guiné, Serra Leoa, Libéria e Costa de Marfim	—	—	4%	49%
Costa do Ouro: Gana	2%	17%	29%	26%
Costa dos escravos: Togo e Benin	64%	50%	33%	1%
Loango/ Angola: Cabo Lopez até Rio Orange	34%	33%	33%	24%

Fonte: PRICE (1976, *apud* ARENDS, 1989: 21 - Tradução própria)

Estudos linguísticos e histórico-demográficos apontam para as seguintes línguas africanas na formação de diferentes línguas crioulas que surgiram no Suriname: (i) ewe (proveniente de Gana, de Togo e de Benim); (ii) twi (ou língua axante da família das línguas nígero-congolesas, falada no sul de Gana); (iii) igbo (falada na atual Nigéria), (iv) yoruba (pertencente à família linguística nígero-congolesa, falada principalmente na Nigéria); (v) kikongo (língua falada na parte norte de Angola, e em partes da República do Congo e da República Democrática do Congo entre outros); (vi) kimbundu (língua falada em Angola); (vii) tshiluba (língua falada principalmente na República Democrática do Congo) – ver, entre outros, Arends (1989: 21), Holm (1988: 436-441) e Bakker, Smith e Veenstra (1994: 165-178).

Entre o povo saramaccan, algumas aldeias mantêm traços muito fortes das línguas africanas em sua língua, como exemplo pode-se citar os kromanti-marrons da aldeia Adampay. A língua de seus ancestrais é akan, falada pelo povo kromanti de Gana. Diversas pesquisas procuram seguir o rastro deixado pelas línguas crioulas no Suriname. Uma iniciativa é a do pesquisador Frank Zichem que levou um

representante de uma aldeia kromanti de Gana até Adampay, ao sul do Suriname, seguindo o rio Commenwijn, e comprovou que, mesmo com certa dificuldade, o representante da aldeia Kromanti de Gana e o líder da aldeia *marron* de Adampay conseguiram se comunicar e inclusive realizar certos rituais de “cortesia” presentes até hoje nas duas culturas.²⁶ Portanto, pode-se dizer que a partir do contato linguístico entre as diferentes línguas que conviveram no Suriname colônia, como as línguas europeias, as línguas dos povos originários e as línguas de origem africana, originaram-se as diferentes línguas crioulas faladas atualmente no Suriname.

Entre as principais línguas crioulas faladas nos dias atuais no país estão: (i) *sranantongo*, a língua franca do Suriname, falada também por surinameses que moram na Holanda; (ii) *saramaccan*, também falada por uma pequena comunidade de surinameses na Holanda. Além dessas, pode-se citar também o *matawai*, o *ndyuka*, o *aluku*, o *paramaccaan*, o *kwinti*, o *boni* e o *ndyuka-trio*, esta última contém traços da língua indígena *trio*.

As línguas crioulas do Suriname são de base lexical inglesa e em menor medida holandesa, ainda com forte presença de traços das línguas africanas dos *maroons*. O *saramaccan*, por sua vez, é uma língua com influência de duas línguas lexificadoras em maior medida: português e o inglês e uma terceira, o holandês, em menor medida. Segundo algumas pesquisas, essa língua possui traços marcantes de suas línguas lexificadoras, e, por isso, é apontada como a língua crioula mais “radical” de todas – ver, entre outros, Holm (1988); Arends, Muysken, Smith (1994); Windford (2003); Good (2009). Para melhor visualização da localização destas línguas, apresenta-se, na figura 5, as regiões, junto com as línguas dos povos originários:

²⁶ Este encontro entre um representante do povo Kromanti de Gana e do povo kromanti-maroon de Adampay foi gravado por Frank Zichem, pesquisador do Suriname. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=Kv_T30rqo0Y> Acesso em 19 junho, 2017.

Figura 5 – Populações nativas e *maroons* no Suriname

Fonte: Heemskerk (2009)

É interessante notar que a maioria das áreas das línguas crioulas ficam ao longo do percurso dos rios que atravessam o Suriname desde o sul ao norte, pois este era o meio mais rápido para que os escravos pudessem fugir das plantações, e, ao mesmo tempo, uma maneira bem eficiente para se interagir com outras comunidades *maroons*, que às vezes ocupavam regiões habitadas por nativos, fator que intensificava ainda mais o contato entre as línguas.

O *sranantongo* é a língua crioula mais falada no país, além de ser a língua de comunicação entre os que não falam o holandês. Pela imagem a seguir, na figura 6, é possível observar que essa língua também é usada pelo governo na comunicação social de campanhas oficiais. A foto a seguir apresenta uma campanha para preservar a natureza do Suriname. Ao traduzir a frase da figura abaixo “*Sranan, sabi san yu abi*

hori wi busi” para o português, pode-se ler: “Valorize (saiba) o que você tem, cuide da nossa floresta” (tradução feita pelo AL Abimael Siva).

Figura 6 – Campanha de prevenção das florestas em sranantongo

Fonte: própria

Assim, a língua crioula sranantongo é usada em diversos âmbitos no Suriname. Nos últimos anos uma valorização dessa língua vem sendo induzida desde o governo e pelas novas gerações como uma língua não só de convergência, mas também de identidade como povo em conexão com sua história multiétnica e plurilíngue, assim como forma de expressão cultural seja na literatura, no teatro ou na música (ESSED, 1983: 47-52). Alguns linguistas são partidários, inclusive, de que o sranantongo seja ensinado nas escolas (ESSED, 1983) e já se tem publicado algumas gramáticas que apresentam a estrutura da língua sranantongo. A primeira gramática escrita nessa

língua partiu de uma proposta do governo que juntou uma série de linguistas para discutir como elaborar uma gramática do sranantongo. O resultado desse trabalho foi a gramática escrita por Van der Hilst em 1988: *Skrifi Sranantongo bun, leysi en bun tu*, em português: “Escreva Sranantongo bem, e leia bem também”. Outras gramáticas surgiram depois dessa, como a de Menke: *Grammatica van het Surinaams (Sranantongo)*, em português: *Gramática do surinamês* (tradução própria).

As línguas sranantongo, saramaccan e ndjuka contam com dicionários que traduzem as palavras dessas línguas para o holandês e para o inglês. Para os falantes de português, o Ministério de Relações Exteriores do Brasil (MRE) mediante a Fundação Alexandre de Gusmão tem editado em 2011 o dicionário “*Wortubuku: Sranantongo para brasileiros*” (Oliveira & Ribeiro, 2011) com traduções de palavras do sranantongo para o português e vice-versa e com expressões e frases usadas mais comuns no uso cotidiano da língua. Este livro foi destinado inicialmente para aqueles brasileiros que chegavam ao Suriname, principalmente os garimpeiros, já que aqueles trabalhadores precisavam do sranantongo para o trabalho no garimpo, são os principais falantes do sranantongo na comunidade brasileira, sobretudo fora de Paramaribo.

2.4. As línguas asiáticas: Hakka, Surinaamse-javaans²⁷ e Sarnami

Com a abolição da escravidão em 30 de junho de 1863 e com o período de transição da emancipação que durou até 1876, os empresários holandeses se viram obrigados a contratar novos trabalhadores para manter suas plantações rentáveis.

Os novos trabalhadores viriam das colônias asiáticas que a Holanda tinha em Java, assim como das Índias Britânicas e da China. Essas migrações influenciaram de modo significativo a formação do panorama étnico, cultural e também linguístico do Suriname pós-abolição, pois muitos desses migrantes nunca mais voltaram para seus países de origem.

²⁷ Surinamês- javanês. Tradução própria.

Com a mobilidade dos trabalhadores asiáticos, novas línguas se estabeleceram no cotidiano do país desde o período pós escravidão até o final do século XX: sarnami, surinamense-javanês e hakka-chines.

A comunidade chinesa fala sua própria língua, o haak, língua falada pelos emigrantes da região norte chinesa. Os chineses até a segunda geração acostumam-se a falar chinês entre eles e sranantongo nas relações com o resto das comunidades com quem interagem no Suriname. As terceiras gerações de chineses já dominam o holandês e o sranantongo e falam chinês com seus pais e avós (WESTMAAS, 1983: 176-177). À medida que ingressam nas escolas os filhos dos emigrantes chineses, o holandês passa a ser a segunda língua e o sranantongo a terceira. Claramente, esta última é usada nas relações diárias com a população local. A comunidade chinesa é pequena no Suriname, mas por estar vinculada ao negócio de importação e de venda de roupa e comida, eles são vistos com frequência falando o sranantongo, inclusive, no bairro “brasileiro” falam um português limitado. Durante a pesquisa de campo realizada em Paramaribo, percebeu-se entre a comunidade chinesa o uso do sranantongo, e no bairro *Tourtonnenlaan*, os lojistas chineses falavam um português básico para interagir com os brasileiros.

Os javanês, por sua vez, têm como língua em comum o surinamês-javanês, que incorpora à língua javanesa o léxico proveniente do sranantongo. Os javanês mantêm uma forte presença no campo, local onde não é muito falado o holandês e sua língua franca é o sranantongo. Entre a juventude javanesa existe um maior interesse pela cultura surinamesa e pelo uso do sranantongo que pela manutenção das tradições do seu povo. Por isso, dentro da comunidade javanesa, existem dois grupos culturais: aqueles que aderem à cultura tradicional javanesa, geralmente os mais velhos, e os que consideram sua cultura a surinamesa, com o uso do sranantongo como língua predileta (WESTMAAS, 1983: 172-175).

O povo hindustano, proveniente da Índia, tem diferentes línguas, mas o hindi é a língua franca desse povo. Esta, pouco a pouco impregnou-se do léxico do sranantongo e do holandês mantendo a gramática mais próxima do hindi (KISHNA, 1983: 66-91), criando, assim, uma espécie de hindustano do Suriname, atualmente conhecido como sarnami, língua principal da maioria dos descendentes dos indianos.

Atualmente, calcula-se que 180.000 surinameses falem sarnami. Além de essa ser a língua principal, os hindustanos usam, em seus rituais religiosos e para tratamento formal entre seus conterrâneos, as línguas sânscrito, árabe, hindi ou urdu – ver Kishna (1983: 66-91), entre outros.

Sobre as línguas asiáticas e seus falantes, é possível verificar o fenômeno das línguas de herança (LH). Para este trabalho, visto que “língua de herança” tem diferentes acepções, é assimilado o conceito dos fatores sociolinguísticos, estabelecido por Moussouri (2010, p.143) em que os fatores sociolinguísticos podem ser: (i) objetivos: relacionados às posições de linguagem em situações sociais e linguísticas reguladas por políticas de linguagem; (ii) subjetivos: os que estão relacionados às representações sociais que os falantes fazem sobre essas línguas, neste caso, na sociedade surinamesa.

Segundo Flores e Melo-Pfeifer (2012: 19):

A LH é a língua falada no seio da família, isto é, a língua de origem do emigrante. Em geral, esta é a primeira língua à qual a criança é exposta. Se esta observação é óbvia no caso das famílias que já tinham filhos pequenos quando emigraram, também é válida no caso de muitas crianças emigrantes que nos primeiros anos de vida ficam em casa com a mãe, o pai ou os avós, não frequentando creches ou escolas infantis.

É importante considerar o fator da LH entre as comunidades de emigrantes no Suriname (por ser um conceito pluridisciplinar, ligado aos fenômenos das línguas oriundas da Ásia faladas no Suriname), especialmente no caso da migração asiática no país, já que a LH é, também, a primeira língua a ser ouvida pelos descendentes desses emigrantes antes de iniciar a educação regular nas escolas onde, provavelmente, terão o primeiro contato com novas línguas.

2.5. A língua portuguesa no Suriname

Como se descreveu no capítulo 1, com a chegada dos holandeses ao Suriname, logo após a expulsão do Brasil em 1654, chegaram também portugueses sefarditas. Muitos desses sefarditas tinham sido expulsos da Península Ibérica e embarcaram com a companhia holandesa de navegação que explorava as novas terras colonizadas na América, a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais (WIC),

fugindo da intolerância religiosa na Península Ibérica. Ao chegarem ao Brasil, os portugueses sefarditas se dedicaram ao cultivo de cana-de-açúcar e assim o fizeram no Suriname. Em 1667, segundo Voorhoeve & Lichtveld (1975), chegaram ao Suriname, aproximadamente, 200 sefarditas de Portugal e outros que já moravam ou tinham nascido no Brasil. Desta forma, pode-se dizer que duas variantes da língua portuguesa chegaram ao Suriname, procedentes do Brasil: o português sefardita e o português dos portugueses que moravam no Brasil. De alguma forma, esta poderia ser a primeira variedade de português no Suriname. No estudo sobre a influência do português na língua crioula saramaccan, Smith (2002: 140) chama essa variedade de “Português do Suriname”, atestando que seja uma mistura de português sefardita ou *djutongo* (jew-language ‘língua judaica’), língua que continha traços do hebraico, do espanhol peninsular e do português europeu – ver, também, Good (2009).

Mesmo que a herança sefardita ainda seja mantida no Suriname, as imigrações portuguesas para o Suriname não foram constantes e pouco a pouco a maioria dos sefarditas saiu do Suriname (VOORHOEVE & LICHTVELD, 1975). Um dos últimos grupos de falantes de português, que chegou ao Suriname, veio do Brasil. Foi no início da década de 1980 que começaram a chegar mulheres e homens que vieram em busca de ouro, os garimpeiros.

Segundo testemunho recolhido em uma entrevista com José Paulo Ribeiro escritor, coautor do livro *Wortobuku: sranantongo para brasileiros* (2011), ex-presidente da Fundação do Desenvolvimento Brasileiro no Suriname (BRASUR) e secretário do Conselho de Representantes Brasileiros no Exterior (CRBE), comenta-se que alguns movimentos migratórios vieram, inicialmente, para fins comerciais e depois para buscar trabalho, especialmente nos garimpos; só posteriormente houve uma onda migratória de pessoas destinadas a fixar moradia no país:

No século XX alguns marinheiros vinham desde Amapá e Pará em lanchas carregadas com produtos para vender em Paramaribo (...) já quando Paramaribo era chamada da “Paris das Guianas”, vários brasileiros entravam pelo norte do Brasil, em pequenas embarcações nas quais traziam perfumes, peles de animais e outros produtos, pelo rio Maroni. (Ribeiro, 2017)

Esses brasileiros foram se instalando aos poucos no Suriname até a chegada, entre 1985-1990, dos buscadores de ouro, homens e mulheres conhecidos como

garimpeiros, geralmente vindos do norte e nordeste do Brasil. Estes garimpeiros trabalhavam no interior da selva do Suriname e quando tinham uma quantidade considerável de ouro vinham até a capital para “limpar” o ouro de impurezas e vendê-lo. Nesse tempo descansavam e se divertiam com outros colegas de profissão até serem chamados para irem buscar ouro em outro garimpo. Pouco a pouco mais brasileiros foram chegando, assentando-se quase sempre nas ruas adjacentes à Avenida Tourtonnenlaan. Esses emigrantes foram criando um espaço em Paramaribo que cada vez mais lembrava o Brasil. Assim, em pouco tempo, salões de beleza, bares, boates, lanchonetes, restaurantes, academias e sobretudo, lojas ligadas ao garimpo foram criadas, o que fez com que muita gente conhecesse o bairro de Tourtonnenlaan como Belenzinho ou Kleine Belém pois a maioria dos brasileiros que chegavam ao Suriname utilizavam a rota de Belém do Pará para chegar até o aeroporto internacional de Suriname. Este bairro hoje tem “sotaque” brasileiro; as lojas têm quase sempre informações em holandês e português, como pode-se ver no anexo 2 deste trabalho. Muitos dos serviços prestados no bairro são realizados por brasileiros. Aqueles serviços realizados por chineses (lojas ou supermercados) ou surinameses (táxi e compra de ouro) também tem o português como língua veicular.

Na figura 7 apresenta-se um mapa de Paramaribo onde se tem em destaque a região do bairro brasileiro, chamado de Tourtonnenlaan, Kleine Belém ou Belenzinho:

Figura 7: mapa de Paramaribo com destaque para a região do bairro brasileiro

Fonte: google maps

Em 1983 inaugurou-se, em Paramaribo, o Centro Cultural Brasil-Suriname, centro no qual atualmente se ensina português a mais de 300 alunos, conforme dados da entrevista realizada com o secretário do centro. Assim, por ser um país vizinho com opções de estudo para os surinameses e destino para turismo, o interesse pelo português do Brasil tem crescido bastante, como será discutido na próxima subseção.

2.6. As Línguas do Suriname faladas nas escolas públicas do Suriname

Em um estudo sobre a diversidade linguística no Suriname, solicitado pelo Ministério de Educação e Desenvolvimento da Holanda (MOV) à União de Falantes de Holandês (NTU), em 2012, apresentou-se novos dados sobre essa diversidade nas escolas surinamesas no ensino correspondente ao ensino fundamental I e II brasileiro. Segundo esses dados, é bastante variado o número de línguas de “huis”,²⁸ (o termo “huis” no texto original é usado para se referir à língua que se fala em casa). No Suriname falam-se 52 línguas diferentes no lar dos estudantes. Entretanto, importante ressaltar que dessas 52 línguas faladas nas casas dos estudantes que participaram da pesquisa, 22 são faladas apenas por uma família, outras nove línguas, como o grego, são faladas por menos de 10 famílias. Ou seja, essas línguas de casa estão muito próximas de desaparecerem ou são línguas faladas por famílias que estão em trabalho temporário no Suriname ou ainda podem ser faladas por empregados de empresas internacionais ou por filhos de servidores públicos de outros países. A Tabela 4 mostra todos os dados referentes às línguas que os alunos entrevistados falam em suas casas:

²⁸O termo “língua de casa” pode ser equiparado ao termo língua de herança visto na subseção anterior.

Tabela 4: Visão geral das línguas “domésticas” mencionadas pelos alunos do ensino regular entrevistados pelo NTU ²⁹

LÍNGUA	NÚMERO	LÍNGUA	NÚMERO
1 holandês	20.137	27 guyana	3
2 sranan	13.761	28 wayana	3
3 sarnami	6.853	29 matuari	3
4 inglês	4.606	30 grego	2
5 surinamês - javanês	3.497	31 urdu	1
6 aukaans	2.561	32 armenio	1
7 saramaccans	2.200	33 bahasa	1
8 espanhol	359	34 iraquiano	1
9 português	325	35 latijn	1
10 chinês	313	36 vlaams (Bélgica)	1
11 paramaccans	250	37 indi	1
12 arawak	212	38 malaio	1

²⁹ Línguas faladas em casa.

13 aluku	162	39 inuit	1
14 kalina	160	40 crioulo (francês)	1
15 francês	68	41 gambiano	1
16 trio	35	42 escocês	1
17 papiamento	16	43 sinti	1
18 matjáwi	13	44 swahili	1
19 árabe	11	45 tagalog	1
20 kwinti	11	46 hakka	1
21 sueco	10	47 manouch	1
22 gabonês	6	48 brabbel	1
23 libanês	5	49 draaital	1
24 iraniano	4	50 língua de sinais	1
25 alemão	3	51 pinapa	1
26 indiano	3	52 petaal	1

Fonte: Taalunie Netherlands(2012)

Nesse estudo realizado pela NTU, foram entrevistados 55.614 alunos. Entre as dez línguas mais faladas em casa, está o holandês em primeiro lugar. Entretanto, é interessante observar que tanto as línguas crioulas como as línguas dos descendentes asiáticos estão bem representadas; também o inglês. Nessa lista o português já aparece como a nona língua mais falada. Nesse levantamento, o português é portanto o português falado no Brasil. Na mesma tabela aparecem línguas com menos de 50 falantes, algumas provenientes de países vizinhos, como o papiamentu (Curaçao); outras pertencem a línguas crioulas surinamesas com poucos falantes como é o caso da língua matjâwi, que inclusive tem empréstimos do português e é falada na região saramaccan, considerada como a língua precursora do saramaccan – ver, entre outros, Good (2009) e Migge (2017). Muitas outras línguas estão pouco representadas na tabela 4 devido ao fato de pertencerem a outros países distantes, como armênio, grego, escocês, alemão, indiano, urdu, swahili. Não se têm dados exatos, mas um dos prováveis motivos para essas línguas estarem no país pode ser pelo fato de serem línguas faladas por famílias emigrantes ou que estejam no Suriname em representação diplomática ou a trabalho. Destaca-se também a presença, nas escolas, do português, que como o espanhol, já possui mais de 300 representantes. A migração de brasileiros é, sem dúvida, o principal motivo.

Outros dados estão sendo investigados por diversas organizações para poder se conhecer mais a fundo a realidade dos professores em salas de aula, e, assim, saber o grau de interação com outras línguas que os alunos têm na escola. Dessa forma, na mesma pesquisa realizada pela NTU sobre a preferência dos alunos em estudar na escola uma língua diferente da própria, apontou-se, em primeiro lugar, a língua inglesa, e o português brasileiro aparece em segundo lugar nessa lista de preferências. Um dos possíveis motivos desse desejo dos alunos no Suriname em aprender o português deve estar ligado à proximidade entre os dois países.

Na Tabela 5, pode-se visualizar as línguas escolhidas pelos alunos como de sua preferência para que fossem aprendidas na escola, de acordo com a pesquisa da NTU:

Tabela 5 - Línguas que os estudantes do Ensino Fundamental de Suriname querem aprender na escola, além da própria.

LÍNGUA	NÚMERO	%
inglês	10. 670	74,4
português (PB)	4.435	30,9
holandês	3.376	23,5
sarnami	1.933	13,4
sranan	1.891	13,1
surinamês-javanês	1.804	12,5
chinês	1.520	10,6
karaïbs	1.047	7,3
saramaccans	853	5,9
arawak	823	5,7
aukaans	810	5,6
paramaccans	658	4,5
espanhol	638	4,4
aluku	601	4,1

Fonte: TNU (2012). Tradução própria

Como podemos observar neste capítulo, o contexto linguístico do Suriname é claramente plurilíngue, com uma língua oficial, o holandês, uma língua franca de “convergência” nacional (crioula), o sranantongo, diversas línguas nativas dos povos

originários, línguas crioulas, línguas de migração importantes, provenientes da Ásia e, nos últimos anos, a chegada de novas migrações provenientes de países vizinhos como Brasil, Cuba, República Dominicana e Cuba, entre outros.

Para um país com uma população de pouco mais que 500 mil habitantes, cabe se questionar como é possível que tantas línguas coexistam de modo tão harmonioso, e que algumas como as línguas crioulas mais antigas, por exemplo, o saramaccan e o sranantongo sejam de uso cotidiano. Embora este tópico esteja fora do escopo deste trabalho, que objetiva focar aspectos do português falado no Suriname, algumas hipóteses podem ser apontadas a fim de se tentar explicar a razão pela qual coexistem tantas línguas no Suriname:

- (i) as comunidades *maroons* ficaram por longos períodos isoladas da dominação europeia no interior do Suriname, podendo manter suas línguas crioulas sem interferência direta do colono;
- (ii) no passado colonial, as plantações precisavam de muitos escravos. Muitos morriam nas plantações e outros escapavam, mas o dado mais importante é que os holandeses substituíam os que morriam ou escapavam, trazendo mais escravos e, como aponta Arends (1995: 268), após cem anos de colonização holandesa, mais de 70% dos escravos ainda eram nascidos na África;
- (iii) outro dado que pode ajudar a entender a diversidade das línguas no Suriname é que a instrução formal na língua holandesa só se iniciou no Suriname em fins do século XIX, conforme citado no capítulo 2, na subseção 2.2;
- (iv) sobre as línguas provenientes da Ásia, os emigrantes se agruparam inicialmente por comunidades de fala. Tal fato ajudou a manter costumes e línguas que permaneceram até os dias atuais;
- (v) a questão demográfica e econômica pode ser um componente importante. Ao se ter várias comunidades linguísticas diferentes em um país não tão atrativo economicamente para Holanda ou para outras grandes potências econômicas, os principais grupos linguísticos não precisaram adaptar sua língua para uma língua em comum, uma vez que podiam se desenvolver

localmente em sua própria língua, dentro de sua extensa comunidade;³⁰ quando precisavam (ou precisam) interagir com outras comunidades linguísticas, podiam ou podem fazê-lo na língua franca sranantongo, restringindo o uso do holandês apenas para fins oficiais, em instâncias do governo. Muitas vezes o uso do holandês se dá apenas por meio da escrita; (vi) antes e depois da independência do Suriname as políticas oficiais já assumiam a diversidade linguística do país e por isso não se praticavam políticas de implantação da língua oficial sobre as línguas locais, além da obrigatoriedade de aprender o holandês nas escolas.

Os resultados apresentados nas tabelas 4 e 5 elucidam essas políticas de respeito às diferenças linguísticas no Suriname e mostram a diversidade de um país plurilíngue. Da mesma pesquisa da qual foram extraídos estes dados, pode-se verificar a preocupação com que os professores lidam com as comunidades nas quais ensinam.

Cabe ressaltar que os estudos citados acima apontam um maior uso da língua holandesa nos centros urbanos, principalmente Paramaribo, como língua de prestígio. Também existe uma tendência ao uso das línguas locais o que poderia trazer consigo o menor uso da língua sranantongo. Porém no trabalho de campo realizado para esta pesquisa, observou-se um interesse institucional por valorar a língua sranantongo como língua nacional própria e um crescente interesse por parte da população jovem em usar essa língua no âmbito cultural como sinal de identidade.

Após ter-se apresentado aspectos etnolinguísticos do Suriname, pretende-se, no capítulo seguinte, apresentar aspectos metodológicos ligados à pesquisa de campo realizada em Paramaribo, assim como os aspectos teóricos relacionados à Linguística de Contato que guiaram a pesquisa sobre o PFS.

30 Neste caso, refere-se ao fato de que as comunidades, mesmo sendo pequenas, ocupam um espaço extenso dentro da sociedade surinamesa como um todo.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS-TEÓRICOS

Nos capítulos primeiro e segundo desta dissertação foram apresentados os dados sócio-históricos e etnolinguísticos do Suriname a fim de explicitar o contexto no qual esta pesquisa foi desenvolvida. Este terceiro capítulo é dedicado à apresentação dos aspectos metodológicos e teóricos que nortearam a pesquisa de campo do português falado em Paramaribo, capital do Suriname (PFS).

Assim, na primeira seção, serão apresentados a metodologia utilizada para a realização da coleta e organização do *corpus*; a descrição de aspectos sociolinguísticos dos auxiliares linguísticos (AL) e também a organização do *corpus* e aspectos do trabalho de transcrição dos áudios.

Na segunda subseção, apontam-se tópicos que fundamentam a pesquisa sobre o PFS, inserida dentro do estudo da Linguística de Contato (LC) em que se apresentam tópicos sobre estudos ligados ao contato linguístico.

3.1. Metodologia da pesquisa

Nesta subseção descreve-se a metodologia da pesquisa para a coleta e organização dos dados que formam o *corpus* do PFS.

O passo que antecedeu à estruturação metodológica desta pesquisa foi a leitura atenta de dois textos: Levi-Strauss (1955 [2009]) e Labov (1972 [2008]). A leitura do texto de Levi-Strauss (*op. cit.*) intensificou no então aspirante à pesquisador o desejo de ir a campo para fins de pesquisa. A leitura de Levi-Strauss (*op. cit.*) proporcionou ainda as primeiras noções metodológicas para que o trabalho de campo que resulta nesta pesquisa pudesse ser realizado. Por sua vez, a leitura de Labov (*op. cit.*), que aborda a questão da variação linguística dos habitantes da ilha de Martha's Vineyard em Massachusetss nos Estados Unidos, motivou a vontade no investigador de envolver-se com uma pesquisa voltada para o tema “língua e sociedade”.

O primeiro passo do pesquisador – já envolvido formalmente com uma pesquisa acadêmica, que resultou neste trabalho centrado no macro tema da Linguística de Contato – foi a organização do trabalho de campo no Suriname. Assim, nesta etapa, objetivou-se elaborar, ainda que sucintamente, as entrevistas que seriam

realizadas em Paramaribo, no Suriname e que deveriam focar especificamente a região de Klein Belém ou Belenzinho: um bairro brasileiro cuja avenida principal se chama Tourtonnenlaan. Ressalta-se que, neste trabalho, utiliza-se o nome do bairro e o da avenida indistintamente. O pesquisador passou também a “estudar” os critérios para a organização das gravações em Belenzinho.

Assim, as gravações realizadas durante o trabalho de campo em Paramaribo foram feitas por meio de entrevistas que se deram entre os dias 24 de dezembro de 2016 a 8 de janeiro de 2017. Um dos critérios utilizados para a escolha dos auxiliares linguísticos (AL) foi que estes deveriam ser brasileiros e serem residentes no Suriname há mais de 10 anos. Cuidou-se ainda que todos os AL fossem maiores de 18 anos.

Para uma melhor representação da fala vernacular dos brasileiros residentes em Paramaribo, optou-se por gravar entrevistas com duração entre 25 a 35 minutos com a intenção de se recolher aproximadamente 1500 palavras nas entrevistas de tipo “monólogos” e até 3000 palavras nas “conversações” e nos “diálogos” gravados.³¹ No entanto, objetivou-se apreender o maior número de entrevistas possíveis no Suriname. Algumas das gravações em campo foram mais curtas por serem improvisadas; outras, porém, foram mais longas por serem de interesse do AL que falou sobre aspectos sócio-históricos do Suriname, sobre aspectos pessoais. Essas entrevistas foram geralmente realizadas em um contexto formal, como o caso da entrevista gravada com o escritor José Paulo Ribeiro – essa gravação durou 1 hora e 12 minutos.

Todas as gravações, salvo as improvisadas, foram planejadas a partir de temas preestabelecidos pelo pesquisador, mas que não foram explicitados para o auxiliar linguístico (AL). Ressalta-se que, em cada entrevista gravada, o AL foi informado da razão da e, a cada um entrevistado, foi solicitada permissão para que se pudesse transcrever a fala que estava sendo gravada. Assim, todas as entrevistas gravadas pelo pesquisador contaram com a colaboração dos AL, que, não apenas foram

³¹ A orientação para os tipos de entrevistas – tipologia interacional da fala – e ainda para outras questões ligadas à metodologia do *corpus* seguiu o C-Oral-Brasil (MELLO & RASO, 2012) e será melhor explicitada nesta subseção.

solícitos com relação à tarefa a ser realizada, mas se propuseram em ajudar a ampliar o conjunto de pessoas a serem gravadas para a pesquisa. Ao total, foram realizadas 11 entrevistas com 13 auxiliares linguísticos. O tempo total do conjunto de gravações realizadas com os auxiliares linguísticos é de 7 horas e 23 minutos.

Chama-se a atenção, ainda, para o fato de que o banco de dados do PFS organizado para esta pesquisa não foi formado apenas da apreensão de sentenças/enunciados a partir das transcrições dos áudios. O banco de dados do PFS foi formado ainda por meio da técnica conhecida como “elicitación” que visa a apreensão de dados específicos levando-se em consideração auxiliares linguísticos também específicos. Nesta pesquisa, por exemplo, o autor-pesquisador manteve/mantém contato direto com alguns auxiliares residentes no Suriname e a eles, enviou/envia “perguntas específicas” ou “checa” dados específicos. Assim, por meio de elicitação (no caso, informal), o pesquisador apreendeu várias expressões utilizadas no PFS que são empréstimos de outras línguas a partir de “conversas” pessoais com auxiliares falantes do PFS. Esses dados elicitados informalmente são, portanto, parte do conjunto de exemplos apresentados no capítulo 4, na subseção 4.1.2 dos “fenômenos morfológicos lexicais observados no PFS”. Sobre “elicitación”, ver, entre outros, Bower (2010: 350).

Importante dizer também que a pesquisa de campo foi patrocinada, em sua totalidade, com recursos próprios do pesquisador tanto na compra de passagens, despesas com “hostel” e ainda com relação à aquisição do gravador para a pesquisa. Para estas entrevistas, utilizou-se o gravador PCM linear TASCAM DR-22WL. Este gravador tem dois microfones eletro-estáticos estéreos em XY com 96kHz/24bit para uma gravação profissional em formato WAV ou 48 kHz com até 320 kbps para uma gravação em formato MP3. Permite gravação e reprodução das gravações, podendo ser usado com *wi-fi* e controlado com um celular, o que possibilita uma certa autonomia na gravação, uma vez que o entrevistador não precisa estar diretamente

presente no momento da gravação. Os arquivos das gravações foram transferidos para o computador e incluídos no programa de áudio Audacity.³²

De volta do trabalho de campo no Suriname, iniciou-se o processo de transcrição do *corpus*, tomando-se como referência o projeto C-Oral-Brasil – Mello & Raso (2012), entre outros –, cujos pesquisadores apresentam uma metodologia para a pesquisa com corpus de fala. O C-Oral-Brasil apresenta um *corpus* de referência do *português brasileiro falado informal*, centrado na fala espontânea de Belo Horizonte e arredores.

A metodologia para a apreensão, descrição e análise da fala que se vê no C-Oral-Brasil é centrada na chamada “linguística diassistêmica”. O conceito de “linguística diassistêmica” insere-se em uma abordagem mais ampla em que se observa(m) a(s) língua(s) não como sistema(s) unitário(s), mas como um grupo de sistemas e de subsistemas – ver Mello (2014: 31-32). Assim, os pesquisadores ligados a essa abordagem distinguem (entre outras) as seguintes variações:

(i) Variação diamésica (a abordagem da variação que pretende designar a variável de meio e de canal como fatores que marcam a variação sociolinguística entre a fala e a escrita); (ii) variação diatópica (um corpus diatópico abarca diferentes variedades regionais de uma mesma língua); (iii) variação diafásica (a variação diafásica em uma dada língua pode ser atestada ainda por meio de diferentes ‘situações’ como os ‘registros formais’ que se diferem dos ‘registros informais’); (iv) variação diastrática (pelo tipo de variedade diastrática atestam-se variedades de falas de grupos sociais específicos).

Oliveira, Zanolli & Andrade (2018: 162, nota 5)

Esses aspectos da linguística diassistêmica serão observados nas subseções abaixo que detalham acerca da coleta e organização do *corpus* dessa pesquisa.

3.1.1. A coleta de dados para a organização do *corpus* do PFS

Para a coleta de dados do *corpus* do português falado no Suriname (PFS), vários aspectos precisaram ser considerados: (i) o objetivo da pesquisa; (ii) os tipos de informações que se requeria e como obtê-las; (iii) o conhecimento do *locus* da pesquisa; (iv) os recursos materiais e financeiros para a pesquisa de campo.

³² O **Audacity** é um software livre que permite editar, gravar, importar e exportar diversos formatos diferentes de arquivos de áudio. Ver <<https://www.audacityteam.org/>>.

Quanto ao objetivo da pesquisa, estava claro, desde o início, que se buscava a apreensão da fala espontânea de brasileiros residentes no Suriname com fins de uma descrição e análise iniciais. Segundo Mello (2014: 28): “(...) a fala espontânea engloba a fala não planejada que é realizada ao mesmo tempo em que é estruturada”.

Atendendo às diferenças de contato linguístico que existem na sociedade urbana em Paramaribo e nas comunidades do interior do país – em regiões onde se dá o trabalho do garimpo –, foi essencial encontrar auxiliares linguísticos dessas duas sócio-áreas em que se pudesse captar, ainda que genericamente, o português falado pelos brasileiros no Suriname. Assim, a partir das entrevistas obtidas em campo, objetivou-se apresentar uma descrição e análise inicial da fala dos brasileiros no Suriname, que será apresentada no próximo capítulo.

Na tabela 6, apresenta-se a quantidade de auxiliares entrevistados e o tempo em que residem no Suriname à época da entrevista:

Tabela 6 – Acerca do Número de Entrevistados por Tempo de Residência no Suriname

Número de entrevistados / Tempo de residência no Suriname (R-)	
3	De 10 a 15 anos
4	De 15 a 20 anos
5	De 20 a 25 anos
1	Mais de 25 anos

Fonte: própria

Pela tabela acima, pode-se observar que: (i) atesta-se um equilíbrio relativo entre o número de auxiliares linguísticos (AL) e os diferentes períodos que esses AL residem no Suriname: a maioria dos AL moram de 10 a 25 anos no país; somente um dos AL mora no Suriname há mais de 25 anos; (ii) a maioria dos AL, 10 em concreto,

já vive metade de sua vida ou mais no Suriname; desses apenas 3 tiveram formação superior no Brasil.

O tipo de informação recolhida em campo por meio das entrevistas, de modo geral, foram temas relacionados a experiências de vida das pessoas entrevistadas. Esses são divididos em três assuntos principais:

- (i) o garimpo como eixo ou elo da convergência dos brasileiros em Paramaribo;
- (ii) a migração e a moradia no Suriname;
- (iii) a identidade como brasileiro mesmo depois de tantos anos morando no Suriname.

Outros temas surgiram como consequência dos mencionados anteriormente. Entre eles, cabe destacar o interesse que a maioria dos AL tinha pela questão da educação dos filhos no ensino regular no Suriname e o desejo dos pais de verem seus filhos dominando outras línguas; ou seja, os entrevistados manifestavam a vontade de que seus filhos fossem plurilíngues. Nesse sentido, os AL afirmavam que seus filhos deveriam dominar, além do português, o holandês – a língua oficial do Suriname – e o sranantongo, bem como o inglês e o francês.

Para que as gravações realizadas representassem um *corpus* de fala espontâneo do PFS, objetivou-se, seguindo Mello (2014: 28), que este apresentasse uma “(...) variabilidade máxima de gêneros de fala espontânea, dialetos, situações, falantes (...)”. Atente-se para as palavras de Ilari & Basso acerca de “gênero discursivo”, inserido na linguística diassistêmica:

(...) Na variação diamésica podemos também enquadrar outro importante fator de variação da língua: o gênero discursivo. Conforme o gênero a que pertencem, os textos, sejam eles falados ou escritos, apresentam um vocabulário e uma gramática próprios.

Ao falar em gêneros aqui, não estamos pensando em gêneros literários, mas sim em tipos de textos que podem ser encontrados na vida de todos os dias, e que se caracterizam por ter determinadas funções e por ter como autores e receptores indivíduos que compartilham interesses mais ou menos previsíveis. (...)

(ILARI & BASSO, 2013:185)

Destaca-se, no entanto, dadas as limitações de um trabalho de campo inicial como o que se realizou para esta pesquisa, que não foi possível alcançar a diversidade de gêneros desejada. Nesse sentido, o gênero discursivo escolhido para

as gravações foi o gênero “entrevista” – embora o pesquisador tenha adquirido outras informações que compõem o banco de dados dessa pesquisa por meio também de elicitacões. As entrevistas realizadas foram divididas entre formais e informais, fato que permitiu o registro, no *corpus*, da variedade chamada “diafásica”.

No tocante à tipologia interacional da fala gravada: monólogo, diálogo ou conversação, ratifica-se o que vem sendo atestado por pesquisadores: não é fácil a apreensão desses tipos de textos de fala:

A diferenciação entre monólogo, diálogo e conversação pode não ser óbvia em todas as ocasiões. Primeiramente é importante considerar que, em registros informais, é quase impossível encontrar monólogos perfeitos – que são monólogos de turno único – sem qualquer interatividade sendo atuada por ouvintes.

Mello (2014: 37)

Assim, neste trabalho optou-se por classificar, no que se refere ao aspecto formal e informal das entrevistas (variedade diafásica), a questão ligada à “estrutura do texto”. Desse modo, segundo Mello (2014: 39):

[...] Também a estratégia em relação ao peso do texto varia sua significância considerando o uso formal e informal da linguagem. Em geral, estruturas textuais longas caracterizam o uso formal enquanto que, no informal, a duração de um evento de fala completo é mais econômico.

Também foram considerados os tipos de interação dos auxiliares linguísticos para se caracterizar o aspecto formal e informal das entrevistas:

- *Entrevista formal*: quando o/a entrevistado/a mantinha, durante a entrevista, seu papel profissional ou estava no ambiente de trabalho. Por exemplo: o AL estava em uma agência de viagens ou em um escritório de limpeza e venda de ouro. A postura do falante nesses ambientes tende a produzir uma fala mais elaborada.
- *Entrevista informal*: quando o/a entrevistado/a estava fora do ambiente formal/institucional. Por exemplo: o AL encontrava-se em frente a um bar, na rua, no restaurante ou dirigindo quando era gravado. O AL, nesses ambientes, tende a improvisar mais a fala e a usar “gírias” que não são comuns na fala formal.

Levando em consideração ainda a variação diafásica no *corpus* em questão, buscou-se organizar as entrevistas de acordo com as tipologias interacionais: monólogo, diálogo e conversação:

- *Monólogo*: trata-se de um tipo de fala em que ainda que se ateste mais de um auxiliar linguístico na gravação, é evidente que apenas um desses entrevistados mantém o texto ‘monológico’.³³ Segundo Mello (2014: 38, traduzido):

(...) Monólogos são então caracterizados pelo desenvolvimento de um texto cuja construção depende (quase) exclusivamente de um único falante que tem um objetivo em mente e o persegue, independentemente de verbalizações de outro falante.

- *Diálogo*: quando o texto falado é construído por dois falantes. Em alguns casos, o entrevistador pode ser o segundo interlocutor. Isso ocorre geralmente nas entrevistas improvisadas.
- *Conversação*: quando, na entrevista, se tem mais de dois interlocutores. As vezes são os auxiliares linguísticos ou outros interlocutores não identificados que participam de forma espontânea.

A seguir, na tabela abaixo, apresenta-se a quantidade de entrevistas realizadas em Paramaribo, divididas por sua tipologia internacional e aspecto formal e informal:

Tabela 7 – Tipos de entrevistas

ENTREVISTAS	formal	informal
Monólogo	3	2
Diálogo	1	5
Conversação	0	2

³³ Em um ‘monólogo’, a ‘fala’ de um outro se realiza apenas para assinalar que está seguindo a ‘história’ – ver Mello (2014: 38).

Total	4	9
--------------	---	---

Fonte: própria

Na tabela 7, percebe-se a ocorrência de um número maior de entrevistas informais. Essas entrevistas foram assim caracterizadas levando-se em conta que, como informado acima, a maioria dos auxiliares linguísticos (AL) foi entrevistada fora de seu ambiente de trabalho.

A seguir, faz-se uma descrição das características sociolinguísticas dos AL. Esse fato foi importante para a análise de dados que se apresenta no capítulo 4.

3.1.2. Os auxiliares linguísticos

Sobre os auxiliares linguísticos (AL), é importante dizer que todos são brasileiros, residem no Suriname há pelo menos 10 anos e a maioria está legalizada no país. Salvo o Assessor da Embaixada do Brasil no Suriname, os entrevistados são originários das regiões norte ou nordeste do Brasil e estão ligados, de alguma forma, ao comércio de ouro e ao “mundo do garimpo”.

Nesse trabalho, optou-se, a fim de salvaguardar a privacidade de todos os AL, por não divulgar seus nomes. Assim, foram criadas siglas para cada um dos AL, como pode se ver no quadro 2.

Quadro 2 – Informações sobre os auxiliares linguísticos (AL)

Siglas que identificam o AL	Gênero³⁴	Residência no Suriname (R)	Profissão	Instrução Formal (IF)	Origem no Brasil
JPA	M	15 anos	Garimpeiro	básica	Maranhão

Fonte: própria

³⁴ O termo “gênero” é usado como referência ao sexo feminino (F) ou ao sexo masculino (M) e não ao “gênero dos textos”.

PIL	F	20 anos	Funcionário de agência de viagens brasileira	média	Rondônia
ADI	F	20 anos	Funcionária de agência de viagens brasileira	superior	Pará
ABI	M	15 anos	Pastor	superior	Pará
ADM	M	21 anos	Motorista de máquina do garimpo	básica	Bahia
SON	F	22 anos	Administradora de escritório no garimpo	média	Acre
RAI	M	10 anos	Garimpeiro	básica	Amapá
FRA	M	15 anos	Garimpeiro	básico	Maranhão
ALC	M	10 anos	Garimpeiro	básica	Maranhão
JIG	M	32 anos	Mecânico de retroescavadeira	curso técnico	Tocantins
CRL	M	Desde os 5 anos (20 anos)	Secretário do Centro Cultural Brasil - Suriname	superior	Pará
ZPA	M	21 anos	Empresário, secretário do CRBE, ³⁵ escritor	básico	Maranhão

No quadro acima são apresentadas as diversas regiões de procedência dos entrevistados, fator importante que auxilia na percepção de traços regionais desses falantes (variação diatópica). Os auxiliares são oriundos de 7 estados diferentes do

³⁵ CRBE: Conselho de Representantes de Brasileiros no Exterior. Segundo o Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE), o CRBE é “um instrumento de diálogo entre o Ministério das Relações Exteriores, e, por extensão, do Governo brasileiro com os brasileiros que vivem no exterior. Sua função é de, entre outras, transmitir ao MRE as principais demandas e aspirações dos brasileiros que vivem em suas respectivas regiões geográficas, auxiliando na definição de políticas em seu favor”.

Brasil: Acre, Amapá, Bahia, Maranhão, Pará, Rondônia e Tocantins. Além disso, informa-se o gênero dos AL: no total dos 11 entrevistados, 3 auxiliares são mulheres e 9 são homens. Aponta-se, também, a profissão dos entrevistados (variação diastrática), informação que permite saber algumas informações relevantes, como por exemplo, se o entrevistado trabalha na cidade ou no interior do país, se trabalha em empresa com brasileiros – como no caso da agência de viagens – ou em um contexto de interação com a população do Suriname e suas línguas como, por exemplo, no garimpo. Os auxiliares linguísticos que trabalham no garimpo estão propensos a manter um contato maior com as línguas do interior do país, principalmente com o saramaccan, sranantongo e ndjuka. Por sua vez, os AL que trabalham na capital (Paramaribo) em agências de viagens para brasileiros, no Centro Cultural Brasil Suriname (CCBS)³⁶ ou em empresas relacionadas ao processo de amálgama³⁷ e venda de ouro estão em contato linguístico maior com o português, o holandês e o sranantongo. Outra informação importante quanto aos AL é sobre a sua instrução formal: dos 12 auxiliares, seis têm nível básico – que condiz com o que hoje se chama “Ensino fundamental I” no Brasil e correspondente à educação formal geralmente até os 11 anos –, dois têm ensino médio, um tem curso técnico, três têm nível superior e cursaram os estudos universitários no Brasil.

A seguir apresenta-se a organização dos dados do *corpus* e também informações acerca da transcrição dos áudios.

3.1.3. Organização do *corpus* e sua transcrição

A organização do *corpus* e sua transcrição foram tarefas cruciais para a descrição e análise dos dados, que se apresentam no próximo capítulo. Considerou-

³⁶ O Centro Cultural Brasil-Suriname (CCBS) foi inaugurado em 1983 com objetivo de promover a cultura brasileira e a língua portuguesa no contexto de estreitamento das relações bilaterais entre o Brasil e o Suriname.

³⁷ O processo de amálgama é fundamental em garimpos, pois esse processo faz com que os minúsculos grãos de ouro sejam separados dos sedimentos dragados de leitos de rios ou da terra escavada. Após esse cascalho passar um período em esteiras, para que os metais se assentem e sejam separados dos sedimentos mais leves, o material concentrado é jogado em betoneiras onde é misturado à água e ao mercúrio. Os pequenos grãos se agregam com ajuda do mercúrio e podem ser separados com mais facilidade.

se que organizar o *corpus* é de extrema importância não apenas para que se proceda a uma boa apresentação dos dados na pesquisa em questão, mas também para que se possa dar continuidade a essa pesquisa em outro momento. Prevê-se, ainda, a publicação desse *corpus* mais adiante em formato digital.

Para cada gravação, elaborou-se uma “chave de identificação” do auxiliar linguístico (AL) que colaborou com a entrevista. Esta chave visa, portanto, a ajudar na identificação e classificação dos dados do tipo da gravação e classificar o tipo de interação do AL na gravação, para melhor se apreender dados para descrição e análise. Essas identificações são apresentadas no quadro 3 abaixo. Cada chave de identificação de um dado auxiliar linguístico contém as seguintes informações:

- (i) variação diatópica da ‘fala’ do AL, cuja sigla é “**pfs**” (português falado no Suriname);
- (ii) gênero do AL = f (feminino)/ m (masculino);
- (iii) contexto da gravação (variação diafásica) = f (formal)/ if (informal);
- (iv) tipologia de interação = cv (conversação)/ d (diálogo)/ m (monólogo);
- (v) aponta-se o número que o áudio/transcrição ocupa no cômputo total das gravações/transcrições (por ordem cronológica de gravação);
- (vi) mês e ano da gravação.

Quadro 3 – Chave de identificação de Auxiliares Linguísticos no *corpus* específico da pesquisa

Identificação	Descrição das siglas que formam a chave de identificação de uma interação com o/a AL
pfsmifcv01_1216	pfs (PSF); m (masculino); if (informal); cv (conversação); 01 (primeira gravação); 1216 (dez.2016)
pfsffcv02_1216	pfs (PSF); f (feminino); f (formal); cv (conversação); 02 (segunda gravação); 1216 (dez.2016)
pfsffcv03_1216	pfs (PSF); f (feminino); f (formal); cv (conversação); 03 (terceira gravação); 1216 (dez.2016)

pfsmfm04_1216	pfs (PSF); m (masculino); f (formal); m (monólogo); 04 (quarta gravação); 1216 (dez.2016)
pfsmifcv05_1216	pfs (PSF); m (masculino); if (informal); cv (conversação); 05 (quinta gravação); 1216 (dez.2016)
pfsffcv06_1216	pfs (PSF); f (feminino); f (formal); cv (conversação); 06 (sexta gravação); 1216 (dez.2016)
pfsmifd07_0117	pfs (PSF); m (masculino); if (informal); d (diálogo); 07 (sétima gravação); 0117 (jan.2017);
pfs1mifcv08_0117	pfs (PSF); interlocutor 1; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08 (oitava gravação); 0117 (jan.2017)
pfs2mifcv08_0117	pfs (PSF); interlocutor 2; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08(oitava gravação); 0117 (jan.2017)
pfs3mifcv08_0117	pfs (PSF); interlocutor 3; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08 (oitava gravação); 0117 (jan.2017)
pfsmfm09_0117	pfs (PSF); m (masculino); f (formal); m (monólogo); 09 (nona gravação); 0117 (jan.2017)
pfsmfm10_0117	pfs (PSF); m (masculino); f (formal); m (monólogo); 10 (décima gravação); 0117 (jan.2017)

Fonte: baseado em Mello (2014), entre outros.

A chave de identificação de um AL ajuda na documentação dos diferentes tipos de fala espontânea, a apontar a variação diastrática, o gênero do AL (masculino ou feminino) e também destacar o tipo de variação diafásica: se formal ou informal.

Importante ressaltar que, apesar do Quadro 3 ser resultado de escolhas do pesquisador do PFS, os códigos são baseados na organização metodológica para a compilação da fala espontânea que se atesta no C-Oral-Brasil como se apresenta em Raso & Mello (2012), Mello (2014: 55), Mello (2014: 412) entre outros, com algumas

adaptações que atendem às necessidades específicas deste *corpus*. No Quadro 3, atesta-se, portanto, como se procedeu à organização interna do que nesta pesquisa se denominou de: “*corpus* específico” da pesquisa.

Ressalta-se que, neste trabalho, os exemplos apresentados representam um *banco de dados* apreendido a partir da transcrição dos áudios. Assim, no capítulo 4 em que esses exemplos são introduzidos, suas inserções se dão de forma simplificada, ou seja, são apresentados sem os códigos vistos acima no quadro 3. Contudo, ao final de cada grupo de fenômenos listados, esses códigos são introduzidos para orientar o leitor sobre os auxiliares linguísticos que produziram os fenômenos. Objetiva-se com isso que seja possível recuperar dados sociolinguísticos referentes aos auxiliares que produziram fenômenos específicos atestados na pesquisa. A seguir, exemplificamos, no quadro 4, como parte do banco de dados da pesquisa é introduzido nesta dissertação no próximo capítulo:

Quadro 4 – Apresentação dos dados neste trabalho³⁸

* ALC: mas vinheru bem pequeno	
pfs3mifcv08_0117(ALC)	pfs (PSF); interlocutor 3; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08 (oitava gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Maranhão/garimpeiro/ 10-R/ IF Básico

Fonte: própria

A chave de identificação de um AL ajuda na documentação dos diferentes tipos de fala espontânea, a apontar a variação diastrática, o gênero do AL (masculino ou feminino) e também destacar o tipo de variação diafásica: se formal ou informal.

Importante ressaltar que, apesar do Quadro 3 ser resultado de escolhas do pesquisador do PFS, os códigos são baseados na organização metodológica para a

³⁸ O exemplo do quadro 4 foi retirado do conjunto de sentenças/enunciações do *corpus* específico da transcrição dos auxiliares linguísticos. Neste caso trata-se de pfs3mifcv08_0117, cuja descrição corresponde a: pfs; 3er. Interlocutor; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08 (oitava gravação); 0117 (jan.2017), oriundo de Maranhão, garimpeiro, residente no Suriname 10 anos e com instrução formal básica, suas siglas são ALC.

compilação da fala espontânea que se atesta no C-Oral-Brasil como se apresenta em Raso & Mello (2012), Mello (2014: 55), Mello (2014: 412) entre outros, com algumas adaptações que atendem às necessidades específicas deste *corpus*. No Quadro 3, atesta-se, portanto, como se procedeu à organização interna do que nesta pesquisa se denominou de: “*corpus* específico” da pesquisa.

Ressalta-se que, neste trabalho, os exemplos apresentados representam um *banco de dados* apreendido a partir da transcrição dos áudios. Assim, no capítulo 4 em que esses exemplos são introduzidos, suas inserções se dão de forma simplificada, ou seja, são apresentados sem os códigos vistos acima no quadro 3. Contudo, ao final de cada grupo de fenômenos listados, esses códigos são introduzidos para orientar o leitor sobre os auxiliares linguísticos que produziram os fenômenos. Objetiva-se com isso que seja possível recuperar dados sociolinguísticos referentes aos auxiliares que produziram fenômenos específicos atestados na pesquisa. A seguir, exemplificamos, no quadro 4, como parte do banco de dados da pesquisa é introduzido nesta dissertação no próximo capítulo:

Quadro 5 – Metadados de uma gravação/transcrição do PFS

Português Falado no Suriname - Paramaribo (PFS)	
ARQUIVO: pfsmifd07_0117	
DATA:	02/01/2017
CIDADE:	Paramaribo, Suriname
LOCAL DA GRAVAÇÃO:	Rua Flamingostraat; bairro Tourtonnenlaan
AUXILIAR LINGUÍSTICO (AL):	(*JIG)
DURAÇÃO DA GRAVAÇÃO:	00.32'.57"
ENTREVISTADOR:	ANTONIO L. DORMAL (*ANZ)
TÓPICO DA CONVERSA:	Imigração ao Suriname e garimpo
PARTICIPANTES:	*JIG (AL: homem, garimpeiro – mecânico de retroescavadeira, 32 anos no Suriname, originário de Tocantins) / *ANZ (entrevistador)/

	*ADM (AL; fala esporádica) / *VZN (vizinha, sem identificar)
CONTEXTO DA GRAVAÇÃO:	Gravação na porta do restaurante da mulher do AL-ADM, em rua do bairro de Tourtonnenlaan.
ASPECTOS DA GRAVAÇÃO:	A entrevista contém ruídos: sons da rua (automóveis, crianças...) e sons de foguetes, pois a entrevista foi após a festa do Ano Novo (Owru Yari) ³⁹
ASSUNTO DA GRAVAÇÃO:	Entrevista sobre imigração no Suriname, garimpo, experiências pessoais; relações inter-raciais, opiniões sobre identidade e morar em Paramaribo; origens e família.
FONTE:	C-PFS-Paramaribo
GÊNERO DA GRAVAÇÃO:	Entrevista, informal
Nº PALAVRAS:	3.157
QUALIDADE ACÚSTICA:	A/B
TRANSCRITOR (ES)	Antonio L. Dormal
REVISOR (ES):	Antonio L. Dormal, Márcia S. D. de Oliveira

Fonte: própria – baseada em Raso e Mello

Importante dizer que, apesar do quadro 5 acima ser uma elaboração do pesquisador do PFS, a elaboração dos metadados das gravações/transcrições desta pesquisa seguem o modelo do C-Oral-Brasil como se vê em Raso & Mello (2009: 24-25).

Ainda que não se tenha conseguido a precisão técnica e a qualidade necessária para a realização de todas as gravações, preferiu-se não descartar nenhuma entrevista gravada.

³⁹ *Owru Yari* em Sranantongo significa “velho ano”. Trata-se da maior festa nacional do país e é uma data muito comemorada em Paramaribo. Fazendo um paralelo com o Brasil, pode-se dizer que é como um carnaval ao estilo de Salvador, com trios elétricos e estilos musicais locais, mas que dura dois dias: o dia anterior ao fim do ano e o dia posterior. Nessa festa, o grande atrativo são a queima de petardos originários da China que deixam as ruas com um tom vermelho. Ver fotos no Apêndice I.

Os critérios para a transcrição dos áudios gravados seguiram em boa parte as prescrições adotadas pelo C-Oral-Brasil como se observam em Mello et al (2012). Para aprimorar essas técnicas de transcrição dos áudios, no mês de maio de 2017, realizou-se uma visita para conhecer o trabalho e o Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem (LEEL) da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), haja vista que os pesquisadores do LEEL/UFMG estão diretamente ligados ao Projeto C-Oral-Brasil, já mencionado algumas vezes nesta seção. Ainda, o pesquisador participou também de dois *workshops* entre os grupos de pesquisa GELIC (Grupo de Estudos de Línguas em Contato – FFLCH/USP) – em que o pesquisador inseriu-se por meio desta pesquisa – e o LEEL/ UFMG. Esses *workshops* foram realizados por videoconferência e organizados pela pesquisadora Márcia Oliveira em parceria com membros do LEEL/UFMG.

A seguir apresentam-se excertos de Mello *et al* (2012) em que se observam critérios acerca da metodologia e teorização específicas do C-Oral-Brasil com relação ao tratamento da fala espontânea. Esses excertos são introduzidos por temas:

(i) As transcrições são um produto de caráter teórico e metodológico:

[...] O registro escrito das sessões gravadas é uma ferramenta fundamental para o pesquisador que trabalha com dados de fala, e cada vez mais os linguistas têm atentado para o fato de que as transcrições são o produto (sempre imperfeito) de uma série de decisões de caráter teórico e metodológico.

Mello *et al* (2012: 126)

(ii) A transcrição deve seguir critérios os mais ortográficos possíveis, pois:

[...] o texto transcrito não pode gerar problemas para a imediata compreensão do leitor [...]

Mello *et al* (2012: 131)

(iii) A transcrição deve prever ainda critérios não ortográficos a fim de que fenômenos gramaticais específicos possam ser capturados. Dessa forma, pode-se dar:

[...] maior visibilidade aos fenômenos que podem ser morfológica e sintaticamente importantes e permitem, assim, o cotejo entre a língua estabelecida como padrão e a língua efetivamente em uso.

Mello *et al* (2012: 131)

Assim – seguindo Mello et al (2012) –, os dados do PFS foram transcritos o mais ortograficamente possível: a marca do infinitivo (r final), por exemplo, mesmo se não perceptível, foi mantida em todos os verbos – ver Mello *et al* (2012: 139). Ressalta-se ainda que, neste trabalho, as transcrições dos áudios do PFS seguem o Acordo Ortográfico em vigor no Brasil a partir de 2009.⁴⁰ No entanto, quando o intuito era chamar a atenção para um fenômeno gramatical que descreve a variedade PFS, buscou-se uma “adaptação” semi-ortográfica visando a capturar o fenômeno como se observa no Quadro 6.

Quadro 6 – Transcrição semi-ortográfica a fim de se capturar fenômeno gramatical específico do PFS

<p>* ALC: mas vinheru bem pequeno</p> <p>/vi.´ɛ.rẽw/ > /vi.´ɲɛ.ru/</p>	
pfs3mifcv08_0117(ALC)	pfs (PSF); interlocutor 3; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08 (oitava gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Maranhão/garimpeiro/ 10-R/ Instrução Formal (IF) Básico

Fonte: própria

Como se observa no Quadro 6, a forma verbal “vieram” foi produzida como “vinheru” pelo falante ALC. Como importava apontar esse fenômeno capturado da fala espontânea – ver capítulo 4 –, a transcrição desse verbo foi realizada de maneira semi-ortográfica. A informação abaixo do fenômeno descreve o tipo de interação na gravação e os dados referentes ao AL que permitem conhecer a procedência, a profissão, o tempo de residência e informação sobre a sua instrução. Estes dados foram importantes para se compor o quadro de análise dos fenômenos produzidos pelos AL do português falado no Suriname.

⁴⁰ Sobre acordo ortográfico, ver ILTEC <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php>>.

Ao término das explicações acerca da transcrição dos áudios do PFS, é importante ainda mencionar que um conjunto de 26 áudios foram selecionados pelo pesquisador deste trabalho em conjunto com a professora Márcia Oliveira e a pesquisadora Maria de Lurdes Zanolli a fim de serem entregues a alunos da disciplina de graduação do curso de Letras da FFLCH/USP: “Introdução aos Estudos de Língua Portuguesa II” (IELP II); turma 2018232 – a doutoranda Maria de Lurdes Zanolli atuou como monitora da disciplina. A maioria dos alunos da turma de IELP 2/2018 transcreveu entre 4 a 5 minutos de áudio do PFS como parte de trabalho final de curso ligado à ementa dessa disciplina que objetiva que os alunos do curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo sejam introduzidos aos estudos da modalidade falada da língua. Os alunos de IELP 2/2018 foram introduzidos ainda, pela professora Márcia Oliveira, a aspectos gramaticais do português brasileiro (PB) que poderiam ser observados a partir do trecho transcrito. Dessa forma, em seu trabalho-prova de “transcrição de fala de variedade de português”, muitos alunos apontaram – ainda que de maneira bem sucinta – algumas dessas características do PB em sua transcrição do PFS. Logo, é importante ressaltar que esta pesquisa de pós-graduação envolveu alunos de disciplina de graduação da FFLCH-USP em uma interação pós-graduação e graduação nessa Unidade da Universidade de São Paulo. A seguir, no Quadro 7, apresentam-se os nomes dos alunos que participaram dessa atividade:

Quadro 7 – Alunos-colaboradores no processo de transcrição do corpus do PFS

Estudantes que colaboraram na transcrição do <i>corpus</i> do PFS.			
Alunos de Letras da FFLCH/ USP (IELP II); turma 2018232			
1	Ana Cristina Fernandes de Sousa	21	Júlia Loffreda Costa
2	Anna Flavia Spinardi	22	Júlia V. Rogano
3	Beatriz Aparecida Finco de Souza	23	Juliana Cristina Menezes Ângelo
4	Beatriz Morelatto	24	Laís Braz Siqueira
5	Bruna Aparecida da Silva	25	Leonardo Vieira Mendonça
6	Caio M. Labate	26	Leticia de Paula Pereira
7	Camila da Silva Vieira	27	Luiz Henrique Aguiar de Souza

8	Camilla Aparecida Araújo Almeida	28	Luiz Henrique Feliciano dos Santos
9	Carolina de Jesus Almeida	29	Mariana Neves Silveira
10	Celina Silva Lizidatti	30	Marina Anastácio Chan
11	Clara Monte	31	Marina G. Z. Machado
12	Claudio Vinicius Bastos Dias	32	Naomi Santos Martinez
13	Debora Souto	33	Pedro H. Missio
14	Felipe Matias Fernandes Soares	34	Sabrina Pereira da Silva
15	Flavia Biazini C. de Assis	35	Sofia Reis Moura
16	Gabriel Lucas Batista	36	Thais M. de Souza Gonzaga
17	Gabrielle de Lima Gomes	37	Verônica M. N. Handa
18	Giovana Tavares Tonela	38	Victoria Kao
19	Giullia Braga de Sousa	39	Vitoria C. Leandro da Silva
20	Helena Albert Bachur		

Importante ainda mencionar que os alunos da turma 2018232 de IELP II souberam de antemão, via Plano de Curso Geral da disciplina, que transcreveriam trechos de áudios de uma pesquisa de mestrado. Durante o processo, o pesquisador Antonio Lorenzo “Anzo” Dormal esteve em sala e apresentou o Suriname e o PFS à turma por meio de uma aula-conferência. O pesquisador também auxiliou a professora Márcia Oliveira no processo de “correção” da atividade dando retorno aos alunos.

Na subseção seguinte, apresentam-se aspectos ligados à Linguística de Contato com fins de que, no capítulo 4, essas abordagens sejam aplicadas ao PFS.

3.2 Aspectos teóricos sobre a Linguística de Contato

Segundo o *Ethnologue* (EBERHARD, 2019), existem 7.111 línguas vivas atualmente no mundo. Assim, incluindo o Vaticano e a Palestina, essas 7111 línguas estão “divididas” entre 195 países —⁴¹ ver Worldometers (2019). Essas referências

⁴¹ Estes dados são aproximativos, pois a ONU reconhece 193 países. Não estão incluídos nesta lista estados ou territórios dependentes de outros países, como por exemplo Aruba (Holanda), o que segundo dados da ONU (2010) aumentaria o número de países em 54 a mais. Sem dúvida, todos os

servem para que se atente para o fato de que, via de regra, a maioria dos países tem mais de uma língua e são plurilíngues. Segundo López Morales (1989: 142), os países serem plurilíngues é “um fato natural e cotidiano da Humanidade”. Observe-se o caso de Papua Nova Guiné: um país com mais de 600 ilhas no Pacífico e com quase 8 milhões de pessoas e 851 línguas. Segundo o Ethnologue (2019, traduzido):⁴²

O número de línguas existentes em Papua Nova Guiné são 851. Dessas, 840 estão vivas e 11 extintas. Das 840 línguas, 839 são nativas e 1 é não-nativa. Além disso, 39 são línguas oficiais, 281 estão em desenvolvimento, 266 são estáveis, 211 estão moribundas e 43 estão morrendo.

A seguir, verifica-se, na Tabela 3, a relação dos países com maior número de línguas faladas; o Brasil está na 10ª posição. Também inclui-se o Suriname na Tabela por ser o país tópico desta pesquisa:

Tabela 8 – Os países com maior número de línguas faladas no seu território e o ranking do Suriname:

Os 10 países com maior número de línguas faladas no seu território e Suriname: nº de línguas e população do país

País	Nº línguas faladas	Habitantes
1) <i>Papua Nova Guiné</i>	851	7,619,000
2) <i>Indonésia</i>	707	260,581,000
3) <i>Nigéria</i>	526	186,000,000
4) <i>Índia</i>	454	1,266,884,000
5) <i>Estados Unidos</i>	422	324,930,000
6) <i>China</i>	300	1,379,665,000
7) <i>México</i>	289	128,632,000

países do mundo têm seu interesse e são importantes para outros estudos linguísticos. Neste trabalho, o objetivo é chamar a atenção para a grande diferença existente entre o número de línguas do mundo e o número de países.

⁴² “The number of individual languages listed for Papua New Guinea is 852. Of these, 840 are living and 12 are extinct. Of the living languages, 839 are indigenous and 1 is non-indigenous. Furthermore, 42 are institutional, 303 are developing, 344 are vigorous, 114 are in trouble, and 37 are dying”.

8) <i>Camarões</i>	281	23,924,000
9) <i>Austrália</i>	245	24,275,000
10) <i>Brasil</i>	229	204,735,000
11) <i>Suriname</i> ⁴³	21	559,000

Fonte: própria com auxílio de Ethnologue (EBERHARD, 2019)

As informações estatísticas acima evidenciam situações de plurilinguismo em todos os países da tabela, incluindo o Suriname. Nesses países parece normal que em um ambiente com tanta diversidade linguística aconteça o contato linguístico na interação entre os diferentes falantes dessas línguas. Assim, o plurilinguismo pode corroborar as teorias de contato linguístico. Por exemplo, no Suriname, como resultado do contato linguístico entre as línguas europeias, africanas e indígenas nasceram línguas crioulas; ainda com a chegada dos imigrantes asiáticos, o contato linguístico entre a língua franca hindi e a língua franca do Suriname, sranantongo, resultou no surgimento do sarnami – ver capítulo 2, subseção 2.4.

Para linguistas ligados a estudos do contato linguístico, áreas em destaque para pesquisas são as regiões geopolíticas em que se atestam plurilinguismo e que, no presente ou no passado da formação dessas línguas, nesses lugares, o contato se deu/se dá de diferentes maneiras – ver, entre outros, Winford (2003: 1).

O termo “Linguística de Contato” é bem atual, mas estudos sobre o contato linguístico têm estado em evidência desde o século XIX e até antes. Adolfo Coelho, filólogo e grande estudioso português, em 1878, em uma conferência da Sociedade de Geografia Portuguesa, chamou a atenção para:

[...] As fórmas dialectaes particulares que algumas linguas europêas e particularmente o francez, o hespanhol e o portuguez, tinham tomado nas colonias e conquistas da Africa, Asia e America (sic) [...].

(COELHO, 1881)

⁴³ Neste trabalho, no capítulo sobre Aspectos etnolinguísticos do Suriname, aponta-se um número maior de línguas faladas pois são inseridas as línguas dos emigrantes.

Teria sido esta conferência em que participou Adolpho Coelho o embasamento inicial para o primeiro de seus três livros, intitulado *Os dialectos românicos ou neo-Latinos na Africa, Asia e América* (1881), publicação que chamou a atenção do linguista alemão Hugo Schuchardt. Adolfo Coelho é considerado, ao lado de Hugo Schuchardt, o pai da área chamada de “crioulística” – atualmente, parte dos estudos da Linguística de Contato. Esses dois estudiosos começam a trocar correspondências e isso abriria um campo de estudos acerca de “variedades” de línguas europeias além-mar: variedades de português, de inglês, de holandês. Nesse intercâmbio de informações e de pesquisas iniciais nesta área de estudos, consta ainda o nome do filólogo holandês Dirk C. Hesseling. Assim, Coelho, Schuchardt e Hesseling são três dos grandes nomes que podem ser ligados ao início do que se chama atualmente de “Linguística de Contato” – ver, entre outros: Guus & Muysken (2009); Gilbert (2009). Segundo Alkmin (1995):

Coelho, Schuchardt e Hesseling, em função do interesse que os uniu e os singularizou no panorama da época, acabaram constituindo-se interlocutores privilegiados uns dos outros. Em termos concretos, o trabalho de um representava uma leitura necessária para outros. E é seguindo a rota de referências e citações contidas em alguns de seus trabalhos que podemos identificar a natureza da relação acadêmica que os pioneiros dos estudos crioulos estabeleceram entre si.

(ALKMIN,1995:10)

Para esses pesquisadores citados, chamava a atenção o resultado do contato linguístico que se deu a partir das Grandes Navegações. Com a colonização de novas terras por parte dos europeus, iniciaram-se tipos de contato linguístico com povos originários da Ásia, África e Américas que não haviam sido notados antes. Sobretudo em ilhas da África, no Caribe e na América do Sul, iniciou-se, por meio de “forças colonizadoras” europeias, uma economia baseada nas plantações de açúcar e de café com mão de obra escrava que incluía população indígena e populações trazidas de regiões longínquas. Portanto, foram transplantados para essas áreas milhões de africanos escravizados que traziam consigo muito de suas línguas e culturas. Vários fatores sociais e linguísticos geraram situações diversas de contato entre os habitantes de diversas áreas do globo.

À medida que os estudos sobre novas línguas e novos tipos de contato linguístico se davam, surgiam novos desafios que exigiam dos pesquisadores novas abordagens teóricas a fim de classificarem esses fenômenos. Observe as palavras de Windford (2003):

Apurar os fatores, tanto linguísticos como socioculturais, que contribuem para as consequências no resultado linguístico entre falantes de diversas línguas converte-se assim no objetivo do estudo da linguística de contato. (WINDFORD, 2003: 11, traduzido)⁴⁴

Uriel Weinreich escreveu, em 1953, o livro de referência: *Línguas em contato* que traria “identidade” ao grupo de estudiosos dessa área. Weinreich (1953) propõe o estudo das línguas em contato a partir de duas perspectivas: a linguística e a sociocultural – ver Windford (2003: 8). Ainda, segundo Moreno (2005: 252), as ideias de Weinreich (op cit) introduziriam os conceitos de “interferência e empréstimo (*borrowing*)” e seriam o início para a sistematização dos conhecimentos teóricos sobre o contato linguístico.

Em meados do século XX, os estudos sobre “novas línguas criadas” a partir do contato extremo de línguas – as chamadas línguas *pidgins*, crioulas e “media lingua” – começaram a fazer parte de pesquisas acadêmicas sistematizadas. De modo mais consistente, estudos de distintas áreas do conhecimento começaram a ser realizados em interface, abrindo um fascinante campo de investigação entre estudiosos. Chama-se a atenção para alguns deles: (i) *na Linguística*: o campo da sociolinguística, especialmente após a publicação de Labov (1972) e as distintas áreas como a fonologia, morfologia, sintaxe e semântica – por meio de distintos modelos teóricos; na área da filogêneses em que se atestam pesquisas linguísticas ligadas à biologia – ver Bakker et al (2017), entre outros; (ii) *na área da sócio-história* – ver, entre outros, Arends, Muysken & Smith (1994); (iv) *na literatura* como se observa em Voorhoeve &

⁴⁴ The goal of contact linguistics is to uncover the various factors, both linguistic and sociocultural, that contribute to the linguistic consequences of contact between speakers of different language varieties.

Lichtveld (1975). Todas estas “veredas” fazem hoje da linguística de contato um campo de estudo interdisciplinar.

Como já mencionado, o campo dos estudos do contato linguístico apontam para distintos tipos de contato. Windford (2003) é um trabalho clássico que propõe, com base em grandes nomes dessa área de estudo nas últimas décadas, uma taxonomia do contato linguístico a partir de 3 grandes tipos:

- (i) *Manutenção* – nesse tipo de línguas atestam-se as línguas que mantêm sua estrutura gramatical mas encontram-se em grande situação de contato com outras línguas;
- (ii) *Language Shift* – neste grupo atestam-se comunidades linguísticas que “decidiram” (e “estão decidindo”) mudar de língua (mudança de uma língua “x” para uma língua “y”;
- (iii) *Novas Línguas Criadas* – trata-se de línguas formadas a partir do contato linguístico: línguas *pidgins*, crioulas e “media lengua”.

A seguir apresenta-se o Quadro em que essas três diferentes situações de contato linguístico são resumidas por Windford (2003):

Quadro 8 - Principais resultados do contato linguístico

• Manutenção de Língua		
I Situações de Empréstimo		
Grau de contato	Resultado linguístico	Exemplos
Esporádico	Somente empréstimo lexical	Inglês moderno: empréstimos do francês, p. ex., <i>ballet</i>
Moderado	Empréstimo leve de estruturas linguísticas e de léxico	Influências do latim no inglês moderno inicial; Influências do sânscrito nas línguas dravidianas
Intensivo	Empréstimo moderado de estruturas linguísticas	Influência germânica no Romanche

II Situações de Convergência

Tipo de contato	Resultados linguísticos	Exemplos
Localidades próximas geograficamente	Disseminação moderada de estruturas	Sprachbünde, p. ex., línguas Balcãs
Multilinguismo dentro de uma comunidade	Disseminação forte de estruturas	Influências do Marathi/Kannada no Kupwar Urdu
Pressão intensa sobre um grupo minoritário	Disseminação forte de estruturas	Influências do tibetano no Wutun; Influência do turco no grego da Ásia menor.
Contato intenso entre diferentes comunidades (comércio, exogamia)	Disseminação forte de estruturas e/ou léxico	As línguas de Northwest New Britain (Papua Nova Guiné); as línguas de Arnhem Land, na Austrália

• Mudança de Língua (language shift)

Tipo de mudança	Resultados linguísticos (substrato)	Exemplos
Completa e rápida (por um grupo minoritário)	Pequena ou sem interferências das línguas de substrato no TL (Target Language) ⁴⁵	Grupos de imigrantes “urbanos” mudando para o inglês em Estados Unidos
Mudança rápida por parte de uma grande ou prestigiosa minoria	Leve a moderada interferência da língua de substrato na TL	Língua normanda mudando para o inglês na Inglaterra
Mudança nas comunidades originárias para a língua adquirida	Interferência moderada a forte da língua de substrato	Mudança para o inglês dos falantes de irlandês na Irlanda (Hiberno-inglês); No século XVII, mudança para dialetos do inglês em

⁴⁵ Neste trabalho, decidiu-se traduzir *Target Language* como “língua alvo”.

	Barbados (“crioulo” intermédio)
--	------------------------------------

• **Línguas de criação (novas línguas de contato)**

Tipo	Características
Línguas bilíngues mistas	Semelhante a casos de manutenção, incorpora uma grande parte de vocabulário externo, mantendo o quadro gramatical
Pidgins	Língua franca altamente reduzida que envolve acomodação e simplificação mútuas; empregado em funções restritas tal comércio
Crioulos	Ligado a casos de manutenção e mudança, com gramáticas formadas por vários graus de influência das línguas de substrato e superstrato e vocabulário extraído, principalmente, da língua de superstrato

Fonte: Windford (2003, p. 23-24, traduzido).⁴⁶ O título no quadro é uma re-adaptação do título de Winford (op cit).

Observa-se que Winford (op cit) enquadra no grupo A – “Línguas em Manutenção” – línguas em contato que, embora se mantendo como língua “x”, “y”, receberam/recebem contato por meio de situações de *empréstimo* e de *convergência*. Os empréstimos lexicais de outras línguas (*borrowing*) verificam-se em 3 estágios: esporádico, moderado e intensivo. Na situação de convergência, atestam-se pequenas modificações na gramática da língua mas que não implicam necessariamente em mudança gramatical; trata-se mais do uso de algum aspecto gramatical que as línguas em contato compartilham, geralmente em casos de bilinguismo ou após uma substancial aquisição de empréstimos linguísticos. Em situação de “manutenção de língua” também pode ocorrer, em comunidades bilíngues ou plurilíngues, o fenômeno conhecido como *code-switching*: os falantes de uma dada língua alternam códigos com outra(s) língua(s) em uso.⁴⁷

⁴⁶ O título original “Major outcomes of language contact” do autor Windford (2003: 23) foi traduzido ao português, nesta dissertação, como “Principais resultados do contato linguístico”. A tradução é do pesquisador. O quadro original é apresentado no Anexo 1 ao final do trabalho.

⁴⁷ Segundo Windford (2003: 29), o empréstimo lexical nas línguas pode ocorrer mesmo sem que exista contato linguístico entre os falantes da língua de origem e da língua receptora. Trata-se de um fenômeno inerente a quase todas as línguas.

No grupo B do Quadro 8, Winford (2003) apresenta a situação de contato em que um grupo sociolinguístico muda de língua (e não apenas um indivíduo ou família em específico) e adota uma língua “alvo” como a língua do grupo. O abandono da língua de origem de uma comunidade linguística pode ser parcial ou total e, nesse processo, a influência da língua de origem na língua alvo pode atestar pouca ou muita “interferência”. Em comunidades bilíngues, por exemplo, pode ser mantida a língua de origem para dadas funções e a língua alvo, considerada de prestígio, para outras funções. Esta situação é bastante comum no Suriname nas comunidades hindus, javanesas e brasileiras em que a língua materna é usada em contextos familiares e o holandês ou sranantongo em contextos sociais com outras comunidades e culturas, no trabalho ou com temas oficiais – trata-se, portanto, de um tipo de “diglossia”, tema tratado na introdução do capítulo 2.

Nos fenômenos de mudança linguística, muitas vezes a língua nativa vai caindo em desuso até “morrer”. Muitos dos casos de “language shift” acontecem em comunidades de imigrantes, quando em comunidades bilíngues a língua dominante (majoritária ou de prestígio) se sobrepõe. No entanto “language shift” também se dá quando novas línguas são introduzidas numa comunidade linguística, como aconteceu com a colonização nas Américas, África e Ásia.

No grupo C do Quadro 8, apresentam-se as novas línguas resultantes de um contato linguístico “extremo”: línguas *pidgins*, crioulas e “*media lingua*”.

No caso das línguas *pidgins* e crioulas, o resultado do contato linguístico é uma nova língua com estruturas linguísticas que continuam sendo “complexas”, como qualquer outra língua, mas que evidenciam traços distintos das línguas que possivelmente as originaram. As línguas que se chamam “*media lingua*” – como a língua equatoriana que tem esse nome – surgem em comunidades bilíngues. A nova língua surge de um processo de “mistura” de duas línguas em uso em que, geralmente, mantêm-se o léxico majoritário de uma das duas línguas mas organiza-se a gramática por meio dos fenômenos linguísticos da outra língua. Neste caso pode-se saber quais são as línguas que participam na formação dessa nova língua, assim como qual é a língua que aporta o léxico e qual a que aporta a estrutura gramatical.

As línguas *pidgin* parecem ter sua origem na necessidade “emergencial” de comunicação entre várias comunidades linguísticas diferentes. São línguas, segundo Windford (traduzido):⁴⁸

“[...] de uma linguagem altamente reduzida, com pouco vocabulário e uma gramática cujas funções estão restritas, essencialmente, para o comércio e a troca”.

(WINDFORD, 2003: 20)

No entanto, estudos sobre línguas *pidgins* apontam que a descrição que se vê acima de Winford (2003) estaria mais relacionada a um tipo emergencial de línguas chamadas de “jargão”. Segundo Bakker (2003), línguas *pidgins* não são línguas maternas, mas têm normas que precisam ser aprendidas e atestam ainda grande variedade morfossintática devido à grande quantidade de “input” que recebem via contato “extremo”.

As línguas crioulas são línguas complexas como qualquer outra língua e que têm muitas das características das línguas *pidgins* com a diferença de serem línguas maternas de uma dada comunidade. Assim, os diversos tipos de variedades morfossintáticas atestados em *pidgins* tendem a ser “estabilizados” quando a língua se instaura como “materna” e é chamada então de língua crioula – fato este que vem sendo mudado recentemente na Linguística de Contato em que os pesquisadores têm preferido chamar essas línguas por nomes relacionados a suas comunidades, como por exemplo: caboverdiano, papiamentu, saranatongo, entre outras.

Ao se afirmar que as línguas crioulas são “complexas” como qualquer outra língua, cita-se Oliveira, Zanolli & Módolo (2019: 328) que afirmam que o “traço de complexidade” é um fenômeno bastante discutido na linguística de contato:

[...] Esse fenômeno, que se insere atualmente na discussão contra ou a favor de as línguas crioulas formarem um tipo linguístico, é parte das características de um amplo e atual debate na literatura da área que tem sido chamado de “excepcionalidade das línguas crioulas”. Parkvall (2008), em um primeiro estudo empírico que comparou um conjunto de línguas crioulas com

⁴⁸ [...] highly reduced languages with minimal vocabulary and grammar whose functions are restricted primarily to barter and exchange.

um outro conjunto de línguas, atenta para o traço “complexidade”. O autor (op. cit.) deixa claro que os crioulos, como qualquer língua humana, são estruturalmente complexos, mas, em termos tipológicos, formam um grupo de línguas menos complexas [...] Desnecessário dizer, no entanto, que não estamos afirmando com isso que línguas crioulas [...] atestam uma gramática simples.

No Suriname, conforme descrito nos capítulos 1 e 2 deste trabalho, se deram as condições para que oito línguas crioulas nascessem nessa área geográfico-linguística. Além disso, um *pidgin* existiu nessa área até 1960 na região de Sipaliwini: o ndjuka-trio – Ethnologue (2019). Esse *pidgin* foi a língua usada pelos ndjuka, trio e wayana para intercâmbio e trocas comerciais. As aldeias ficavam mais próximas dos núcleos urbanos atuais dessa região. Hoje, não se tem conhecimento de que alguma comunidade fale essa língua, embora algumas pessoas mais velhas da região afirmam “conhecê-la”.

A fim de que se tenha acesso a um conjunto de línguas chamadas crioulas e também a um conjunto de seus dados, é importante acessar: *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures* (APiCS) – ver Michaelis, Susanne Maria & Maurer, Philippe & Haspelmath, Martin & Huber, Magnus (2013).

Pelo exposto acima, o Suriname é um país plurilíngue que atesta entre suas línguas várias das situações de contato linguístico descritas nesta subseção. No capítulo 4, apresenta-se o português falado no Suriname como partícipe dessa situação.

Após apresentar os aspectos metodológicos e teóricos utilizados para a recolha de dados e orientação do trabalho, respectivamente, no próximo capítulo serão analisados alguns fenômenos linguísticos identificados nas transcrições das gravações a fim de se propor uma inserção do PFS em uma taxonomia do contato linguístico como a que se apresenta no Quadro 8.

4. FENÔMENOS DO PFS INVESTIGADO À LUZ DA LINGUÍSTICA DE CONTATO

Neste capítulo objetiva-se a apresentação de alguns fenômenos gramaticais da variedade “português falado no Suriname” – PFS – que se encontra, como já apontado no capítulo 2, em situação de contato linguístico com o holandês, o inglês, o espanhol, com línguas crioulas (como o sranantongo, ndjuka e o saramaccan), com línguas indígenas e ainda com novas línguas que surgem atualmente no país, tais como o Sarnami (a língua dos emigrantes hindustanos).

Importante ressaltar que, no tocante aos fenômenos gramaticais observados no *corpus* do PFS, o que norteou este estudo foram os “fenômenos linguísticos” que vêm sendo bastante investigados em trabalhos diversos sobre variedades de português faladas no Brasil.

Muitos desses fenômenos são atestados em variedades chamadas de “português vernacular brasileiro” (PVB) – ver, entre outros, Mattos & Oliveira (manuscrito). Logo, os fenômenos observados no PFS se dão a partir do português brasileiro, haja vista que a fala investigada neste trabalho é de brasileiros residentes no Suriname, e, portanto, falantes de subvariedades de PVB. No entanto aponta-se ainda que, embora o PFS ateste em sua maioria fenômenos do português vernacular brasileiro, apresentam-se também exemplos de “convergência linguística” entre o português falado pelos brasileiros no Suriname e outras línguas desse país.

Deixa-se claro que ao abordarmos “fenômenos linguísticos do PFS”, tem-se a plena convicção de que não se está apresentando uma proposta que aborde a “totalidade de fenômenos”, pois isso seria impossível em relação aos estudos gramaticais de qualquer língua ou variedade(s).

Ao final, a descrição e a análise sucinta dos fenômenos do PFS que se apresenta neste capítulo possibilita, ainda que de modo preliminar, propor a inserção dessa variedade dentro de uma taxonomia de situações de contato linguístico como a que se apresenta em Winford (2003, p. 22-24) que foi introduzida na subseção 3.3 do capítulo anterior.

4.1. Para uma descrição de fenômenos linguísticos do PFS

Nesta seção, como já mencionado, apresentam-se fenômenos linguísticos observados na variedade de português falada no Suriname – PFS. Entretanto, antes de iniciá-la, são necessárias algumas palavras acerca do português falado no Brasil, haja vista se concluir que o PFS – embora em intenso contato linguístico, tanto na cidade de Paramaribo como no interior do país (nos garimpos) – ainda mantém grande parte dos fenômenos do “português falado no Brasil” (PB).⁴⁹

O PB começa a ganhar importância entre os estudos acadêmicos ao final do século XX embora diferenças entre o português europeu (PE) e o PB venham sendo apontadas por estudiosos da língua desde antes, como é o caso dos estudos de Adolpho Coelho, filólogo e pedagogo português do século XIX. Adolpho Coelho manifestava interesse por variedades de português e foi um dos precursores dos estudos das chamadas “línguas crioulas”, como visto na seção 3.3 do capítulo anterior. Quanto ao português, Coelho apontou que diversas características dos dialetos crioulos repetiam-se no Brasil (COELHO, 1881, p. 43).

Assim, uma possível história acerca do português falado no Brasil (PB) vem sendo construída por “muitas mãos” e há bastante tempo; seria, portanto, uma tarefa além do escopo deste trabalho tentar apresentar um resumo de alguns dos grandes momentos dessa sócio-história linguística em particular. No entanto, entre tantas leituras a que se poderia remeter o leitor, opta-se por referendar Campos (2014, p. 23-61) que propõe uma resenha dessa sócio-história do PB; o autor (*op cit*) tem como

49 O “mundo lusófono” é formado por nove países que têm o português como língua ‘oficial’: Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Desses países, Portugal e Brasil, além de terem o português como língua oficial também a têm como língua materna da maioria de seus cidadãos. Angola tem sido apontada por pesquisadores como um país africano em que o português também, além de oficial, já é a língua materna de grande parte da população – ver Figueiredo & Oliveira (2013, p. 175). Esses países acima mencionados são membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Esta organização foi criada em 1996, inicialmente formada por sete países. A partir de 2014, foram incorporados Guiné Equatorial e Timor Leste ao conjunto. Segundo dados da CPLP (2015, p. 8), os países membros reúnem um total de 258.466.119 milhões de pessoas; logo, o português pode ser considerado uma das línguas maternas e oficiais mais faladas do planeta. Desse total de falantes da língua portuguesa, o Brasil apresenta o maior contingente populacional com 201.033 milhões (CPLP, 2015).

principal objetivo apontar caminhos no que diz ser sua “busca por uma definição do português brasileiro”. Destaca-se, contudo, que, nos últimos 40 anos, têm-se evidenciado que a gramática dos brasileiros atesta significativas características se comparada à gramática falada pelos portugueses (CECIM, 2014, p. 112).

As diferenças entre o português falado no Brasil (PB) e o português falado em Portugal (chamado de português europeu – PE) poderiam ser explicadas apenas em termos de diferenças de ordem geográfica, histórico-sociais, culturais, entre outras; tais diferenças apontariam, portanto, apenas para afirmar-se a ideia, ainda presente entre muitos, de que o PB e o PE seriam uma única língua com diferentes variedades atestadas em um conjunto e outro dessas duas macro-variedades. No entanto, um grande conjunto de estudos apontam para o fato de que as diferenças entre o PB e o PE estão relacionadas a mudanças na “estrutura” do PB e também do PE; essas mudanças vêm sendo atestadas em todas as áreas da gramática: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Oliveira (2010, p. 19), que cita um conjunto de outros pesquisadores, exemplifica esse fato por meio da “sintaxe pronominal” de variedades do PB que tem sido um dos tópicos linguísticos em que mais se têm atestado distinções entre variedades de PB e de PE.

Apesar de se saber que o português falado no Brasil (PB) não se trata de uma realidade linguística monolítica, é possível, por meio de vários estudos, depreender características próprias dos falares que o compõem. Vejamos, a seguir, algumas citações acerca de fenômenos linguísticos do PB.

Cecim (2014, p. 112), em sua tese que apresenta a expressão de um falar do norte do Brasil (a comunidade de Jurussaca/PA), afirma:

Uma das diferenças apontadas no sistema pronominal do PB, se comparado ao PE, reside na sintaxe dos clíticos. Galves (2001: capítulos 7, 8) e outros autores reforçam a tese, por exemplo, de que o pronome clítico de terceira pessoa acusativo o/a não é mais produzido pela ‘gramática’ do português brasileiro.

Logo, uma sentença como:

(1) João a ajudou

é uma sentença típica da escrita normatizada do brasileiro ou ainda de uma fala mais próxima dessa escrita padrão. Diferentemente, segundo as pesquisas, nos diversos falares que se organizam como PB, a sentença (1) seria produzida como:

(2) João ajudou ela.

Segundo Pagotto (2007, p. 469):

[...] É claro que há diferenças regionais entre os vários dialetos brasileiros, mas chama a atenção que em todo o Brasil os diversos dialetos populares se oponham ao português erudito segundo um mesmo conjunto de traços [...]

Nesse sentido, entre os anos 2010 a 2012 foram publicadas três gramáticas escritas por linguistas que apresentam, de forma sistematizada, a maioria dos traços a que Pagotto (op cit.) se refere quanto ao português hodierno falado no Brasil. As três gramáticas referidas são: Perini (2010), Bagno (2011) e Castilho (2012).

Assim, a seguir apresentam-se diferentes fenômenos do português falado no Suriname – PFS – que, neste trabalho, se organizam como: fonológicos, morfológicos-lexicais, sintáticos, sintático-fonológicos. Tais fenômenos atestados no *corpus* desta pesquisa são apresentados por meio de quadros que tratam, em sua maioria, de fenômenos do português falado no Brasil – PB – apresentados nas gramáticas brasileiras citadas acima e ainda em outras publicações. Alguns fenômenos, no entanto, resultam de pesquisas bem recentes e que o autor teve conhecimento ainda que por meio de comunicação pessoal.

A organização dos quadros em que os fenômenos linguísticos do PFS são apresentados nas subseções abaixo baseia-se, em parte, na proposta de Mattos & Oliveira (manuscrito) em que se atesta uma tabela de traços de variedades de português e de línguas crioulas de base portuguesa.

Primeiramente, apresentam-se fenômenos fonológicos do PFS; em seguida, atestam-se fenômenos de ordem morfológicos-lexicais, seguidos por uma descrição de fenômenos sintáticos. Em uma subseção dos fenômenos sintáticos, apresenta-se uma análise em separado sobre a negação no PFS. Por fim, inserem-se fenômenos

sintático-fonológicos. Essa organização foi guiada em em função dos fenômenos apreendidos no *banco de dados* desta pesquisa.

4.1.1 Dos fenômenos fonológicos observados no PFS

Dentre os diferentes fenômenos fonológicos atestados no PFS, destacam-se:

- (i) *queda de fonema*: a) aférese (queda de fonema ou sílaba no início de palavra); b) síncope (queda de fonema ou sílaba no meio de palavra); c) apócope (queda de fonema ou sílaba no final de palavra);
- (ii) *inserção de fonema*: epêntese (inserção de fonema no meio da palavra);
- (iii) *mudança de fonema*: a) ditongação (transformação de uma vogal ou um hiato em ditongo); b) monotongação (redução de um ditongo em uma vogal); c) despalatização (a transformação de fonema palatal em um nasal ou oral); d) mudança de *onset* complexo (mudança da consoante líquida no *onset* complexo); e) mudança de fonema vocálico (mudança de um fonema vocálico α para um outro diferente); f) rotacismo (do fonema /l/ em /r/); g) mudança de fonema rótico (num determinado ambiente, um rótico α muda para um rótico β); h) queda de fonemas, de sílaba, de *onset* complexo (queda da consoante líquida no *onset* complexo); i) sinalefa (queda de vogal final de uma palavra quando a palavra seguinte começa por vogal);
- (iv) *mudança de estrutura silábica*;
- (v) *mudança de acento*.

A seguir apresenta-se, no quadro 9, os fenômenos fonológicos mencionados acima e apreendidos do *corpus* do PFS. Ainda, ao término do quadro atestam-se as seguintes informações: aspectos do tipo interacional do texto transcrito e aspectos sociolinguísticos dos auxiliares.

Quadro 9 – Fenômenos fonológicos observados no PFS

Nº	Fenômeno	Exemplo
1	Aférese de expressão com traço [- verbo]	(1) * ADI: brigada por você rir [o.bri.'ga.də] > [bri.'ga.də] (2) * ADM: gora se você tem (...) [a.'gɔ.re] > ['gɔ.re]
2	Aférese verbal	(3) * ADI: tá bom então [es.'ta] > ['ta] (4) * ADI: eles num tão nem aí (...) [es.'tãũ] > ['tãũ] (5) * ADI: pera aí [es.'pɛ. re] > ['pɛ.re] (6) * ADI: (...) xá eu tentar ['dej.a] > ['je]
3	Despalatização da consoante lateral palatal /ɲ/ por substituição com a semivogal /j/	(7) * RAI: é poucos que trabaiá aqui no centro da cidade (...) [tra.'ba.ɲa] > [tra.'baj.a]
4	Ditongação na última sílaba	(8) * RAI: rapaz pra mim quando num da de um lado nos (...) [Xa.'pas] > [Xa.'pajs]
5	Ditongação no interior de palavra	(9) * FRA: (...) que nos compartilha com o povo surinam ien se na vida (...) [su.ɽĩ.nã.'mẽ.se] > [su.ɽĩ.nã.'mjẽ.se]

6	Epêntese de consoante nasal-palatal "ɲ"	(10) * ALC: nasceram no Brasil mas vinheru bem pequeno pra ca [vi.´ɛ.rẽw] > [vi.´ɲɛ.rʊ]
7	Epêntese silábica	(11) * ADM (...) dificuldade assim pra viver no Brasil [dʒɪ.fi.kuw.´da.dʒɪ] > [dʒɪ.fi.ku.li.´da.dʒɪ]
8	Simplificação de <i>onset</i>	(12) * ALC: (...) uma com onze e ota, oto com treze anos [´ow.trʊ] > [´o.tʊ]
9	Monotongação em palavras [-verbo]	(13) * RAI: o país aqui é tranquilo [trẽ.´kwi.lʊ] > [trẽ.´ki.lʊ] (14) * RAI: tava com menos sodade [saw.´da. dʒɪ] > [so.´da.dʒɪ] (15) * RAI: ainda tava como diz o ditado boca loca [´low.ka] > [´lo.ka]
10	Monotongação em palavras [+ verbo]	(16) * FRA: quando eu mudei pra ca e trusse minhas máquinas (...) [´trow.si] > [´tru.si]

11	Desnasalização em ambiente de coda final /ãw/ > /u/ em palavra [+ verbo]	<p>(17) * ADM: (...) quantos companheiro da minha idade já mataro ou morrero, né? [ma.'ta.rẽw] > [ma.'ta.ru] [mo.'re. rẽw] > [mo.'re.ru]</p> <p>(18) * ALC: moram ... não ... nascero no Brasil, mas vinheram bem pequeno pra cá [na.'se.rãw] > [na.'se.ru]</p>
12	Mudança de acento	<p>(19) * JIG: e fora de, de parentês (...) tenho muito parentês, que eu sou indígena né? [pa.'rẽ.tes] > [pa.rẽ.'tes]</p>
13	Mudança de vogal posterior, semifechada, oral ou nasal para vogal posterior, fechada, oral ou nasal /o/ > /u/; /õ/ > /ũ/	<p>(20) * ADM: nos não temos apoio assim do guverno do nosso país [go.'veX.nu] > [gu.'veX.nu]</p> <p>(21) * ADM: a relação cum a própria nação deles ['kõ] > ['kũ]⁵⁰</p> <p>(22) * ALC: criança filha de brasileiro cum hindustano (...) ['kõ] > ['kũ]</p>

⁵⁰ Para Smith (1994, p. 167), a preposição 'com' em saramaccan é escrita **ku**, cuja representação fonética seria: [kũ]. Essa preposição seria proveniente do português - ver capítulo 2 deste trabalho.

		(23) * FRA: Que fala já três idiomas, quatro cum português [ˈkõ] > [ˈkũ]
14	Mudança de vogal posterior, semifechada, oral para posterior, semi-aberta oral /o/ > /ɔ/	(24) * RAI: Deus tem nós ajudado [ˈnos] > [ˈnɔs]
15	Mudança em <i>onset</i> complexo: obstruente + líquida lateral /kl/, /pl/ > obstruente + rotacismo /kr/, /pr/	(25) * ADM: vai casar com cicrana [si.ˈklã.ne] > [si.ˈkrã.ne] (26) * ADM: desmatava pra pranta capim pra criar gado [plẽ.ˈtar] > [prẽ.ˈta] (27) * ADM: prantação de arroz, feijão... tudo né? [plẽ.ˈte.ˈsãw] > [prẽ.ˈte.ˈsãw]
16	Mudança de estrutura silábica - “aportuguesamento de palavras do holandês e do sranantongo”	(28) * ADM: fala um pouco o saranaton , né? sranantongo > saranaton (29) * A. Dormal: você mora em Belenzinho, né? * ADM: Sim, em Totonã Tourtonnelaan (holandês) > Totonã
17	Queda de fonemas e mudança de estrutura silábica	(30) * ADM: (...) quando o garimpo tá mo bom, ganha dinheiro a situação sempre foi melhor (...)

		<p>[ˈmuj.tu]⁵¹ > [ˈmɔ]</p> <p>(31) * RAI: eu vou po outro</p> <p>[ˈpa.ra ˈow.tru] > [ˈpo]</p>
18	Queda de sílaba (sufixo de diminutivo)	<p>(32) * ADI: trazem um, assim, ourin (ourinho)</p> <p>[ow.ˈɾi.ɲu] > [ow.ˈrĩ]</p>
19	Queda de <i>onset</i> complexo	<p>(33) * FRA: eu não vim diretamente do Brasil aqui pu Suriname</p> <p>[ˈpru] > [ˈpu]</p>
20	Mudança do <i>onset</i> complexo (obstruente + líquida lateral /bl/ > obstruente + rotacismo /br/)	<p>(34) * ADM: quando tem algum pobrema</p> <p>[pro.ˈble.ma] > [po.ˈbre.ma]</p>
21	Sinalefa com a preposição <i>de</i> e <i>para</i>	<p>(35) * ADM: (...) abri d alguma forma a extensão</p> <p>[de aw.ˈgu.ma] > [daw.ˈgu.ma]</p> <p>(36) * RAI: quando não dá dum lado nos, eu vou pro outro (...)</p> <p>[ˈde ˈũ] > [ˈdũ]</p> <p>(37) * RAI: quando precisa levar prum serviço vai junto ca gente(...)</p> <p>[ˈpa.ra ˈũ] > [ˈprũ]</p>

⁵¹ Poderia-se considerar a expressão “mo bom” como uma síntese da expressão “maior bom”, que é apreendida em alguns vernaculares brasileiros. Contudo, opta-se que “mo bom” no PFS como no exemplo (28), devido ao contexto, seja uma síntese da expressão “muito bom”.

22	Síncope de consoante nasal	<p>(38) * JIG: Quase isso, mia família [ˈmi.nɐ] > [ˈmi.e]</p> <p>(39) * JIG: tão (tenho) muito parentês [ˈtẽ.no] > [ˈtẽ.o]</p>
23	Síncope vocálica e mudança de estrutura silábica	<p>(40) * FRA: (...) de lá pra cá [ˈpa.re] > [ˈpra]</p>
Identificação dos AL		Descrição das siglas que formam a chave de identificação e aspectos sociolinguísticos do AL ⁵²
pfsffcv03_1216 (ADI)		pfs (PSF); f (feminino); f (formal); cv (conversação); 03 (terceira gravação); 1216 (dez.2016) ↔ Pará/ Funcionária de agência brasileira de viagens/ 20-R/ ⁵³ IF ⁵⁴ Superior
pfsmifcv05_1216 (ADM)		pfs (PSF); m (masculino); if (informal); cv (conversação); 05 (quinta gravação); 1216 (dez.2016) ↔ Bahia/ Motorista Maquina garimpo/ 21-R/ IF Básico
pfsmifd07_0117 (JIG)		pfs (PSF); m (masculino); if (informal); d (diálogo); 07 (sétima gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Tocantins/ Mecânico/ 32-R/ IF curso técnico
pfs1mifcv08_0117 (RAI)		pfs (PSF); interlocutor 1; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08 (oitava gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Amapá/ garimpeiro/ 10-R/ IF Básico
pfs2mifcv08_0117 (FRA)		pfs (PSF); interlocutor 2; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08(oitava gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Maranhão/ garimpeiro/ 15-R/ IF Básico

⁵² Como já mencionado no capítulo 3, quadro 4, a apresentação dessa descrição visa a permitir que o leitor perceba com nitidez aspectos relacionados aos auxiliares linguísticos que produziram os fenômenos atestados.

⁵³ Como referido no capítulo 3, subseção 3.2, essa sigla “R” refere-se aos anos de residência do AL no Suriname.

⁵⁴ A sigla IF, como referido no capítulo 3, subseção 3.2, significa Instrução Formal (IF).

pfs3mifcv08_0117 (ALC)	pfs (PSF); interlocutor 3; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08 (oitava gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Maranhão/ garimpeiro/ 10-R/ IF Básico
-------------------------------	--

Fonte: própria

No quadro acima, atestam-se fenômenos fonológicos no PFS, que, em sua maioria são identificados na língua portuguesa e em variedades vernaculares brasileiras – ver, por exemplo, Bagno (2012, p. 295-301). Chama-se a atenção, no entanto, para alguns exemplos.

No exemplo (19) do PFS no quadro 9, retomado abaixo, percebe-se um fenômeno interessante que não se atesta comumente em vernaculares brasileiros: a mudança de acento. Observe a palavra grifada abaixo no exemplo:

(19) *JIG: e fora de, de **parentês** tenho muito **parentês**, que eu sou indígena, né?

[pa.'rẽ.tes] > [pa.rẽ.'tes]

Observe-se que o exemplo acima foi produzido pelo auxiliar JIG, que trabalha como mecânico em ofício ligado ao garimpo e que é o AL com maior tempo de residência no Suriname (31 anos).

Nos exemplos (22) e (23) do PFS no quadro 9, reapresentados com a mesma numeração abaixo, outro fenômeno chama a atenção: é o caso da preposição “com” produzida como **cum** em que se atesta a mudança da vogal /õ/ para /ũ/:

(22) * ALC: (...) criança filha de brasileiro **cum** hindustano

['kõ] > ['kũ]

(23) * FRA: Que fala já três idiomas, quatro **cum** português

['kõ] > ['kũ]

Importante ressaltar que a preposição “com” é “ku” na língua crioula saramaccan, cuja transcrição fonética corresponde a [kũ], similar à produzida pelos auxiliares do PFS atestados nos dados (22) e (23) acima. Segundo Smith (2002: 140-

146), o uso na língua saramaccan da preposição “ku” deu-se por meio da preposição “com” do português.

No início da colonização do Suriname – ver capítulo 1 e 2 deste trabalho –, a língua portuguesa foi introduzida via falantes provenientes do Brasil; esses falantes eram, em sua maioria, judeus portugueses (sefarditas). No saramaccan atesta-se uma importante influência de palavras de origem portuguesa ou do *djutongo* “*língua judaica*” (dju>jew> judeu; tongo> língua). Essa língua teria sido um produto da língua “negro-english” em contato direto com o português sefardita – ver Price (1983: 51-52), Smith (1994: 167; 2002: 140), Good (2009), entre outros. O *djutongo* é uma das línguas que teria sido falada na plantação de Imanuel Machado. Desta fazenda teriam saído os primeiros membros da comunidade saramaccan, os matjaw, nome derivado de “Machado”. Tratava-se de africanos que teriam fugido das plantações e cuja língua era o saramaccan, língua em que se atesta a maior influência do português entre as línguas crioulas do Suriname.

Logo, a preposição “com” produzida como **cum**, em que se atesta a mudança da vogal /õ/ para /ũ/ (exemplos (22) e (23) do PFS no quadro 9), pode ser um exemplo de palavra saramaccan no PFS. Observe-se que os exemplos foram produzidos pelos auxiliares linguísticos ADM (21 anos de residência no Suriname) e ACL (10 anos de residência no Suriname). Tanto ADM quanto ACL estão diretamente ligados às atividades no garimpo e estão, portanto, envolvidos com o saramaccan.

Um terceiro caso de fenômeno fonológico apresentado no quadro 9, exemplo (24), merece destaque: trata-se de palavra com “mudança de vogal posterior, semifechada, oral para vogal posterior, semi-aberta, oral /o/ > /ɔ/” como se observa no dado reapresentado:

(24) * RAI: Deus tem **nós** ajudado
[ˈnos] > [ˈnɔs]

Este fenômeno de mudança de abertura de vogal média tem sido atestado em variedades de fala do norte do Brasil, especificamente no Pará, e é apresentado nos trabalhos de Oliveira, Campos & Fernandes (2011: 137), Campos (2014), Oliveira et

al (2015: 160-161), entre outros, que tratam sobre a variedade de português da comunidade quilombola de Jurussaca (chamada de afro-indígena pelos autores). Observe os exemplos a seguir de Campos (2014: 172), apresentados com a mesma numeração no trabalho do autor (*op cit*):

- Nós [**nɔs**] – Complemento acusativo e dativo

(109) Eles [nós]AC duaru mil reais⁵⁵

(110) Sempre, aqui eles [**nós**]AC chamavam assim...

(111) O Lula [**nós**]DT deu essa uma que nós tava precisando

(112) aí nós viemus pra cá, chegando aqui o Castamba [**nós**]DT deu aquele pedacim pra mim com a Valmira.

Observa-se nos exemplos (109) a (112) – Campos (2014: 172) – que, nas ocorrências do clítico “nós” como complemento acusativo (AC) ou dativo (DAT), sua pronúncia pelos falantes de Jurussaca/PA realiza-se como [**nɔs**]. Esse mesmo fenômeno fonológico é atestado em outras localidades do Pará.⁵⁶ Assim, por meio do fenômeno de abertura de vogais atestado no PFS e exemplificado pelo dado (24) do quadro 9, permite-se corroborar que o PFS tem proximidade com falares vernaculares do norte do Brasil, como os do Pará por exemplo; isso já se aponta na chave de identificação dos auxiliares linguísticos – ver capítulo 3.

No entanto, ainda com relação ao quadro 9, um fenômeno fonológico no *corpus* do PFS chama a atenção por não se tratar de um caso comum no português do Brasil. O fenômeno diz respeito ao fonema rótico /r/ que se apresenta no quadro a seguir:

⁵⁵ Nos exemplos, as siglas AC e DT referem-se a “acusativo” e “dativo” respectivamente.

⁵⁶ Chama-se a atenção do leitor para os áudios conhecidos como “Epaminondas”, em que um humorista paraense apresenta a fala de Odivelas, marcante pela abertura de vogais médias não somente em pronomes, mas ainda em preposições como [de] > [dɛ]: <https://www.youtube.com/watch?v=3dl6mIYL0O0>.

Quadro 10 – Fenômenos fonológicos referentes ao som rótico /r/ no PFS

	/r/ rótico vibrante, alveolar: fonologia do holandês	
24	Em palavras [+ verbo]	<p>(41) * ALC: morru (moram)... não... nasceram no Brasil (...) [ˈmɔ.rãw] > [ˈmɔ.ru]</p> <p>(42) * ADM: eu quiria assim, se o governo abrisse as porta para brasileiro trabalhar a agricultura (...) [ke.ˈri.a] > [ki.ˈri.a]</p>
Identificação AL		Descrição das siglas que formam a chave de identificação e aspectos sociolinguísticos do AL
pfs3mifcv08_0117 (ALC)		pfs (PSF); interlocutor 3; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08 (oitava gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Maranhão/ garimpeiro/ 10-R/ IF Básico
pfsmifcv05_1216 (ADM)		pfs (PSF); m (masculino); if (informal); cv (conversação); 05 (quinta gravação); 1216 (dez.2016) ↔ Bahia/ Motorista de máquina no garimpo/ 21-R/ IF Básico

Fonte: própria

No PFS, como visto no quadro 10 acima, dado (41), atesta-se a produção de um som rótico /r/, em posição silábica de *onset*, de natureza vibrante, alveolar. O dado é repetido abaixo:

<p>(41) * ALC: morru (moram)... não... nasceram no Brasil (...)</p> <p>/ˈmɔ.rãw/ > /ˈmɔ.ru/</p>

O som /r/ atestado em (41) é produzido em variedades de fala brasileira em ocasiões raras:

(a) na região sul do país, nos estados do Paraná e de Santa Catarina e em São Paulo, na cidade de Holambra, quase que exclusivamente entre populações descendentes de holandeses e de idade avançada – ver, entre outros, Câmara Jr. (1970, p. 26); Fraga (2008, p. 354-365); Bagno (2012, p. 323); Perini (2013, p. 343-344). Entre os filhos destes descendentes – uma geração mais nova – não se atesta esse fonema;

(b) em locuções específicas como as radiofônicas/televisivas em que se quer enfatizar uma palavra como em: Ronaldo [ro.'naw.du].

Porém, esse fenômeno atestado em exemplos como o apresentado em (41) é muito produtor no PFS e, neste caso, pode estar ligado ao contato linguístico, mais especificamente ao contato com a língua oficial do Suriname: o holandês. O fonema /r/ é atestado no *corpus* do PFS entre os AL com mais contato com o garimpo; todos eles do gênero masculino e com instrução escolar básica. São eles: ALC, RAI, FRA, ADM, JIG e ZPA.

O holandês, da mesma forma que o português, possui vários sons ligados aos fonemas vibrantes e líquidos. Um desses sons é, portanto, o som de /r/ vibrante, alveolar como na palavra holandesa *raar* /ra:r/ “estranho, esquisito”. No entanto, diferentemente do português, esse fonema não faz parte da fonologia do português falado no Brasil. Esse fonema pode ocorrer também em posição intervocálica no holandês como em: *terecht* /te.'rext/ “com razão, certo” e em *gericht* /he.'rix/ “focado, centrado”.⁵⁷

O fato do rótico apresentado no quadro 2 poder estar ligado à fonologia do holandês é confirmado por um dos auxiliares linguísticos deste trabalho que é o autor Ribeiro (2011), residente no Suriname nos últimos vinte anos. Por meio de comunicação pessoal, José Paulo Ribeiro enviou várias informações ao pesquisador

⁵⁷ Para maiores informações sobre a língua holandesa e o fonema /r/ ver, entre outros, UCL (2007); Van Dort-Slijper (1998).

desse trabalho sobre o som /r/ (que chama de “erre forte” do holandês). Uma delas é que esse /r/, além de ocorrer no PFS, também atesta-se em palavras do sranantongo como *rutu* “raiz” ou *respeki* “respeito”. Segundo as palavras de José Paulo, o rótico falado no PFS e no sranantongo é “(...) o ‘erre’ do holandês”.

A seguir é transcrito, a partir de um áudio enviado por telefone, trecho de fala de José Paulo – via comunicação pessoal – referindo-se ao rótico /r/ falado no Suriname por holandeses, por saramaccans e por falantes do PFS:

“(...) é do holandês. O fato da gente passar muito tempo, a gente acaba se adaptando aos sons e sotaques, referente aos brasileiros que moram naquele contexto do Saramaccan (...)”

José Paulo Ribeiro – comunicação pessoal via WhatsAap e transcrita

Como já mencionado no capítulo 2 deste trabalho, as línguas sranantongo, saramaccan e holandês são três das principais línguas faladas no Suriname e que se encontram em contato direto com o PFS, o que pode auxiliar a corroborar a hipótese de que o rótico /r/ atestado no PFS, como visto no quadro 10, seja resultado do contato de falantes do PFS com o holandês, principalmente.

4.1.2 Dos fenômenos morfológico-lexicais observados no PFS

No quadro a seguir, destacam-se alguns fenômenos que são denominados nesta pesquisa como fenômenos de ordem morfológico-lexical. Tratam-se, de modo geral, de especificidades dessa variedade de fala portuguesa ligadas ao léxico.

Quadro 11 – Fenômenos morfológico-lexicais do PFS

Nº	Fenômeno	Exemplo
25	Ideofones	(43) * RAI: um dectador de metal, a gente chama aqui <i>piupiu</i> chama <i>piupiuiziũ</i> , né? (...) então quando num tem serviço

		<p>desse lado aqui a gente vai de piupiu pro outro lado (...)</p> <p>piupiu ou piupiuzinho → maquina detetora de metais</p> <p>(44) * JIG: (...) conhece um monte de fonfon, fonfon aqui é bater, digo não, eu não conheço não (...) e outro a pistola na minha cara ... pra- pra- pra ... e eu fiquei quietinho ...</p> <p>fonfon → que briga, contratado para bater nos outros</p> <p>pra-pra-pra → golpear com a pistola</p>
26	Empréstimos lexicais	<p>(45) * JIG: (...)eu aqui pago meu belastain (holandês) belasting → imposto</p> <p>(46) * JIG: (...) o Fred, ele é blaklaman ele é preto, sabe? mas preto só a pele (...) (sranantongo) blakaman → homem preto, negro</p> <p>(47) * ADM: tem o preto que chama o boche este também não é muito servidor às pessoas. (sranantongo) businengee (boche) → homem do bosque (preto), maroon</p> <p>(48) * ABI: eu tenho um aspraque sobre uma vaga no garimpo (holandês) afspraak → reunião</p>

		<p>conversa</p> <p>(49) * ABI: (resposta) is rud! (holandês) rud → goed → bem Is rud → ta bom!</p> <p>(50) * ABI: rapaz, esse camarada é rigueri! (sranantongo) rigeri → conflitante, que faz cena, confusão</p> <p>(51) * ABI: e ai brada, me leva ali na foto (sranantongo) brada → irmão, amigo (sranantongo) fotosei → centro da Cidade</p> <p>(52) * ABI: ei basi, me dá um barki dólar ai (sranantongo) basi → chefe, patrão (sranantongo) barki → cem (numeral)</p> <p>(53) * ABI: fala pra o jukaboi pra vir na loja (saramaccan) ndjukaboi > (PFS) jukaboi → caboclo do interior</p> <p>(54)* ZPA: eu vou na oso (...) (sranantongo) oso → casa</p> <p>(55)* ZPA: agora não tenho oroko (sranantongo) oroko → trabalho</p> <p>(56)* ZPA: ele é teu masra (...) (sranantongo) masra → marido</p> <p>(57)* ZPA: me dá meu moni! (sranantongo) moni → dinheiro</p> <p>(58)* ZPA: (...) pode pegar meu wagi, se precisar (sranantongo) wagi → carro, carreta</p>
27	Mudança de sufixo - ado para -(t)ivo em formação de palavra [+ adjetivo]	<p>(59) * ADM: (...) muito visativo do que você tem vis-ado > <i>visa-tivo</i></p>

28	Palavra expressa por sufixo nominal <i>-agem</i> de valor “ato ou estado” mantendo a categoria [+ nome]	(60) * ADM: (...) não usando droga, mas bebida, né? Alcoólica (...) mal <i>companheragem</i> . companhia > <i>companheragem</i>
29	Pronominalização de verbo não pronominal "conviver"	(61) * ADM: a melhor nação que tem pra você <i>se</i> conviver com eles é o javanês. conviver > <i>se</i> conviver (62) * FRA: gosto muito de <i>me</i> conviver com eles (...) conviver > <i>me</i> conviver
Identificação AL		Descrição das siglas que formam a chave de identificação e aspectos sociolinguísticos do AL
pfsmifcv05_1216 (ADM)		pfs (PSF); m (masculino); if (informal); cv (conversação); 05 (quinta gravação); 1216 (dez.2016) ↔ Bahia/ Motorista de máquina no garimpo/ 21-R/ IF Básico
pfsmifd07_0117 (JIG)		pfs (PSF); m (masculino); if (informal); d (dialogo); 07 (sétima gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Tocantins/ Mecânico/ 32-R/ IF curso técnico
pfs1mifcv08_0117 (RAI)		pfs (PSF); interlocutor 1; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08 (oitava gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Amapá/ garimpeiro/ 10-R/ IF Básico
pfs2mifcv08_0117 (FRA)		pfs (PSF); interlocutor 2; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08(oitava gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Maranhão/ garimpeiro/ 15-R/ IF Básico

Fonte: própria

Alguns dos exemplos no quadro 11 podem ser encontrados em variedades vernaculares do português brasileiro como, por exemplo: (i) a formação de adjetivos no português prevê, no quadro dos sufixos, -ado/ -(t)ivo (ver Cunha & Cintra (2007, p. 112-114)) e esse fato se observa no exemplo (59) do quadro acima; (ii) a pronominalização em verbos não pronominais como se destaca no dado (62) acima. No entanto, a categoria “ideofones” atestada acima no PFS nos dados (43) e (44) é pouco descrita no português, diferentemente de seu estudo em várias outras línguas.

Os ideofones foram descritos por vários pesquisadores, entre os quais destacamos Doke (1935) e Bartens (2000), como lexemas com alto nível de *expressão sensorial*. De acordo com Payne (1997, p.363), traduzido:

Todas as línguas têm algumas palavras que devem soar como o conceito que elas expressam (...) Algumas vezes as palavras que expressam simbolismo sonoro são descritas como **expressões onomatopaicas** ou como **ideofones**. Em muitas línguas, tais expressões são mais comuns no discurso, especialmente, no discurso narrativo de vários tipos (...) Frequentemente, tais expressões são caracterizadas por propriedades fonológicas não usuais (...).⁵⁸

No quadro 11, apresentam-se palavras que, neste trabalho, optou-se por serem tratadas como ideofones. No exemplo (43), atesta-se a palavra **piupiu** que expressa um simbolismo sonoro estritamente ligado ao aparelho que detecta metais no garimpo. Chama-se a atenção, no entanto, que este ideofone do PFS não apresenta propriedades fonológicas distintas da fonologia do português. No exemplo (44), apresentam-se os ideofones: **fonfon** e **praprapra** que, como já mencionado, também são tratados como ideofones (e não simplesmente onomatopeia). **Fonfon** é um ideofone do sranantongo e seu significado é “surra/açoitar” ou “aquele(s) que dá/dão a surra ou é/são contratado(s) para isso”; este ideofone atesta-se em Oliveira &

⁵⁸ All languages have some words that are supposed to sound like the concept they express (...) Sometimes words expressing sound symbolism are described as **onomatopoeic expressions**, or as **ideophones**. In many languages, such expressions are more common in discourse, especially narrative discourse of various types (...) Often such expressions are characterized by unusual phonological properties, (...).

Ribeiro, (2011: 35) – *Wortubuku: sranantongo para brasileiros*. Assim, o ideofone **fonfon** é um caso de empréstimo linguístico do sranantongo no PFS.

Observa-se, no caso dos ideofones **piupiu**, **fonfon** e **praprapra**, que essas palavras são usados por auxiliares linguísticos ligados ao trabalho do garimpo, fora da cidade de Paramaribo. Como já mencionado, esses falantes do PFS têm maior contato linguístico com falantes de outras línguas do Suriname que estão fora da capital, Paramaribo.

O uso de empréstimos de outras línguas que coexistem no Suriname com o português por parte dos auxiliares brasileiros é atestado no banco de dados desta pesquisa nos exemplos (45) a (58) do quadro 11. Nestes exemplos, os empréstimos vêm do: (1) sranantongo – a língua franca do Suriname: *blaklaman*, *boche*, *rigeri*, *brada*, *foto*, *basi*, *barki*, *oso*, *oroko*, *masra*, *mony* e *wagi*; (2) do holandês – a língua oficial: *belastain*, *aspraque* e *is rud*; (3) do saramaccan: *jukaboi* e a palavra do sranantongo *rigeri*, que em saramaccan muda a *r* pela *l* e vira *ligeli*. Em todos os casos de empréstimos linguísticos, trata-se de produção de fala de auxiliares linguísticos com maior contato com outras comunidades do Suriname e que residem há mais tempo no país; em sua maioria são trabalhadores do garimpo. Esses fenômenos de empréstimo, assim como os ideofones, trazem mudanças lexicais moderadas para o português falado no Suriname. Espera-se, além dessas palavras captadas no quadro acima, que se encontrem inúmeros outros exemplos de empréstimos no PFS e ainda de ideofones – a serem devidamente estudados – em estudos futuros.

4.1.3 Dos fenômenos sintáticos observados no PFS

Nesta subseção são apresentados alguns fenômenos sintáticos observados no *corpus* do PFS e que são características sintáticas atestadas em variedades vernaculares faladas no português do Brasil. Esses fenômenos são:

- (i) marcas de alternância de concordância no verbo;
- (ii) ausência de marca de concordância no verbo;
- (iii) alternância na concordância do nome – ora com o elemento não núcleo ora com o elemento núcleo do sintagma nominal;
- (iv) ausência de marca de concordância no sintagma nominal;

- (v) realização variável da concordância de gênero;
- (vi) mudança da ordem de elementos dentro do sintagma nominal;
- (vii) construção interrogativa QU movida sem estrutura de clivagem ou com estrutura de clivagem (sem ou com o elemento “é”);
- (viii) uso de pronome de 2ª. pessoa “tu”;
- (ix) predileção pelo uso da preposição “a” em sintagmas que expressam comparação e em sintagmas genitivos;
- (x) próclise categórica;
- (xi) uso variável do elemento preposicional “de” inter-sintagmático.

Além desses fenômenos sintáticos elencados, apresenta-se uma subseção, ainda que bem introdutória, dedicada ao fenômeno da negação no PFS. Abaixo, apresentam-se os fenômenos (i)-(xi) por meio do Quadro 12:

Quadro 12 – Fenômenos sintáticos do PFS

30	Mudança em construção do tipo “expressão idiomática”	(63) * ADM: ele ... muito amigável ao dinheiro amigo do dinheiro > <i>amigável ao dinheiro</i>
31	Mudança no sintagma que expressa gradação	(64) * RAI: (...) se torna mais pouco pra gente (...) muito pouco > <i>mais pouco</i>
32	Mudança em construção de “expressão de quantidade”	(65) * FRA: a maioria parte nossa , nós convive mais com brasileiro. a maioria de nós > <i>a maioria parte nossa</i>
33	Alternância de marcação de concordância de 3ª p.pl. na morfologia do verbo “ser”	(66) * RAI: é poucos que trabalham são > <i>é</i>

34	Alternância na marcação de concordância de 2ª p.sing. na morfologia do verbo "estar"	<p>(67) * RAI: hoje tu tá devagar (es)tás > <i>tá</i></p> <p>(68) * ADI: tu parece com teu pai tu pareces/parece > <i>tu parece</i></p> <p>(69) * ADI: tu teve um sono tu tiveste/teve > <i>tu teve</i></p>
35	Alternância na marcação de concordância de 3ª p.sing na morfologia do verbo "dizer"	<p>(70) * ADM: ai e(ele) dizes, mercúrio no sangue ele diz > <i>ele dizes</i></p>
36	Concordância de número no elemento não nuclear do sintagma nominal	<p>(71) * JIG: minha família dá mais ou menos uns quinhentas pessoa quinhentas pessoas > <i>quinhentas pessoa</i></p> <p>(72) * RAI: e(u) trusse minhas máquina para cá máquinas > <i>máquina</i></p> <p>(73) * ADM: ai meus pai veio pro Maranhão pais vieram > <i>pai veio</i></p>
37	Concordância de número no núcleo do sintagma nominal	<p>(74)⁵⁹ * FRA: todos amigos meu me chamaram meus amigos > <i>amigos meu</i></p>
38	Ausência de concordância de número no sintagma nominal	<p>(75) * JIG: dezoito ano que não vou</p>

⁵⁹ Sobre a ordem dos elementos que integram o sintagma nominal em português (de modo geral), ver Oliveira (2010: 169-170).

		dezoito anos > <i>dezoito ano</i>
39	Realização variável da concordância de gênero	<p>(76) * ADM: (...) mal companhia má > <i>mal</i></p> <p>(77) * ADM: cum próprio nação deles própria > <i>próprio</i></p> <p>(78) * JIG: minha família dá mais ou menos uns quinhentas pessoa umas quinhentas pessoa> <i>uns quinhentas pessoa</i></p>
40	Movimento de pergunta QU	<p>(79) * ADI: que horas, tio, ele pode ir aí? ele pode ir aí que horas, tio? > <i>que horas, tio, ele pode ir aí?</i></p>
41	Construção interrogativa QU movida para uma estrutura de clivagem ⁶⁰	<p>(80) * ADI: como é que a gente vai fazer? a gente vai fazer como? > <i>como é que a gente vai fazer?</i></p>
42	Construção interrogativa QU movida para uma estrutura de clivagem com ausência de “é” ⁶¹	<p>(81) * ALC: por que que eu não sabia? por que é que (...)? > <i>por que que (...)?</i></p>
43	Predileção pelo uso da preposição “a” em sintagmas	<p>(82) * RAI: porque o ganho aqui da cidade, ele é muito pouco também à vista do Brasil</p>

⁶⁰ A clivagem envolve um elemento sintagmático deslocado para a posição inicial da sentença e “ensanduichado” em uma “estrutura” que envolve os elementos “é que”. Para uma apresentação resumida da operação “clivagem”, ver, entre outros, Svartman et al (2015: 269-272).

⁶¹ Este fenômeno é bem atestado em estudos sobre a sintaxe do português brasileiro. Ver, entre outros, Oliveira (2014: 440-446).

	que expressam comparação e em sintagmas genitivos	em vista de > <i>à vista do</i> (83) * ADM: ele ... muito amigável ao dinheiro amigo do dinheiro > <i>amigável ao dinheiro</i>
44	Próclise categórica	(84) * ADM: eu te agradeço [clítico (próclítico) te agradeço] ⁶²
45	Uso variável do elemento preposicional “de” intersintagmático	(85) * RAI: eu moro alugado de aluguel > <i>alugado</i>
46	Uso do pronome-sujeito de 2ª. p.sing. expresso pelo pronome “tu”	(86) * ADI: tu anda brega na rua tu andas/anda > <i>tu anda</i>
47	Ausência de concordância no verbo que é produzido em forma [- finita]	(87) * ADM: (...) governo fazer um plano, quem quiser trabalhar com agricultura eu estou aqui (...) eu não tenho nada contra isso, só de nós <i>chegar</i> no país, topar eles aquilo, governo acolher a gente, a gente viver no meio deles (...) governo faz > <i>governo fazer</i> governo acolher > <i>governo acolhe</i>

⁶² Aqui apresenta-se apenas um exemplo, mas não se atestou qualquer exemplo de ênclise no corpus PFS.

48	Ordem “nome + possessivo” no sintagma nominal	(88) * FRA: todos <i>amigos meu</i> me chamaram. meus amigos > <i>amigos meu</i>
Identificação AL		Descrição das siglas que formam a chave de identificação e aspectos sociolinguísticos do AL
pfs1mifcv08_0117 (RAI)		pfs (PSF); interlocutor 1; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08 (oitava gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Amapá/ garimpeiro/ 10-R/ IE Básico
pfsffcv03_1216 (ADI)		pfs (PSF); f (feminino); f (formal); cv (conversação); 03 (terceira gravação); 1216 (dez.2016) ↔ Pará/ Funcionária de agência brasileira de viagens/ 20-R/ IE Superior
pfsmifcv05_1216 (ADM)		pfs (PSF); m (masculino); if (informal); cv (conversação); 05 (quinta gravação); 1216 (dez.2016) ↔ Bahia/ Motorista de máquina de garimpo/ 21-R/ IE Básico
pfs2mifcv08_0117 (FRA)		pfs (PSF); interlocutor 2; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08(oitava gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Maranhão/ garimpeiro/ 15-R/ IE Básico
pfsmifd07_0117 (JIG)		pfs (PSF); m (masculino); if (informal); d (dialogo); 07 (sétima gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Tocantins/ Mecânico/ 32-R/ IE curso técnico
pfs3mifcv08_0117 (ALC)		pfs (PSF); interlocutor 3; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08 (oitava gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Maranhão/ garimpeiro/ 10-R/ IE Básico

Fonte: própria

Os exemplos do quadro 12 são, em sua maioria, traços sintáticos atestados em variedades de fala brasileira como:

- (a) a marcação de número em apenas um dos elementos do sintagma nominal (SN): ou no elemento núcleo do SN ou no elemento não núcleo do SN como se observam nos exemplos (71) a (74). Na maior parte dos vernaculares brasileiros, opta-se por marcar o número no elemento não nuclear do sintagma nominal, principalmente no determinante – ver, entre outros, Bagno (2012: 149).
- (b) O fenômeno de clivagem sem elemento “é” é bem atestado em falares brasileiros e está relativamente documentado em variedades de português da região sudeste do Brasil – ver Alexandre & Oliveira (2018). No entanto, segundo Márcia Oliveira – em comunicação pessoal –, em pesquisas de campo na região do Pará (norte do Brasil), atesta-se que as sentenças clivadas não podem ser produzidas sem a realização do elemento “é”. Segundo a pesquisadora, falantes paraenses entrevistados por ela, de diversas regiões do Pará, deixavam claro que clivagem sem o elemento “é” como em: (i) “**por que que** você fez isso?” não eram bem aceitas. Esses falantes entrevistados repetiam a sentença (i) como (ii) “**por que é que** você fez isso?”. Segundo a pesquisadora, alguns desses falantes diziam ainda que o exemplo (i) era dado de fala de pessoas de fora do Pará. Nos dados do PFS, no quadro 12, esse fato parece se confirmar. O auxiliar linguístico (AL) ADI que produz uma clivada com “é que” – sentença 80 – é paraense; por outro lado, o AL ALC, que é maranhense, produz uma sentença com clivada sem “é” – dado (81).
- (c) O pronome clítico nos dados do PFS é colocado antes do verbo, de forma proclítica, e essa é a tendência da colocação dos clíticos em variedades brasileiras – conferir, entre outros, Oliveira (2010: 165). Observe o exemplo (84).
- (d) A realização variável da concordância de gênero é atestada em diversos falares vernaculares brasileiros; no entanto, destacam-se pesquisas sobre o falar cuiabano – ver, por exemplo, Dettoni (2005). Este fato se atesta nos exemplos (76), (77) e (78) do quadro acima.
- (e) O uso variável do elemento preposicional “de” a nível inter-sintagmático ou a nível inter-sentencial. Este fenômeno sintático é chamado na literatura de *queísmo* – ver, entre outros, Mollica (1989). No exemplo (85) do quadro 12, trata-se de *queísmo* inter-sintagmático em que se atesta a queda da preposição “de” exigindo

ainda a mudança da categoria “nome” para a categoria “adjetivo”: eu moro **alugado**” (de aluguel > *alugado*).

Apesar de a maioria dos exemplos do PFS apresentados no quadro acima atestarem fenômenos de fala de variedades brasileiras (PB), três exemplos se destacam por se diferenciarem do PB:

- (1) o uso da preposição “a” como nos exemplos (82) e (83); no PB, a preposição “a” é muito pouco atestada nos falares.

Cada vez mais, a literatura especializada acerca de vernaculares brasileiros atesta o desuso da preposição “a” que vem sendo sistematicamente substituída por outras preposições – ver, por exemplo, Torres Morais & Berlinck (2007, p. 63). Assim, exemplos como (82)e (83) no quadro 12 se distanciam das falas vernaculares brasileiras.

- (2) A ordem do pronome adjetivo possessivo como atestado no dado (88).

Em variedades de fala brasileira, a ordem do pronome possessivo é a de anteposição ao núcleo do sintagma nominal e não a de posposição como no dado (88) do PFS.

- (3) Ausência de flexão no núcleo do sintagma verbal em sentenças “finitas” como se atesta no exemplo (87). Dada a importância do exemplo, esse é repetido a seguir, mantendo-se a numeração em que foi inserido no quadro 12:

(87) * ADM: (...) governo **fazer** um plano, quem quiser trabalhar com agricultura eu estou aqui (...) eu não tenho nada contra isso, só de nós *chegar* no país, topar eles aquilo, governo **acolher** a gente, a gente viver no meio deles (...)

governo faz > *governo fazer*

governo acolher > *governo acolhe*

O dado (87) é produzido pelo auxiliar linguístico ADM: baiano, motorista de máquina do garimpo e com 21 anos de residência no Suriname. A ausência de flexão nos verbos “fazer” e “acolher” acima aponta para um fenômeno interessante e que parece exemplificar um caso de “reestruturação” do português: esses verbos encontram-se, no dado (87), em sentenças “não encaixadas” (em períodos simples e não subordinados) e são, ainda assim, pronunciados sem qualquer marca de flexão que aponte para categorias como “tempo”, “aspecto”, “modo” e “concordância de pessoa e número”; encontram-se, portanto, na sua forma “infinitiva” e não “finita” como se espera em sentenças de periodização simples do português. Logo, esse dado (87) do português falado no Suriname – PFS – merece destaque neste trabalho pelo fato de o PFS estar em contato direto com línguas crioulas do Suriname como visto no capítulo 2. Atente-se para o fato de o dado (87) ser produzido pelo auxiliar linguístico ADM que tem forte ligação com o garimpo e, portanto, com línguas crioulas do Suriname.

É atestado na literatura especializada acerca de línguas crioulas que uma das características desse conjunto de línguas é a ausência de marcas de flexão em verbos que encontram-se em periodização simples (e ainda composta, como a subordinação). Em línguas crioulas, os traços TAM – tempo, aspecto, modo, que em línguas como o português se realizam por sufixos – realizam-se por meio de partículas prefixais – ver, entre outros, Bakker et al (1994).

Observe-se a seguinte citação acerca de uma das línguas crioulas em contato com o PFS no Suriname: o sranantongo:

Flexão é o fenômeno morfológico menos em evidência no sranantongo. Enquanto nem todos aceitam sua caracterização como elementos flexionais, as partículas pré-verbais de negação e de tempo/modo/aspecto (TMA) podem muito bem ser consideradas como elementos de flexão (ADAMSON & SMITH, 1994: 225, traduzido).⁶³

⁶³ “Inflectional is the morphological phenomenon least in evidence in Sranan. While not everyone would accept their characterization as inflectional elements, the preverbal negative and tense/mood/aspect (TMA) particles can plausibly be regarded as inflectional elements (ADAMSON & SMITH, 1994:225).”

Assim, embora no dado (87) do PFS não se ateste uma partícula TMA explícita⁶⁴ – o que definitivamente romperia com a estrutura do português – pode-se hipotetizar que o falante ADM esteja implementando uma estrutura de línguas crioulas ao realizar os verbos “fazer” e “acolher” de forma não flexionada. Destaca-se novamente o fato do auxiliar ADM ser trabalhador do garimpo e morar no Suriname há mais de 20 anos.

A seguir, apresenta-se ainda uma breve descrição/ análise de um traço sintático que tem sido bastante citado na literatura do português brasileiro: a negação sentencial. Faz-se a opção de tratar esse traço em uma subseção específica.

4.1.3.1 Aspectos da negação sentencial no PFS

A marcação da negação nas línguas é assumida pelos estudiosos, dentro e fora do Brasil, como um fenômeno universal – ver, entre outros Jespersen (1917); Horn (2001); Castilho, (2010, p. 323-324); Perini (2013, p.127-130). Porém, mesmo sendo um universal linguístico, esse fenômeno morfossintático/fonológico/semântico (tratado neste trabalho como “sintático”), mantém características e usos diferentes nas línguas. No caso do português brasileiro, os estudos demonstram que a negação pode operar de várias maneiras – ver, entre outros, Schwerten (2005); Cavalcante (2007, p. 13-17); Castilho, (2010, p. 323-324); Perini (2013, p.127-130).

Como parte dos estudos sobre a fala espontânea no PFS, as diferentes maneiras que os auxiliares linguísticos utilizaram para expressar a negação chamou a atenção do pesquisador. Nesta subseção apresentam-se, primeiro, exemplos de diferentes estratégias usadas pelos falantes para organizar a sentença/enunciado usando advérbios e quantificadores negativos. Em seguida, são apresentados os resultados das estratégias de negação usadas pelos falantes de PFS dentro do escopo do verbo nas três possibilidades que se atestam no português vernacular brasileiro: as negações pós e pré-verbal e a dupla negação: (i) Não - V; (ii) Não - V - não; (iii) V - não.

⁶⁴ Diz-se “partícula TMA explícita” porque, em muitas línguas crioulas, na descrição e análise de partículas TMA, atestam-se partículas TMA “morfema zero”. Ou seja, a ausência explícita de uma partícula TMA em dados contextos de línguas crioulas pode apontar para uma “ausência com significado” e não simplesmente para “falta de partícula TMA”.

Em sequência, apresenta-se ainda a negação realizada com quantificadores e advérbios negativos que não são tratados como marcadores de negação, ainda que atestem o traço [+ Neg]. Assim, segue-se, nesta subseção, a proposta de Cavalcante (2007, p. 22). Para esse autor (op cit), esse traço [+ Neg] nessas palavras é um traço negativo secundário atrelado a outras funções que esses elementos desempenham na sentença.

No quadro a seguir, pretende-se mostrar uma breve descrição de alguns exemplos das estratégias de negação com quantificadores e advérbios de negação, produzidas pelos auxiliares linguísticos da pesquisa, falantes do PFS.

Como já dito no capítulo 3, subseção 3.1, nesta dissertação opta-se por uma descrição que represente fenômenos particulares da fala, o que resulta em algumas forma transcritas de modo semi-ortográfico. É esse o caso da partícula “não” atestada nos exemplos da tabela a seguir (79) e (80) e que será descrito na subseção seguinte referente aos traços sintático/fonológicos. No quadro 13 abaixo aponta-se esse traço entre outros.

Quadro 13 – Quantificadores e advérbios de negação no PFS

49	negação + de jeito nenhum	(89) * ADM: lá <i>nũ</i> falta arroz de jeito nenhum (90) * FRA: e aí eu <i>nũ</i> tive muita dificuldade de jeito nenhum
50	ninguém + negação	(91) * RAI: ninguém não está sabendo (92) * ALC: porque ninguém não tá sabendo mermo (93) * JIG: ninguém não me persegue
51	nem + negação	(94) * ADI: eu acho que ela nem atende não
52	momento algum + negação	(95) * FRA: em momento algum eu não tive dificuldade pra entrar no Suriname
53	nunca mais + negação	(96) * JIG: nunca mais voltei lá não

54	negação + nenhuma	(97) * FRA: então não tive dificuldade nenhuma pra cá (98) * JIG: não vou em boate nenhuma aqui
Identificação AL		Descrição das siglas que formam a chave de identificação e aspectos sociolinguísticos do AL
pfsmifcv05_1216 (ADM)		pfs (PSF); m (masculino); if (informal); cv (conversação); 05 (quinta gravação); 1216 (dez.2016) ↔ Bahia/ Motorista Maquina garimpo/ 21-R/ IE Básico
pfs2mifcv08_0117 (FRA)		pfs (PSF); interlocutor 2; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08(oitava gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Maranhão/ garimpeiro/ 15-R/ IE Básico
pfs1mifcv08_0117 (RAI)		pfs (PSF); interlocutor 1; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08 (oitava gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Amapá/ garimpeiro/ 10-R/ IE Básico
pfs3mifcv08_0117 (ALC)		pfs (PSF); interlocutor 3; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08 (oitava gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Maranhão/ garimpeiro/ 10-R/ IE Básico
pfsmifd07_0117 (JIG)		pfs (PSF); m (masculino); if (informal); d (dialogo); 07 (sétima gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Tocantins/ Mecânico/ 32-R/ IE curso técnico
pfsffcv03_1216 (ADI)		pfs (PSF); f (feminino); f (formal); cv (conversação); 03 (terceira gravação); 1216 (dez.2016) ↔ Pará/

	Funcionaria agência brasileira de viagens/ 20-R/ IE Superior
--	--

Fonte: própria

A seguir descrevem-se, sinteticamente, os três casos de negação verbal, seguidos de exemplos, que resumem o que é mostrado na literatura especializada, apresentando, por exemplo, a dupla negação (Não – V – Não) como uma das fórmulas de negação no escopo do verbo.

Na literatura sobre a negação no PB se atesta que os dois advérbios de negação na “negação dupla” tem capacidade de funcionar como marca de negação mas podem, também, ter funções sintáticas diferentes; no caso do Não pré-verbal, este elemento pode sofrer enfraquecimento, como nos exemplos (89) e (90). Neste caso esse “não” se comporta como um “não” clítico verbal, como descreve Cavalcante (2007) no estudo da negação no âmbito de três comunidades rurais, afro-brasileiras da Bahia.

No caso da negação verbal, de posse de informações referentes ao comportamento da negação do verbo no PB, chega-se ao quadro descritivo abaixo. A seguir, no quadro, apresenta-se brevemente um esquema com as três formas de negação verbal no português vernacular brasileiro.

Quadro 14 – casos de negação verbal no PB

Negação pré-verbal	Não - V	(1) <i>não</i> come carne
Negação pós-verbal	V - Não	(2) come carne <i>não</i>
Negação dupla	Não - V - Não	(3) <i>não</i> come carne <i>não</i>

Fonte: própria

Os três tipos de negação verbal vistos acima são atestados no *corpus* do PFS. Abaixo inserem-se os exemplos (99)-(104) que atestam os tipos de negação verbal apresentados no quadro 14 no PFS:

Quadro 15 - Exemplos de negação verbal extraídos do *corpus* do PFS

Negação pré-verbal (Não -V)
(99) * JIG: (...) tô com dezoito ano que não vou (100) * JP: (...) e não vir mais
Negação pós-verbal (V-Neg).
(101) * ADR: ia zoar com ele não (102) * JIG: (...) tem não , tinha (...)
Negação dupla (Neg-V-Neg)
(103) * SON: ela não gosta não (104) * JIG: Abandonei e não quero mais não

Fonte: própria

Assim, na compilação de dados sobre a negação verbal, o resultado de cada um dos casos mencionados para a negação do PB são, a princípio, atestados no *corpus* do PFS. Na tabela abaixo, apresenta-se, portanto, uma tentativa de se resumir estudos sobre a negação no escopo do verbo no PB, que resulta de uma compilação de outras pesquisas levadas em consideração para este trabalho. Nesta mesma tabela, ao final, inclui-se um resumo das ocorrências atestadas no *corpus* do PFS; contudo, não foram considerados os casos de negação sentencial com quantificadores que foram usados para a elaboração do quadro 13.

Tabela 9 – Comparação do uso da negação no escopo do verbo no PB/ ocorrência com o PFS

Região/cidade/estado	Pré-verbal		Dupla negação		Pós-verbal	
	N-ratio	%	N- ratio	%	N- ratio	%
Região sul do Brasil						
Florianópolis (SC)	1018/1065	95,6	47/1065	4,4	-	
Curitiba (PR)	1371/1408	97,4	37/1408	2,6	-	
Porto Alegre (RS)	1402/1410	99,4	8/1410	0,6	-	
Região sudeste do Brasil						
Vitória (ES)	1751/2263	77,4	478/2263	21,1	34/2263	1,5
São Paulo (SP)	5279/5607	94,0	354/5607	5,8	4/5607	0,2
Mariana (MG) ⁶⁵	1787/2505	71,5	489/2505	19,5	40/2505	1,5
Região nordeste do Brasil						
Fortaleza (CE)	625/774	77,0	149/774	18,0	39/774	5,0
Natal (RN) Conversacional	308/466	66,1	96/466	20,6	62/466	13,3
Com. A-br/ Bahia ⁶⁵	1343/2026	66,0	568/2026	28,0	115/2026	6,0
Suriname						
Paramaribo – SU	259/341	76,0	57/341	16,71	32/341	9,

Fonte: Tabela parcialmente baseada em Do Nascimento (2014:27; tabela 1)⁶⁶. O Suriname é inserção do autor dessa pesquisa.

Como se observa na tabela 9, no PFS, assim como nas regiões brasileiras apresentadas, a negação pré-verbal (*Neg – V*) é a opção mais usada pelos falantes. No caso da dupla negação, *Não – V – Não*, os resultados do PFS se assemelham aos de Fortaleza e Natal, pertencentes à região nordeste, e aos de Vitória e Mariana, pertencentes à região sudeste. Observa-se que neste caso, as duas cidades da região sudeste pertencem aos Estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, que fazem limite com a região nordeste. Por último, no fenômeno da negação pós-verbal, *V – Não*, os resultados dos falantes de PFS superam a frequência das comunidades rurais afro-brasileiras da Bahia, mas fica abaixo da frequência de Natal, uma capital do nordeste.

Como já foi apontado no capítulo 3 na seção de metodologia da pesquisa, todos os auxiliares linguísticos que participaram nesta pesquisa sobre PFS são

⁶⁵ Comunidades Afro-brasileiras: Cinzento, Sapé, Rio de Contas, na Bahia (Cavalcante, 2007).

⁶⁶ A tabela de Do Nascimento (2014) engloba os trabalhos de Roarati (1996), Furtado da Cunha (2000), Alkmin (2001), Rocha (2013) e Goldnadel et al (2013).

oriundos das regiões norte e nordeste do Brasil. Assim, o fato de no PFS serem atestados os três casos de negação verbal, ressalta-se a proposta de que o PFS seja parte do conjunto de variedades de português falado no Brasil (PB) dada a característica do PB, em contraposição ao português falado em Portugal (PE), atestar os três tipos de negação verbal; Em PE atesta-se apenas o fenômeno da negação pré-verbal (Neg – V) – ver, entre outros, Cavalcante (2007).

4.1.4 Dos fenômenos sintático-fonológicos observados no PFS

Nesta subseção os fenômenos do PFS apresentados são de caráter sintático-fonológicos. Trata-se de dados do PFS de ordem sintática com interface fonológica que são exemplificados no quadro 15. Assim, atestam-se no PFS distintos núcleos de sintagmas que sofrem enfraquecimento fonológico (perda de acento) no curso da fala resultando-se em elemento cliticizado a outro núcleo e, no processo final, ocasionando uma única palavra fonológica.

Quadro 16 – Sintático-fonológico do PFS

55	Cliticização	
	(55.1) da partícula de negação ao verbo	(105) * ADM: Eu n’conheço (não conheço) [nãw ku.´je.sʊ] > [nʷ.ku.´je.sʊ]
	(55.2) Da preposição ao “nome”	(106) * ADM: (...) trabalha c’mercuro (com mercúrio). [´kõ mer.´ku.rʊ] > [kʷ.mer.´ku.rʊ]
	(55.3) <i>cliticização do pronome na posição da categoria ‘sujeito’ ao verbo</i>	

	(55.3.1) pronome sujeito de 1 ^a p.sg	(107) * FRA: eu mesmo e'tenho (eu tenho) [ˈew ˈte.ɲu] > [eʷˈte.ɲu]
	(55.3.2) pronome sujeito de 2 ^a p.sg/pl	(108) * RAI: cê vê que aqui (...) [vo.ˈse ˈve] > [se.ˈve] (109) * ADI: (...) cês fala pra ela [vo.ˈses ˈfa.lɐ] > [ses.ˈfa.lɐ]
	(55.3.3) pronome sujeito de 3 ^a p.sg/pl	(110) * RAI: e'trabaia (ele trabalha) pela fé [ˈe.lɪ tre.ˈba.ʎɐ] > [e.ˈtra.be.ʎɐ] (111) * ADI: eas'trabalham (elas trabalham) na cidade [ˈe.las tre.ˈba.ʎãw] > [e.as.ˈtra.be.ʎãw]
Identificação AL		Descrição das siglas que formam a chave de identificação e aspectos sociolinguísticos do AL
pfsmifcv05_1216 (ADM)		pfs (PSF); m (masculino); if (informal); cv (conversação); 05 (quinta gravação); 1216 (dez.2016) ↔ Bahia/ Motorista de máquina no garimpo/ 21-R/ IE Básico
pfs2mifcv08_0117 (FRA)		pfs (PSF); interlocutor 2; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08(oitava gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Maranhão/ garimpeiro/ 15-R/ IE Básico
pfs1mifcv08_0117 (RAI)		pfs (PSF); interlocutor 1; m (masculino); if (informal); cv (conversação); 08 (oitava gravação); 0117 (jan.2017) ↔ Amapá/ garimpeiro/ 10-R/ IE Básico

pfsffcv03_1216 (ADI)	pfs (PSF); f (feminino); f (formal); cv (conversação); 03 (terceira gravação); 1216 (dez.2016) ↔ Pará/ Funcionaria de agência brasileira de viagens/ 20-R/ IE Superior
-----------------------------	--

Fonte: própria

Por meio dos quadros apresentados anteriormente, demonstrou-se que a maior parte dos fenômenos linguísticos atestados no PFS são fenômenos do português falado no Brasil (PB). O que chamou-se, por exemplo, de cliticização do pronome na posição da categoria 'sujeito' ao verbo é um fenômeno bastante citado na literatura especializada acerca da posição de sujeito no PB em que, quando a categoria 'sujeito' é expressa por pronome pessoal, há forte tendência de os brasileiros cada vez mais não ocultarem esse pronome sujeito, mas pronunciá-lo. Contudo essa pronúncia é atestada por fenômeno de cliticização desse pronome sujeito ao verbo – ver, entre outros, Mello et al (2012: 131- 141).

Na próxima seção, dedica-se a inserir o PFS em uma taxonomia do contato linguístico como a apresentada na subseção 3.2 do capítulo anterior dedicada aos aspectos teóricos ligados ao contato linguístico que norteiam esta pesquisa.

4.2. Para uma inserção do português falado no Suriname à luz de uma taxonomia do contato linguístico

Argumentar sobre o português falado no Suriname – PFS – significa mencionar aproximadamente cerca de quinze mil brasileiros que trabalham e residem nesse país. Na pesquisa que norteia esta dissertação, realizada com brasileiros que têm mais de 10 anos de residência no país, parece claro que a tendência geral dessas pessoas é de fixar residência permanentemente no país. Apesar de falarem variedades de português vernacular brasileiro e manterem traços culturais muito próximos, as pessoas dessa comunidade de fala no Suriname atestam histórias diferentes como se percebe por meio de suas histórias distintas e de seus motivos específicos de deixarem o Brasil e moverem-se para o Suriname.

Os brasileiros residentes em Paramaribo estão inseridos em um ambiente linguístico “familiar” em que podem realizar quase todas as funções sociais dentro de sua própria comunidade de fala. Nessa situação o português brasileiro é então a língua materna desses indivíduos e também a principal língua de comunicação no Suriname. No entanto, quando esses brasileiros se relacionam com surinameses no comércio do bairro ou fora de Tourtonnenlaan, a língua utilizada passa a ser o sranantongo. Caso as atividades a serem realizadas pelos brasileiros sejam de caráter oficial – como questões ligadas à residência envolvendo documentação e a compra de alguma posse –, a língua de uso desses brasileiros é o holandês. Nesta situação, muitas vezes, os brasileiros costumam acompanhar uns aos outros a fim de se ajudarem na compreensão do holandês.

É necessário, ainda, chamar a atenção para os brasileiros que trabalham fora de Paramaribo em diferentes regiões do interior do Suriname nas áreas de garimpo: Albina, Brokopondo, Benzdorp e em outras regiões. Estes brasileiros convivem com comunidades de fala sranantongo, matawai, saramaccan, ndjuka e paramaccan; essas são comunidades “marrons” (quilombolas) que estão mais presentes nas áreas de garimpo no Suriname. Em áreas como em Albina, cidade que faz fronteira com a fronteira norte da Guiana Francesa, há ainda a presença de indígenas, além de outros emigrantes garimpeiros de países caribenhos e sulamericanos. Logo, nos garimpos, o contato entre trabalhadores de diversas etnias é constante, mas é importante dizer que a maioria das pessoas é brasileira e o português é, portanto, a língua mais falada nessas áreas de trabalho. Ressalta-se ainda que, por serem os garimpos lugares afastados, as relações entre as pessoas “locais” e as do garimpo são mais intensas, originando famílias interétnicas falantes de português e de diversas línguas crioulas.

Ainda há o fato de que os garimpeiros mudam de área com frequência e, ao fazerem isso, mudam de área linguística; as principais línguas que envolvem áreas de garimpo no Suriname são: saramaccan, ndjuka, sranantongo, aukan e matawai. Nesta pesquisa a hipótese é, portanto, de que o PFS insere-se na Linguística de Contato já pelo fato dos brasileiros que residem no Suriname há pelo menos mais de 10 anos falarem português em meio a um ambiente plurilíngue. No entanto, a investigação do *corpus* do PFS realizada nesta pesquisa, ainda que preliminarmente, permite que se

apresente essa variedade de português dentro de uma taxonomia da Linguística de Contato como se resume em Winford (2003, p. 23-24), apresentada no quadro 8 do capítulo três.

Assim, o objetivo nesta subseção, ainda que não seja o de apontar conclusões definitivas sobre o contato linguístico na área em destaque pesquisada, visa a propor que o português falado em Paramaribo, Suriname – PFS – esteja enquadrado em uma situação de contato de “língua em manutenção”. Segundo Winford (2003, p. 23), no contato do tipo “*língua em manutenção*”, pode-se atestar duas situações: (i) a de *empréstimo*; (ii) a de *convergência*. Por meio da investigação do *corpus* do PFS é possível atestar ambas as situações do tipo (i) empréstimo e (ii) convergência tanto lexical quanto estrutural, de línguas do Suriname no PFS.

Para Thomason & Kaufman (1988: 74-76), o grau de empréstimos nas línguas pode ser atestado por meio de 5 etapas como se observa no quadro a seguir:

Quadro 17 – Escala de empréstimos em situação de contato linguístico

Nível de empréstimo	Características do empréstimo
1) Contato aleatório/ casual	Só empréstimos lexicais
2) Contato levemente mais intenso	Leves empréstimos gramaticais; conjunções e partículas adverbiais
3) Contato mais intenso	Mais empréstimos gramaticais leves; conectores, conjunções coordenativas, afixos derivacionais
4) Pressão cultural forte	Empréstimos gramaticais moderados que podem causar pouca mudança tipológica

5) Pressão cultural muito forte	Empréstimos gramaticais abundantes que podem causar mudanças significativas na L1
--	---

Fonte: Thomason & Kaufman (1988, p.74-6); tradução do autor da pesquisa.

A fim de corroborar a proposta de que o português falado no Suriname – PFS – esteja em situação de “manutenção de língua” e atestando a “situação de empréstimo”, apresenta-se, a seguir, questões relacionadas a “empréstimos lexicais” no PFS.

Segundo Windford (2003, p. 29), o empréstimo lexical é uma forma extremamente comum de influência “cross-linguística” e pode ocorrer sob uma variedade de condições, desde a familiaridade ou contato casual dos falantes de uma dada língua com outra, até a interação próxima entre os falantes em questão em comunidades bilíngues. Observe-se, no quadro a seguir, empréstimos lexicais atestados no *corpus* do PFS:

Quadro 18 – Empréstimos lexicais atestados no PFS

<i>Empréstimo lexical</i>	<i>Língua Fonte</i>	<i>Significado</i>
(...) eu aqui pago meu belastain <belastain>	holandês	belasting (holandês) > belastain (PFS) → imposto (PB)
eu tenho um aspraque sobre uma vaga no garimpo		afspraak (hol.) > aspraque (PFS) > reunião, conversa de trabalho (PB)
(resposta a uma pergunta) is rud! , tá bom!		is goed (hol.) > is rud (PFS) > tá bom (PB)

(...) conhece um monte de fonfon , fonfon aqui é bater, digo não, eu não conheço não!		fonfon (sranantongo) > surra, aquele que é pago para bater em alguém (PB)
(...) o Fred, ele é blaklaman , ele é preto, sabe? mas preto só a pele (...)		blakaman (srt.) > blaklaman (PFS) > homem preto (PB)
tem o preto que chama o boche este também não é muito servidor às pessoas.	sranantongo	businengee (srt.) > boche (PFS) > homem preto do mato, <i>maroon</i> (PB)
rapaz, esse camarada é rigueri!		rigeri (srt.) > rigueri (PFS) > pessoa conflitante, que faz cena, confusão
e ai brada , me leva ali na foto		brada (srt.) > irmão, colega (PB) foto (srt.) > centro da cidade (PB)
ei basi , me dá um barki dólar ai		basi (srt.) > chefe, patrão (PB) barki (srt.) > cem (PB)
eu vou na oso (...)		oso (srt.) > casa (PB)
agora não tenho oroko	sranantongo	oroko (srt.) > trabajo (PB)

(...) ele é teu masra		masra (srt.) > marido (PB)
me dá meu moni !		moni (srt.) > dinheiro
(...) pode pegar meu wagi , se precisar		wagi (srt) > carro, carreta (PB)
fala pra o jukaboi pra vir na loja	saramaccan	ndjukaboi (saramaccan) > jukaboi (PFS) > caboclo do interior (PB)

Fonte: própria

Assim, as palavras e sintagmas *belastain*, *aspraque*, *is rud*, *fonfon*, *blacklaman*, *boche*, *rigueri*, *brada*, *foto*, *basi*, *barki*, *oso*, *oroko*, *masra*, *moni*, *wagi*, *jukaboi* do quadro acima podem ser inseridas no nível de empréstimo ‘4’ de Thomason & Kaufman (1988): “pressão cultural forte” – ver quadro 16 acima. A inserção desses empréstimos no “nível 4” de Thomason & Kaufman (*op cit*) deve-se ao fato de se considerar que os falantes de PFS se encontram em contato intenso com o holandês, com o sranantongo e o saramaccan o que se pode comprovar, não apenas com empréstimos lexicais, mas ainda com empréstimos gramaticais moderados. Esse é o caso do segundo tipo de empréstimo: “estrutural” que se atesta no corpus do PFS que será abordado a seguir.

Como já apresentado no quadro 16 da subseção anterior, observa-se “empréstimo estrutural do tipo leve” por meio da presença do rótico /r/ do holandês na variedade de português falada no Suriname – PFS. Abaixo reapresenta-se os dados (41) e (42) com a mesma numeração:

(41) * ALC: **morru** (moram)... não... nasceram
no Brasil (...)
[ˈmɔ.rãw] > [ˈmɔ.rʊ]

(42) * ADM: eu **quiria** assim, se o governo

abrisse as porta para brasileiro
trabalhar a agricultura (...)
[ke.´ri.a] > [ki.´ri.a]

Como já mencionado, esse som rótico /r/ do holandês é atestado em falas brasileiras restritas a lugares cujos falantes são descendentes de holandeses: algumas áreas de São Paulo (Holambra), Paraná e Santa Catarina. Porém, mesmo nesses lugares, o rótico /r/ mencionado é produzido por alguns membros da população mais velha; as novas gerações não reproduzem esse som – ver, entre outros, Fraga (2008, p. 349-376). No entanto, como também mencionado, este som no PFS é cada vez mais produzido entre falantes de português no Suriname.

Importante mencionar que, segundo estudos, a língua sranatongo atesta sons róticos em sua fonologia, como foi informado por um dos auxiliares linguísticos por meio de comunicação pessoal⁶⁷ – ver, também, Adamson & Smith (1984, p. 220), Van der Hilst (1988: 35-37). Porém, os róticos não fazem parte da língua saramaccan – ver Bakker, Smith, Veenstra (1994, p. 170). Vê-se assim que o empréstimo *rigeri* do sranatongo também é atestado na fala dos brasileiros que trabalham no garimpo em área saramaccan. Nesta região a palavra do sranatongo *rigeri* em saramaccan se escreve *ligeli*, mantendo o mesmo significado. Tanto a língua sranatongo como a saramaccan podem estar influenciando a fala dos brasileiros, não só em aspectos morfológicos como também fonológicos, como pode acontecer com a palavra “parentes” que é produzida pelo AL com acento na última sílaba: parentes -exemplo (19).

Ratifica-se, ainda, levando-se em consideração o tipo de empréstimo ‘4’ de Thomason & Kaufman (1988), que haja uma “pressão cultural forte” em falantes do PFS (quanto a “pressão cultural forte”, ver quadro 16 acima). Atente-se para o fato de que a maioria dos filhos dos brasileiros estudam nas escolas do Suriname e isso aponta para outra possibilidade de contato linguístico nas próprias famílias, uma vez

⁶⁷ Infelizmente, não houve condições de se apresentar dados do sranatongo neste trabalho a fim de corroborar esta informação pois o pesquisador já estava fora do Suriname quando atentou para esse fato e, em contato por telefone com um auxiliar linguístico no Suriname, obteve confirmação acerca desse som rótico do holandês ocorrendo também no sranatongo.

que os pais são obrigados a usarem quer o holandês quer o sranantongo para se comunicarem com os funcionários das escolas e com os professores. Essa situação parece gerar uma espécie de “desconforto” quando essas pessoas têm que falar holandês, pois se privilegia o uso de sranantongo. Observe a seguinte fala de um dos auxiliares linguísticos (pfsffcv06_1216):

*SON: Olha, um exemplo....quando eu era chamada para reunião da escola....a professora dá aula em holandês, mas ela usa sranantongo. Aí, quando tem a reunião na escola, ela só quer fazer a reunião falando holandês. Um dia eu perguntei pra ela, digo: você, eu já vi você dando aula falando sranantongo, e por que que na reunião você só fala holandês? “Ah, porque a gente tem que colocar, eh, eh, como se fosse eh,eh, o oficial; não pode tratar esse assunto ... esses assuntos falando sranantongo”. Digo, não. Eu não vejo dessa forma, eu vejo como um... colocar uma dificuldade para quem tá aqui que não entende, não entender...porque além de mim tinha outros pais que não entenderiam...entendeu?

Assim, por meio de informações sobre o contato linguístico no Suriname, apresentado no capítulo dois, e ainda com base em descrições sobre fenômenos linguísticos do PFS, apresentados neste capítulo, pode-se concluir que essa variedade de português encontra-se em situação de “manutenção de língua”, atestando tanto “situações de empréstimo”: lexical e estrutural (ainda que ‘leve’), como: (i) a convergência com modificações leves na pronúncia de algumas palavras como nos exemplos (41) e (42) em que se atesta o uso do rótico /r/ procedente do contato com a língua holandesa; (ii) mudança de acento da palavra como atestado no dado (19) que não são encontrados nem no PE nem no PB.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo fazer um estudo inicial sobre a variedade de português falada no Suriname (PFS) a partir de pesquisa com brasileiros residentes na capital desse país: Paramaribo.

No primeiro capítulo dessa dissertação, apresentaram-se aspectos sócio-históricos do Suriname. Iniciou-se o capítulo descrevendo sobre: (i) o *Suriname Pré-colonial*, visto como uma terra habitada pelos povos originários descendentes dos Arawak e os Karibs – povos que ainda habitam o Suriname mas que representam uma porcentagem pequena da população surinamesa; (ii) o *Suriname Colonial*, apresentado a partir da chegada de pessoas oriundas de países europeus (Inglaterra e Holanda, principalmente) que instauraram a economia escravocrata no país ao deslocarem cerca de 550.000 escravos de diferentes partes de África. Este fato propiciou o surgimento das comunidades “maroons”, que na literatura dessa área se refere a africanos que conseguiram se libertar da condição de escravos fugindo das plantações de açúcar. Com a abolição da escravidão no Suriname, uma nova mão de obra foi transladada para o país, desta vez os trabalhadores que vieram da Ásia, principalmente da China, Índia e Indonésia; (iii) o *Suriname independente* em que se apresenta a junção de culturas que auxiliou na formação do “caldeirão” etnolinguístico atual do país.

No segundo capítulo, dedicou-se à composição étnico-linguística do Suriname. Apontaram-se:

- (i) as culturas arawak e karib, formadas pelos povos originários do Suriname, cujas línguas ainda se mantêm vivas;
- (ii) a chegada dos europeus que introduziram no país as línguas inglesa e holandesa – com os holandeses vieram os judeus sefarditas que introduziram o português. Essas línguas europeias auxiliaram na formação das línguas crioulas de “base lexical” inglesa, holandesa e portuguesa do Suriname;
- (iii) as línguas crioulas – “línguas criadas no Suriname” – e seu uso, com especial interesse o sranantongo, língua de convergência nesse país;

- (iv) as línguas asiáticas, procedentes da China, Índia e Indonésia e que ampliaram o “leque” de línguas vivas do Suriname; chamou-se a atenção para o sarmani, uma língua de base léxical sranantongo e hindi e com estrutura gramatical hindi que é muito falada no Suriname;
- (v) a introdução do português brasileiro no Suriname, objeto de estudo desta pesquisa; língua que se instaurou no país, primeiro com a chegada dos sefarditas e depois com a chegada de brasileiros em busca de ouro nos garimpeiros;
- (vi) as “línguas de herança”: um estudo feito pelo instituto da língua holandesa (*Taalunie Netherlands*) revelou a quantidade de línguas faladas nos lares dos estudantes surinameses, reconhecendo até 54 línguas diferentes e apontando um dado muito importante e que chama a atenção: o fato de o português do Brasil ser o segundo idioma mais desejado para ser aprendido pela população escolar plurilíngue do Suriname.

Após o panorama inicial sobre os aspectos sócio-históricos e etnolinguísticos do Suriname, apresentaram-se, no capítulo três, os pressupostos metodológicos e teóricos que fundamentaram a pesquisa. Assim, na primeira subseção do capítulo três – metodológica –, toda a metodologia de apreensão e armazenamento de dados que compõe o *corpus* do português falado no Suriname (PFS) e a maneira como o banco de dados do PFS foi “formatado” foram expostos a fim de que pudessem ser apresentados aspectos gramaticais dessa variedade (atestados no capítulo quatro). Considerou-se importante ainda apresentar, nessa primeira subseção do capítulo três, tópicos teóricos diretamente ligados à Linguística de *Corpus*. Buscou-se deixar claro que o trabalho de coleta, organização e apresentação do banco de dados do PFS foi fruto de “teorização” tomando-se como referência o projeto C-Oral-Brasil – Mello & Raso (2012): um *corpus* de referência do *português brasileiro falado informal*. Importante, no entanto, mencionar que, nesta pesquisa, não se teve o objetivo de apresentar um *corpus* de referência da fala espontânea do PFS, mas sim apresentar uma descrição etnográfica preliminar da área sob enfoque acompanhada de princípios

de descrição e análises gramaticais da variedade PFS centrados no *corpus* organizado para a pesquisa.

Na segunda subseção do capítulo três, introduziram-se, resumidamente, tópicos acerca de teorias ligadas ao contato linguístico e que foram importantes para se apontar a situação do PFS dentro de uma taxonomia dos estudos do contato linguístico (fato esse proposto no capítulo quatro da dissertação). Logo, fez-se uma descrição sucinta sobre os estudos ligados ao contato linguístico iniciados em meados do século XIX e que vieram a ser conhecidos como “estudos de línguas *pidgins* e crioulas”. Tais estudos culminaram, no tempo atual, como estudos em “Linguística de Contato”. Assim, na subseção final do capítulo três, de acordo com Winford (2003: 23-24), apresentou-se um panorama do “contato linguístico” em que se atestam três situações de “línguas em contato”: (i) a manutenção de uma dada língua ‘x’ que mesmo em face ao contato linguístico claramente evidenciado se mantém como língua ‘x’; (ii) a situação de uma comunidade de fala de uma dada língua ‘x’ que muda para uma língua ‘y’ (*language shift*); (iii) uma comunidade de fala que devido a contatos linguísticos extremos “cria uma nova língua” (em que se atestam os subtipos: língua *pidgin*, língua crioula e “media lengua”).

No capítulo 4, são descritos e analisados fenômenos da variedade sob estudo com base no “banco de dados do PFS”. Os fenômenos “observados” não pretendem apontar para o conjunto geral de fenômenos gramaticais do PFS, mas sim atestarem uma amostra inicial de tópicos linguísticos que puderam ser apreendidos para essa pesquisa. Tomou-se como ponto de partida, fenômenos descritos de variedades de fala brasileiras – PB. Assim, desde o início, buscou-se corroborar a proposta inicial, embasada nos áudios das entrevistas realizadas no Suriname, de que o PFS representaria, mesmo em face a grande contato linguístico, parte do conjunto de fala do PB. Os fenômenos atestados foram divididos em:

- Fenômenos fonológicos, relacionados à queda, ausência ou inserção de fonemas e mudança de estrutura silábica, assim como de acento que corroboram fenômenos atestados no PB. Porém verificou-se a presença do rótico /r/ do holandês no PFS, atestado por mais de um auxiliar linguístico o que

evidencia uma transferência do holandês para o PFS de um fenômeno fonológico não atestado no português brasileiro como um todo, mas apenas em áreas muito específicas e por população não jovem.

- Fenômenos morfológico-lexicais referentes, de modo geral, a especificidades ligadas ao léxico. Observaram-se questões iniciais sobre a categoria ideofone e ainda atestaram-se expressões idiomáticas. Alguns desses casos apontam diretamente para questões de contato linguístico com a língua holandesa e o sranantongo principalmente.
- Fenômenos sintáticos observando-se os seguintes aspectos: alternância ou ausência de concordância dos verbos ou no sintagma nominal, clivagem, próclise categórica ou predileção pelo uso da preposição “a”. Ainda dentro dos fenômenos sintáticos, apresentou-se uma subseção dedicada à negação verbal no PFS.
- Fenômenos sintático-fonológicos que foram organizados a partir da evidenciação de fenômenos de cliticização.

Após a descrição e análises iniciais de fenômenos gramaticais do PFS, apresentou-se, na última subseção do capítulo quatro, uma proposta de inserção do PFS dentro de uma taxonomia dos estudos do contato linguístico. Propôs-se que o PFS esteja em uma situação de “manutenção” moderada e de convergência conforme a descrição de Windford (2003). Logo, o PFS mantém características linguísticas do português falado no Brasil, mas com interferência e empréstimos linguísticos das línguas locais do Suriname. Na pesquisa, foi possível observar que, em meio à comunidade brasileira que habita o Suriname, há diferenças entre o português falado pelos que moram na capital, em Paramaribo, e o português falado nos garimpos. Assim, os auxiliares linguísticos entrevistados em Paramaribo e que têm relação direta com o garimpo (no interior do Suriname) atestaram em sua fala o traço gramatical fonológico: rótico /r/ do holandês além de um uso expressivo de empréstimos provenientes das línguas sranantongo e saramaccan.

Corroborou-se ainda, na variedade PFS, o uso de ideofones que podem estar ligados ao sranantongo bem como expressões idiomáticas que podem ser empréstimos direto do sranantongo, do saramaccan e do holandês.

Logo, como apontado ao final do capítulo quatro, a proposta que se apresenta neste trabalho é a de que, por meio dos fenômenos linguísticos observados no português falado no Suriname – PFS – e observados à luz da Linguística de Contato, a variedade de português PFS encontra-se em situação de “manutenção de língua”. No caso, mantêm-se as macro características do “português falado no Brasil”. O PFS em situação de contato atesta “situações de empréstimo”: lexical e estrutural (ainda que ‘leve’) e “situações de convergência” com mudanças estruturais leves, principalmente de caráter fonológico e léxico.

A pesquisa aponta para a necessidade de se aprofundarem estudos sobre os fenômenos gramaticais da variedade PFS por meio da ampliação de *corpus* não apenas de Paramaribo mas ainda de falas nos garimpos onde os brasileiros encontram-se em ligação direta com línguas crioulas. Pesquisas no interior do Suriname podem atestar outros tipos de contato linguístico diferentes do apresentado nesse trabalho e isso é importante não apenas para melhor se aclarar acerca do quadro geral etnolinguístico do Suriname mas também para ampliar os novos rumos em que parte da Linguística de Contato hodierna se insere: o dos estudos das variedades de línguas europeias que são faladas fora do continente europeu e sua evolução. Estudos sobre o português vernacular brasileiro já são realizados há décadas, mas é bem nova a atual concentração de pesquisas do português falado fora do Brasil e de Portugal.

REFERÊNCIAS

- ABS - ALGEMEEN BUREAU VOOR DE STATISTIEK. **Resultaten Achtste Volks-en Woningtelling in Suriname (volume II- versie 2)**. Disponível em: < <https://unstats.un.org/unsd/demographic/sources/census/wphc/Suriname/SUR-Census2012-vol2.pdf> >. Acesso em 18 de março, 2017.
- ADAMS, L. E. **Understanding Jamaican Patois**: An introduction to Afro-Jamaican grammar. Jamaica: Kingston Publishers Limited. 1993.
- ADAMSON, L.; SMITH, N. Saranan. In: ARENDS, J.; MUYSKEN, P.; SMITH, N. **Pidgins and creoles: an introduction**. Amsterdam: John Benjamins. p. 219-232. 1984.
- ALEXANDRE, N.; OLIVEIRA, M. S. D. Caboverdiano e português: cotejando estruturas focalizadas. In OLIVEIRA, M. S. D.; ARAUJO, G. A. (orgs). **O português na África atlântica**, p. 165-190. São Paulo: Humanitas/ FAPESP. 2018.
- ALKMIN, T. M. **Coelho, Schuchardt e Hesseling**: Encontros e desencontros entre pioneiros dos estudos crioulos. Belo Horizonte: Ver. Est. Ling.1995, p.5-16.
- AGENCIA BRASIL. **Português já é uma língua global**. Disponível em < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-09/chanceler-luso-diz-que-portugues-ja-e-uma-lingua-global-e-vem> > Acesso em 21 setembro, 2018.
- APPEL, R.; MUYSKEN, P. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel.1996.
- ARENDS, J. **Syntactic Developments in Sranan**: Creolization as a Gradual Process. Dbnl. The Netherlands. 1989
- ARENDS, J.; MUYSKEN, P.; NORVAL, S. **Pidgins and creoles**: an introduction. Amsterdam: John Benjamins. 1994.
- Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online (APiCS). Edited by Michaelis, Susanne Maria & Maurer, Philippe & Haspelmath, Martin & Huber, Magnus. 2013. Disponível em < <https://www.eva.mpg.de/linguistics/past-research-resources/language-contact/atlas-of-pidgin-and-creole-language-structures-apics.html> > Acesso em 15 de maio, 2017.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola. 2012.

BAKKER, P.; SMITH, N.; VEENSTRA, T. Saramaccam. In ARENDS, J.; MUYSKEN, P.; SMITH, N. **Pidgins and creoles**: an introduction. Amsterdam: John Benjamin. 1994, p.165-178.

BAKKER, P. Pidgins. In Arends, J.; Muysken, P.; Smith, N. **Pidgins and creoles**: an introduction. Amsterdam: John Benjamins. 1994, p. 219-232.

BAKKER, P. **Pidgin inflectional morphology and its implications for creole morphology**. New York: Kluwer Academic Publishers. 2003.

BAKKER, P.; FINN, B.; CARSTEN, L.; EEVA, S. **Creole Studies**: Phylogenetic Approaches. Amsterdam: John Benjamins. 2017.

BAKKER, P., SIPPOLA, E. & BORCHSENIUS, F. Methods – on the use of networks in the study of language contact. In BAKKER, P. et al. (Org.). **Creole Studies**: Phylogenetic Approaches (pp. 59–78). Amsterdam: John Benjamins. 2017.

BARTENS, A. **Ideophones and Sound Symbolism in Atlantic Creoles**. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica. 2000.

BELLIN, J. **Carte De La Guiane**. Instituto Autônomo Biblioteca Nacional. 1763.

BOWERN, C. Fieldwork in contact situations. In HICKEY, R. (org.) **The Handbook of Language Contact**. Oxford: Blackwell-Publishing, p. 340-357. 2010.

BRIGGS, P. **Suriname: the Bradt Travel Guide**. IDC House. England. 2015.

BRINTON, M.D. **The Arawack Language of Guianas in its Linguistics and ethnological relations**. McCalla & Stavely Printers. Philadelphia. 1871.

CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes Ltda. 1970.

CAMPBELL, M. **The Maroons of Jamaica, 1655-1796**. Trenton, NJ: Africa World Press. 1990.

CAMPBELL, L.; GRONDONA, V. **The Indigenous Languages of South America: A Comprehensive Guide**. Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, Berlin. 2012.

CAMPOS, E. **A sintaxe pronominal na variedade afro-indígena de Jurussaca**: uma contribuição para o quadro da pronominalização do português falado do Brasil. 2014. Tese de doutorado – Universidade de São Paulo. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-18032015-174310/pt-br.php>>. Acesso em 18 março de 2019.

CARLIN, E.B.; LÉGLISE, I.; MIGGE, B.; TJON SIE FAT, P.B. **In and Out of Suriname**: Language, Mobility and Identity. Leiden: Brill. 2015.

CASSIDY, F.G. & LE PAGE, R.B. **Dictionary of Jamaican English**. Barbados: University West Indies Publishers. 2003.

CASTILHO, A. T. D. **Nova Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto. 2010.

CAVALCANTE, R. **A negação pós-verbal no português brasileiro**: Análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes. Dissertação de Mestrado. UFBA. 2007.

CAVALCANTE, R. A negação sentencial. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.) **O português Afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA. 2009.

CECIM, J. F. **O português afro-indígena de Jurussaca/PA: revisitando a descrição do sistema pronominal pessoal da comunidade a partir da textualidade**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo 2014.

CENTRAAL BUREAU VOOR STATISTIEK (CBS). **Aantal Surinamers in Nederland**. Den Haag. Netherlands. 2008.

CHARRY, E., KOEFOED, G. & MUYSKEN, P. (red). **De talen van Suriname**. Muideberg, Netherland: dbnl. 1983.

CNTRL, Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. 2012. Disponível em < <http://www.cnrtl.fr/definition/patois>>. Acesso em 18 mar. 2018.

COELHO, F. A. **A Língua Portuguesa**. Porto: Universal. 1881.

COELHO, F.A. **Os dialectos romanicos ou neo-latinos na África, Ásia e América**. Lisboa: Casa da Sociedade de Geografia. Imprensa Nacional. 1881

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexicon. 2007.

DALET, D. **Language of Suriname**: d-maps. Disponível em < <https://sblanguagemaps.wordpress.com/2012/12/08/languages-of-suriname/>> Acesso em 20 de junho, 2017.

DETONI, R. do V. A concordância de gênero no falar cuiabano: a trajetória de uma mudança linguística em curso. In: Almeida, Manoel M. S; Cox, Maria Inês P. (orgs.). **Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. Cuiabá, MT: Cathedral Publicações. 2005.

DO NASCIMENTO, C. A. R. **A negação no Português falado em Vitória/ES**. Dissertação de mestrado. UFES. 2014.

DOKE, C. M. **Bantu Linguistic Terminology**. London: Longmans/Grenn. 1935.

EBERHARD, D. M.; GARY F. S.; CHARLES D. F. (eds.). **Ethnologue**: Languages of the World. Twenty-second edition. Dallas, Texas: SIL International. 2019.

ESSED, E.V. De veranderende status van Sranan 4. In: CHARRY, E., KOEFOED, G. & MUYSKEN, P. (red). **De talen van Suriname**. Muideberg, Netherland: dbnl. 1983

FARACO, C. A. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial. 2016.

FARQUHARSON, J. T. 2013. Jamaican structure dataset. In: Michaelis, Susanne Maria & Maurer, Philippe & Haspelmath, Martin & Huber, Magnus (eds.) **Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. 2013. Disponível em <<http://apics-online.info/contributions/8>>. Acesso em 27 de abril, 2019.

FERGUSON, J.A.; BLACK, C.V.; BRYAN,P.; BUISSERET, D.J. **Jamaica**. Disponível em: < <https://www.britannica.com/topic/transatlantic-slave-trade> >. Acesso em 21 abr 2019.

FERGUSON, C. A. **Diglossia, WORD**. DOI: 10.1080/00437956.1959.11659702. 1959. p. 325-340.

FIGUEIREDO, C. F. G; OLIVEIRA, M. S. D.. **Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil**: cotejando os sistemas de pronominalização//The Portuguese spoken in Libolo, Angola, and the Portuguese spoken in Jurussaca community, Brazil: comparing the pronominalization. PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico. V. 23(2). 2013, p. 105-185.

FONSECA, Vandr. **Porque o mercrio usado na minerao de ouro**. 2013. Disponível em <<https://www.oeco.org.br/reportagens/26988-porque-o-mercuro-e-usado-na-mineracao-de-ouro/>>. Acesso em 12 de maio d 2019

FRAGA, L. **O portugus falado por descendentes de holandeses em Carambe (PR) e os rticos em coda**. Pelotas: Linguagem & Ensino, Pelotas. V.11(2). 2008, p. 349-376.

GALVES, C. **Ensaio sobre as gramticas do portugus**. Campinas: Editora da UNICAMP. 2001.

GOOD, J. Loanwords in Saramaccan. In HASPELMATH, M. & TADMOR, U. (eds.), **Loanwords in the world's languages: A comparative handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter. 2009, p. 918–943.

GOTTLIEB, K. **The Mother of Us All: A History of Queen Nanny**. Trenton, NJ: Africa World Press. 2000.

HEEMSKERK, M. **Demarcation of indigenous and maroon lands in Suriname**. Report commissioned by the Gordon and Betty Moore Foundation and Amazon Conservation Team Suriname. (2009). Disponível em <http://mariekeheemskerk.org/Reports/Demarcation_final_May_2009.pdf>.

HICKEY, R. (org.) **The Handbook of Language Contact**. Oxford: Blackwell-Publishing. 2010.

HOFF, B. The languages of the Indians of Surinam and the comparative study of the Carib and Arawak. In: **Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde** 111, no: 4, Leiden. 1955, p. 325-355

HOLM, J. **Pidgins and Creoles**. Vol. I. Theory and Structure. Cambridge: Cambridge University Press. 1988.

HOLM, J. **Pidgins and Creoles**. Vol. II. Reference Survey. Cambridge: Cambridge University Press. 1988.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto. 2006.

ILTEC. **Portal da Língua portuguesa**. Disponível em <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php> > Acesso em 5 de março, 2019.

IPENBURG, J. **Joden in Suriname**: 400 jaar Surinaams Jodendom aankomst, glorie tijd, neergang. Elburg (Netherlands): Uitgeverij Frontisterion. 2015.

JAMAICAN PATWAH. **Patois and Slang dictionary**. 2018. Disponível em <<http://jamaicanpatwah.com/>>. Acesso em 20 mar. 2018.

KISHNA, S. Sarnami. In: CHARRY, E., KOEFOED, G. & MUYSKEN, P. (red). **De talen van Suriname**. Muideberg, Netherland: dbnl, p.66-91. 1983.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LEITE, F. R. **A Língua Geral Paulista e o “Vocabulário elementar da Língua Geral Brasileira”**. Campinas: UNICAMP. Dissertação de Mestrado. 2013.

LÉGLISE, I.; MIGGE, B. Language Practices and Linguistic Ideologies in Suriname: Results from a School Survey. In: CARLIN, E.B, LÉGLISE, I., MIGGE, B. & TJON SIE FAT, P.B. In: **In and Out of Suriname**: Language, Mobility and Identity. Brill. Leiden. 2015, p.13-57.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Schwarz Ltda. 2009.

LEWIS, T. Transatlantic slave trade. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/transatlantic-slave-trade>>. Acesso em 19 abr 2019.

LIE, C. Het Sranan van de verschillende bevolkingsgroepen: uniform of verschillend?. In Charry.E, Koefoed.G, Muysken.P. **De talen van Suriname**. D.Coutinho, Muiderberg. 1983, p.53-65.

LISBOA, J.F.K. **Escolarização e Intelectuais Indígenas: da formação à emancipação**. Brasília: Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas. Vol.11 Nº2. 2017.

LOOR, A.1992. Opgegaan in een Surinaamse cultuur. In van Binnendijk. C en Faber. P. *Sranan*. **Cultuur in Suriname**. Koninklijk. Instituut voor de Tropen, Amsterdam. 1992, p.78-83.

LÓPEZ, J. M. **Lenguas en contacto**. Madrid: Arco Libros. 1997.

LOPÉZ MORALES, H. **Sociolingüística**. Madrid: Gredos. 1989.

LUCHESSI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA. 2009.

MAGELLAN, G. Mapa Suriname. Disponível em < <http://equattoria.blogspot.com/2010/04/conheca-o-suriname.html> >. Consulta em 21 abr 2016.

MATTOS, A. P. B; OLIVEIRA, M. S.D. **Tabela de traços de variedades de português e de línguas crioulas de base portuguesa**. 2017, manuscrito.

MELO, H. **Ideofones**: um estudo no falar paraense. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará. 2007.

MELLO, H. Methodological issues for spontaneous speech corpora compilation. In **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam. 2014, p.27-68.

MELLO, H. **What Corpus Linguistics can offer Contact Linguistics**: the C-Oral-Brasil corpus experience. São Paulo: PAPIA. 2014, p.407-427.

MELLO, H.; RASO, T. **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. Amsterdam / Philadelphia. John Benjamins Publishing Company. 2014.

MELLO, H et al. Transcrição e segmentação prosódica do corpus C-Oral-Brasil: critérios de implementação e validação. In RASO, T. & MELLO, H. **C-ORAL-BRASIL I Corpus de referência do português brasileiro falado informal**. Belo Horizonte: UFMG, p.125- 141.2012.

MENKE, I.D. **Grammatica van het Surinaams**. Paramaribo: VACO.1986.

MIGGE, B. **Putting Matawai on the Surinamese Linguistic Map**. Journal of Pidgin and Creole Languages. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2017. hal-01495044.

MOLLICA, M. C. **Queísmo e dequeísmo no português do Brasil**. Departamento de Linguística e Filologia, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese de Doutorado. 1989.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel. 2005.

MOV. **Meertaligheid in het onderwijs in Suriname**. Suriname. 2012.

MRE. Brasileiros no mundo. 2010. Disponível em <
<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/associativismo-e-politicas-para-as-comunidades/CRBE/conselho-de-representantes-de-brasileiros-no-exterior-crbe> >
Acesso em 2 de outubro, 2017.

MUYSKEN, P.; SMITH, N. The study of pidgin and creole languages. In Arends, J.; Muysken, P.; Smith, N. (Orgs). **Pidgins and creoles: an introduction**. Amsterdam: John Benjamins. 1994, p. 3- 14.

MUYSKEN, P. Media Língua. In THOMASSON, S.G. **Contact Languages: A Wider Perspective**. Amsterdam: John Benjamins. 1997^a,p.365-426.

MUYSKEN, P. Scenarios for Language Contact. In HICKEY, R. **The Handbook of Language Contact**. Singapore: Blackwell. 2010, p. 265-281.

MUYSKEN, P.; SMITH, N. The study of Pidgin and Creole language. In ARENDS, J.; MUYSKEN, P.; SMITH, N.; **Pidgins and Creoles: an introduction**. Amsterdam: John Benjamin. 1994,p.3-14.

NATIONAAL, A. **In 21 stappen vrij onverveerd**: constitutionele topstukken van het Nationaal Archief. Amersfoort: Nationaal Archief. 2009.

NOBRE, W. C. **Introdução à historia das Linguas Gerais no Brasil**: processos distintos de formação no período colonial. Salvador: UFBA. Dissertação de Mestrado. Disponível em <
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8334/1/Wagner%20Carvalho%20de%20Argolo%20Nobre.pdf> > Acesso em 18 de março, 2019.

OLIVEIRA, M. S. D. **Análise Sintática do Português Falado no Brasil- Volume 1**. Rio de Janeiro: MULTIFOCO. 2010.

OLIVEIRA, M. S. D. **DPs/WHPs followed by highlihter in Atlantic restrucutured languages**: a non cleft construction. PAPIA 24(2) , p. 429-450. A Festschrift for John A. Holm – Parte 2. Disponível em:<

<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/2205/1973>> Acesso em: 02 de abril de 2019.

OLIVEIRA, M.S.D; CAMPOS, E.; FERNANDES, J.T.V. Repensando a escola em Jurussaca a partir da “norma dos pronomes pessoais da comunidade”. In Ana Stela de Almeida Cunha (org.), **Entendendo quilombos, desconstruindo mitos** – a educação formal e a realidade quilombola no Brasil, vol. 1. Guimarães, MA: SETAGRAF. 2011, p. 129-144..

OLIVEIRA, M.S.D. et al. O conceito de português afro-indígena e a comunidade de Jurussaca. In AVELAR, J.O. & LOPEZ, L. A. (eds.), **Dinâmicas afro-latinas: língua(s) e história(s)**. Frankfurt am Main: Peter Lang. 2015, p. 160-161).

OLIVEIRA, M. S. D.; ZANOLI, M. L.; ANDRADE, G. M. **Marcadores Discursivos no português falado em Angola, subvariedade Libolo**: um estudo inicial de base prosódico-pragmática. In *Filologia e Linguística Portuguesa*. V.20. 2018, p.159-186.

OLIVEIRA, M.S.D. de; ZANOLI, M.L; MÓDOLO, M. **O conceito de “Língua Geral do Brasil” revisitado à luz da linguística de contato**. *Journal of Ibero-Romance Creoles* 9.1. 2019, p. 306-333.

OLIVEIRA, R. G. de. Amazônia Caribenha: a regionalização, os caminhos históricos e culturais. In OLIVEIRA, R. G. & JUBITHANA-FERNAND, A. I. (Orgs.). **Dos Caminhos Históricos aos Processos Culturais entre Brasil e Suriname**. Boa Vista-RR: EdUFRR. 2014.

OLIVEIRA, R.S.; RIBEIRO, J.P. **Wortubuku. Sranantongo para Brasileiros**. Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília. 2011.

OXFORD DICTIONARIES. Disponível em < <https://www.oxforddictionaries.com/>>. Acesso em: 20 de mar. 2018.

PAGOTTO, E. Crioulo sim, crioulo não: uma agenda de problemas. **Português Brasileiro: descrição, história e aquisição**. Campinas: Pontes. 2007, p. 461-482.

PARKVALL, M. The simplicity of creoles in a cross-linguistic perspective. In MATTI, M.; SINNEMÄKI, K. & KARLSSON, F. (eds.). **Language Complexity**. Amsterdam: John Benjamins. 2008, p. 265-285.

PARRY, C. **Consolidated Treaty Series**.. Oceana Publications. New York. Vol.10. 1969[1981].

PAYNE, T. E. **Describing Morphosyntax: a guide for field linguists**. UK.CUP. 1997.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial. 2010.

PORTUGUÊS JÁ É UMA LÍNGUA GLOBAL. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-09/chanceler-luso-diz-que-portugues-ja-e-uma-lingua-global-e-vem>>. Acesso em 17 mar 2018.

POSTMA, J.(1975). The origin of African slaves: the Dutch activities on the Guinea Coast, 1675-1795. In: ENGERMAN, S.L. & GENOVESE, E.D. (eds.). **Race and slavery in the western hemisphere: quantitative studies..** Princeton. 1975.

PRICE, R. **The Guiana maroons:** a historical and bibliographical introduction. Baltimore. 1976.

PRICE, R. **The first time:** The historical vision of an Afro-American people. Baltimore: Johns Hopkins. 1983.

RASO, T. Prosodic constraints for discourse makers. In: **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam. 2014, p.411-467.

RASO, T.; MELLO, H. **Linguística de Corpus e Computacional**. In Veredas on-line. Juiz de Fora: PPG LINGUISTICA / UFJF. 2009, p. 20-35

RASO, T.; MELLO, H. **Parâmetros de compilação de um corpus oral:** o caso do C-ORAL-BRASIL. VEREDAS *on-line* – Linguística de corpus e computacional (2). 2009. Disponível em:< <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/11/ARTIGO-Tommaso-Raso-e-Heliana-Mello.pdf> > Acesso em 1 de maio, 2017.

RASO, T.; MELLO, H.(orgs.). **C- Oral-Brasil I: Corpus** de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: UFMG. 2012.

RENS, L.L.E. **The Historical and Social Background of Surinam Negro-English**. Amsterdam. 1953.

ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). **Português brasileiro – Uma viagem diacrônica**. Ed. Contexto. Campinas. São Paulo. 2018

RODRIGUES, A. **As línguas gerais sul-americanas**. São Paulo: Papia 4,2. 1996, p.6-18.

S/A. **Peoples of the Americas**. Marshall Cavendish. New York, USA. V.8. 1999.

SILVA, J.F.C. **O português afro-indígena de Jurussaca/ PA:** revisitando a descrição do sistema pronominal pessoal da comunidade a partir da textualidade. Tese de doutorado – Universidade de São Paulo. Disponível em < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-28052014-123049/pt-br.php>> Acesso em 19 de abril, de 2019.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto. 1998.

SMITH, N. The history of the Surinamese creoles II: Origin and differentiation. In E. B. CARLIN and J. ARENDS (Eds.) **Atlas of the languages of Suriname**, 131–151. Leiden: KITLV Press. 2002.

SVARTAMAN, F. et al. **A partícula k' no cabo-verdiano de São Nicolau – o 'Estado da Arte'**. Papia 25(2), p. 263-301. 2015.

TAALUNIE, N. **Meertaligheid in het onderwijs in Suriname**. Suriname. 2012.

THOMASSON, S.G. A typology of Contact Languages. In SPEARS, A; WINDFORD, D. **Pidgins and Creoles: Structure and Status**. Amsterdam: John Benjamins. 1997, p.71-88.

THOMASSON, S.G.; KAUFMAN, T. **Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics**. Berkeley: University of California Press. 1988.

TORRES MORAIS, M. A. C. R.; BERLINCK, R. A. Eu disse pra ele ou disse-lhe a ele: a expressão do dativo nas variedades brasileira e europeia do português. In CASTILHO, Ataliba. T et al (orgs.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. São Paulo: Pontes, FAPESP. 2007.

UNILASALLE VIRTUAL. **Tutorial Audacity**. Disponível em <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000013570.pdf>> Acesso em 7 de junho, 2018.

UNIVERSITY COLLEGE LONDON. **Inleiding Nederlandse Taalkunde: Fonologie**. 2012. Disponível em <https://www.ucl.ac.uk/dutchstudies/an/SP_LINKS_UCL_POPUP/SPs_dutch/linguistics/sound_phonology.html>. Acesso em 13 abr. 2019.

VEGINI, V. **As realizações dos róticos no português brasileiro: um recorte fone-estilístico**. Brasil. Revista Virtual de Estudos da Linguagem. 2007.

VAN DORT- SLIJPER, M.K. **Inleiding in de fonologie van het nederlands en de raakvlakken van fonologie en spelling**. Het Nederlands. UVA. 1998.

VAN DER HILST, E. **Skrifi Sranantongo, leysi en bun tu**. Paramaribo: Alberga. 1988.

VOORHOEVE, J. Historical and linguistic evidence in favour of the relexification theory in the formation of creoles. **Language in Society**, 2(1). CUP, p.133-145. 1973.

VOORHOEVE, J.; LICHTVELD, U.M. **Creole drum. An Anthology of Creole Literature in Surinam**. Yale University Press. Londen. 1975[2006].

WEINREICH, U. **Languages in contact: French, German and Romansh in twentieth-century Switzerland**. With an introduction and notes by Ronald I. Kim and William Labov. Amsterdam: John Benjamins. 2011.

WESTMAAS, A.Y. Meertaligheid. In: CHARRY, E., KOEFOED, G. & MUYSKEN, P. (red). **De talen van Suriname**. Muideberg, Netherland: dbnl, p.162-187. 1983

WINDFORD, D. **An Introduction to Contact Linguistics**. Malden: Blackwell Publishing. 2003.

WORLDOMETERS. Disponível em <https://www.worldometers.info/united-nations/>. Acesso em 11 de março, 2019.

WORLD HERITAGE ENCICLOPEDIA (WHE). Disponível em <<http://www.self.gutenberg.org/articles/eng/urinam>>. Acesso em 03 de janeiro, 2018.

APÊNDICE A

Neste apêndice, apresentam-se fotos de autoria própria sobre o Suriname, que mostram a influência cultural exógena no Suriname: (i) A primeira parte é dedicada a aldeia Galibi, na qual habitam os Karib e a influência dos povos originários na cultura surinamesa; (ii) a segunda parte apresenta a arquitetura holandesa colonial e a Sinagoga construída pelos sefarditas que chegaram ao Suriname, desde o Brasil; (iii) seguidamente, apresentam-se fotos que atestam o passado escravocrata do Suriname colônia; (iv) a continuação, se mostra a presença asiática a partir de três construções relacionadas com as religiões de Índia, Indonésia e China, assim como algumas comidas típicas do Suriname procedentes destas culturas asiáticas; (v) nesta subseção se descreve fotograficamente o bairro de *Tourtonnenlaan*, o bairro brasileiro, com fotos que ilustram os serviços oferecidos nos comércios da região; (vi) no penúltimo grupo de fotos, se faz um percurso pelo centro de Paramaribo, mostrando algumas ruas coloniais e o mercado central; (vii) por último, se apresentam fotos relacionadas com a maior festa de rua que acontece no Suriname, o “Ouwre Yari” ou ano velho, que é o equivalente ao réveillon brasileiro, mas com um “ar” de carnaval baiano, com trios, bandas, dj e muita queima de petardos vermelhos chineses, aliás, esse é o maior atrativo da festa a queima de trancas de petardos:

1.- Galibi, Povoado Karib (Suriname)

Foto 1 – Galibi, povoado karib nas margens do Rio Maroijne, perto de sua desembocadura

Fonte: própria

Foto 2 – Centro de Atenção à Mulher. O painel está em 3 línguas: kalina (worian=mulher; uwaponaka= lugar de encontro ou atenção); holandês (os horários); inglês (visitor centre = local de visitas/ atenção a visitantes)

Fonte: própria

Foto 3 - Faixa de despedida para os visitantes do povoado Galibi. Escrito em kalina “Amy jako terá a” (“Fique com Deus”)

Fonte: própria

Foto 4 - Campanha governamental para a sustentabilidade. A faixa está em duas línguas: inglês (localizing the sustainable development goals = localizar os objetivos de desenvolvimento sustentável) e sranatongo (SDG gi yu, SDG gi mi, SDG gi wi ala, gi wan betre tamara! = (SDG é Desenvolvimento das Metas de Sustentabilidade; SDG pra você, SDG para mim, SDG para todos, para um amanhã saudavel!). Tradução do Pastor Abimael.

Fonte: própria

Foto 5 - Colégio do Povoado de Galibi

Fonte: própria

Foto 6 - Brasão do Suriname com a figura de dois índios, o lema "Justitia - Pietas - Fides" (Justiça - Piedade - Lealdade). O navio representa o passado de escravidão, e a palmeira, o presente. A estrela de 5 pontas representa os 5 continentes de onde vêm as populações que formam o Suriname.

Fonte: própria

2.- O Passado Holandês

Foto 1 - Forte Zelândia. A fortificação foi erguida no início do século XVII na margem esquerda do rio Suriname. Aqui é onde a cidade de Paramaribo nasceu.

Fonte: própria

Foto 2 - Palácio presidencial construído pelos holandeses em 1730. Hoje serve de residência oficial do presidente do país

Fonte: própria (2016).

Foto 3 - Vivenda típica holandesa em Paramaribo

Fonte: própria

Foto 4 - Casa Suzanne du Plessis, hoje prédio da administração pública. Construção holandesa de 1750.

Fonte: própria

Foto 5 - Sinagoga Neve Shalom. Construída em 1723 pela comunidade sefardí e depois compartilhada com a comunidade judaica asquenazi. Foi reformada em 1843-44

Fonte: própria

3.-O Passado Africano

Foto 1 - Mama Sranag (Mae Sranag = Terra, a que cuida de nos). Escultura que recebe a todos as pessoas que chegam a Suriname pelo aeroporto internacional de Zanderij, Suriname. A obra é do escultor Jhunry Udenhout, realizada com motivo do aniversário dos 40 anos de independência.

Fonte: própria

Foto 2 - Grilhetes usados com os antigos africanos escravizados pelos holandeses, expostos no Museu do Forte Zelandia, em Paramaribo.

Fonte: própria

Foto 3 - Cartão de identificação de um escravo. Sua origem vem denominada pelo nome do barco, dessa forma, sabe-se onde foi embarcado, não necessariamente, sua procedência de origem: número 34, Cormartijn (barco), jovem (jongen) masculino.

Fonte: própria

Foto 4 - Tambor de origem Maroon

Fonte: própria

Foto 5 – Prato de comida ao estilo “crioulo”

Fonte: própria

Foto 6 - Campanha de conscientização meio ambiental, no centro da capital Paramaribo, na língua franca, sranantongo, a língua crioula mais falada no Suriname. No texto: “Suriname, valorize (saiba) o que você tem. Mantenha (cuide) nossa floresta” (tradução do Professor Abimael Silva)

Fonte: própria

4.- Diáspora Asiática

Foto 1 - Placa de comemoração da chegada do primeiro contingente de trabalhadores chineses

Fonte: própria

Foto 2 – Templo chinês no centro de Paramaribo

Fonte: própria

Foto 3 – Templo hindu na periferia de Suriname

Fonte: própria

Foto 4 - Prato típico javanês

Fonte: própria

Foto 5 - Roti, prato típico da Índia, muito popular no Suriname

Fonte: própria

Foto 6 – Edifício de estilo javanês no centro de Paramaribo

Fonte: própria

5.- Kleine Belém (Tourtonnenlaan), o bairro brasileiro

Foto 1 - Belenzinho

Fonte: própria

Foto 2 – Farmácia em Belenzinho

Fonte: própria

Foto 3 - Agência de passagens aéreas

Fonte: própria

Foto 4 - Loja com suprimentos para o garimpo

Fonte: própria

Foto 5 - Lanchonete de rua

Fonte: própria

Foto 6 - Lanchonete

Fonte: própria

Foto 7 – Academia de ginástica Brasileira

Fonte: própria

Foto 8 - Centro Cultural Brasil- Suriname

Fonte: própria

Foto 9 - Loja brasileira em Kleine Belém

Fonte: própria

Foto 10 – Loja brasileira na rua Flamingostraat, rua adjacente à Avenida Tourtonnenlaan

Fonte: própria

Foto 11 – Restaurante “Brasileirissimo”

Fonte:

própria

Foto 12 – Loja surinamesa de produtos ligados às máquinas do garipo

Fonte

própria

6 – Centro Paramaribo

Foto 1 – Mesquita, do lado da Sinagoga sefardita

Fonte: própria

Foto 2 – Venda ambulante no centro de Paramaribo

Fonte: própria

Foto 3 – Centrale Markt – Mercado Central, em Paramaribo.

Fonte: própria

Foto 4 – Rua do Hostel *Kleine Historie* que serviu de hospedagem durante a pesquisa de campo

Fonte: própria

Foto 5 – Estatua de Kwakoe, herói maroon, no centro da cidade de Paramaribo

Fonte: própria

7. Festa Ouwry Yari (ano velho).

Foto 1 – Queima de petardos vermelhos

Fonte: própria

Foto 2 – Trio Electrico

Fonte: própria

Foto 3 – Homem vestindo a camiseta do réveillon. Esta escrito em sranantongo: Ano velho, Suriname (traduzido)

Fonte: própria

Foto 4 – Último por do sol em Paramaribo

Fonte: própria

ANEXO A

(TABELA ORIGINAL DE WINDFORD, 2003: 19-20)

Major outcomes of language contact

(A) Language maintenance

I Borrowing situations

Degree of contact	Linguistic results		Examples
Casual	Lexical borrowing only		Modern, English Borrowings from French, e.g., <i>ballet</i>
Moderate	Lexical and slight structural borrowing		Latin influence on Early Modern English; Sanskrit influence on Dravidian languages
Intense	Moderate borrowing	structural	German influence on Romansh

II Convergence situations

Type of contact	Linguistic results		Examples
Contiguous geographical location	Moderate diffusion	structural	Sprachbünde, e.g., the Balkans
Intra-community multilingualism	Heavy structural diffusion		Marathi/ Kannada influence on Kupwar Urdu
Intense pressure on a minority group	Heavy structural diffusion		Tibetan influence on Wutun; Turkish influence on Asia Minor Greek
Intense inter-community contact (trade, exogamy)	Heavy lexical and structural diffusion	and/or	The languages of Northwest New Britain; the languages of Arnhem Land, Australia

(B) Language shift

Continuação Tabela Windford

Type of shift	Linguistic (substratum)	results	Examples
Rapid and complete (by minority group)	Little or no substratum interference in TL		Urban immigrant groups shifting to English in the US
Rapid shift by larger or prestigious minority	Slight to moderate substratum interference in TL		Norman French shift to English in England
Shift by indigenous community to imported language	Moderate to heavy substratum interference		Shift to English by Irish speakers in Ireland (Hiberno-English); shift to English dialects in seventeenth-century Barbados (intermediate "creole")

(C) Language creation (new contact languages)

Type	Characteristics
Bilingual languages	mixed Akin to cases of maintenance, involving incorporation of large portions of an external vocabulary into a maintained grammatical frame
Pidgins	Highly reduced <i>lingua francas</i> that involved mutual accommodation and simplification; employed in restricted functions such as trade
Creoles	Akin to cases of both maintenance and shift, with grammars shaped by varying degrees of superstrate and substrate influence, and vocabulary drawn mostly from the superstrate source